NA PÁGINA 3: UM ARTIGO DE RAUL REGO SOBRE O BISPO DE VISEU

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 21 DE JUNHO DE 1969 N.º 16 703 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE LOTARIA NO CAMPIÃO

A CASA DA SORTE NO JOGO QUE TEM SIDO O AMPARO DE MUITA GENTE

RODÉSIA: República em 11 de Novembro

SALISBURY, 21 — (R.) — O primeiro-ministro Ian Smith indicou hoje claramente que a Rodésia proclamará a República em 11 de Novembro deste ano, quarto aniversário da independência.

Falando numa conferência de Imprensa depois de uma vitória estrondosa no referendo constitucional, Smith, quando lhe perguntaram quando daria o próximo passo, proclamando a República, disse: «Ainda não decidimos». Porém, quando lhe perguntaram se a data podia ser o dia 11 de Novembro, respondeu: «É difícil ver algum inconveniente nessa data».

Enquanto Smith falava, estavam a chegar os resultados das zonas rurais que votaram no referendo, mas nessa altura há muito que a vitória era certa.

Às primeiras horas de hoje Smith já tinha 73 por cento de «sins» para as propostas de uma nova Constituição separatista e 81,6 por cento de votos a favor da República. É provável que os resultados de 10 eleitorados, que ainda não chegaram, aumentem esta margem.

Smith declarou na conferência de Imprensa que não via hipótese de renovar as discussões com a Grã-Bretanha antes da nova constituição da Rodésia entrar em vigor. Por outro lado o ministro britânico encarregado dos assuntos da Rodésia disse que se aquele país votasse «sim» no referendo nunca mais dialogaria com Ian Smith.

A reacção do mundo exterior ao novo acto de desafio de Ian Smith foi rápida. Porém, a maioria dos rodesianos brancos parece não se importar com isso.

Já preparados para os rigores das sanções, eles parecem despreocupados pelas perspectivas de uma quarentena a impor á Rodésia que os países afro-asiáticos estão a fazer pressão para que seja adoptada no Conselho de Segurança das Nações Unidas. O Conselho reunir-se-á na segunda-feira em

(Continua na 14.ª pág.)

Pompidou e Antoine Pinay: uma união em causa. Pinay, ex-membro do M. R. P., o partido demo-cristão da IV República, presidente do Conselho durante o regime deposto em 1958, ministro das Finanças do general de Gaulle de 1958 a 1960, revelou que recusara essa pasta no primeiro Governo de Pompidou. Dará hoje, contudo, uma ultima e definitiva resposta ao novo presidente

GISCARD D'ESTAING PROVÁVEL ALTERNATIVA PARA ANTOINE PINAY

PARIS, 21 — (A. N. I.) — O presidente Pompidou e o seu primeiro-ministro designado, Jacques Chaban-Delmas, reunem-se hoje novamente para elaborarem a lista do novo Governo francês, que deve ser anunciada, segundo círculos fidedignos, amanhã á noite.

Antoine Pinay, que foi ministro das Finanças e a quem

(Continua na ultima página)

CONFIAMOS NA VITÓRIA DA ACADÉMICA

— declarou-nos o presidente da Associação coimbrã

(Ler na página 20)

MAFRA ENTROU NA «REBITA»

Mafra aderiu ao folclore de Angola. Veio para o palco. Farreou, e, mais do que isso, entrou com o pé-direito no seu pé-de-rebita. Fez a sua «banga» e, faz favor (!), fê-la entusiàsticamente.

(LER REPORTAGEM NA PÁG. 15)

NOVO FILME DE BRIGITTE

Num muito oportuno choque de automóveis, o «Rolls» de Brigitte Bardot estabelece relações com o «2CV» de Jean Pierre Cassel — e a paixão ulmina ambos imediatamente. É este o argumento do novo filme que Michel Deville roda neste momento nos estúdios de Épinay, em França. A fotografia mostra Brigitte Bardot numa cena do filme

HOJE 40 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

A TV NÃO TRANSMITE A FINAL DA TAÇA

INACEITÁVEIS AS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELA FEDERAÇÃO

— SEGUNDO DECLARA A R. T. P.

A propósito da não transmissão da final da Taça de Portugal (facto que encontrou uma reacção extremamente desfavorável na opinião publica de todo o País) recebemos da Radiotelevisão Portuguesa o seguinte comunicado:

«A R. T. P., por considerar inaceitáveis as condições que lhe foram transmitidas pela Federação Portuguesa de Futebol, depois de consultados os clubes interessados para a transmissão directa do jogo da final da Taça de Portugal — *pagamento de 200 contos de direitos e a garantia do pagamento da diferença entre o montante dos bilhetes vendidos e a verba correspondente á lotação esgotada do Estádio Nacional* — não transmitirá amanhã como já foi anunciado por aquela Federação, o jogo a disputar entre o Sport Lisboa e Benfica e a Associação Académica de Coimbra.

O dr. Covas Lima homenageado hoje em Beja

DR COVAS LIMA

BEJA, 21 — A propósito da passagem do 40.º aniversário da sua actividade profissional, foi hoje prestada homenagem ao dr. António Covas Lima, prestigioso médico radiologista nesta cidade e que noutros sectores tem desenvolvido uma notável acção.

Assinale-se especialmente a sua iniciativa de há anos a favor dos tuberculosos pobres, criando, a fim de os auxiliar materialmente, a seara do dispensário.

À homenagem associaram-se não só os médicos de todo o distrito mas também as autoridades dos meios representativos e instituições regionais.

O programa da cerimónia abriu com o descerramento da lápida que dá o nome dr. Covas Lima à rua de acesso ao novo hospital regional. Discursou o presidente da Câmara, dr. Fernando Nunes Ribeiro; seguindo-se uma reunião médica na qual proferiram lições os profs. da Faculdade de Medicina de Lisboa, drs Arsénio Cordeiro e Celestino da Costa.

Seguir-se-á uma sessão do Grémio no ginásio do Liceu, sob a presidência do governador civil do distrito em representação do ministro da Saúde. Discursarão os drs. Manuel Marques da Costa, médico em Beja, Eduardo Vilarinho, director do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, prof. Albano Ramos, presidente da Sociedade Portuguesa de Radiologia e prof. da Universidade do Porto e dr. Aires de Sousa, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Nesta sessão serão entregues ao homenageado as medalhas de ouro das Câmaras de Beja, Serpa, Moura e ainda outras distinções que lhe foram atrobuídas por vários organismos e colectividades do Distrito e, por fim, realizar-se-á também no Liceu um banquete em que estão inscritas perto de 400 pessoas.

SINTOMA DE VALORIZAÇÃO CRESCENTE

O aumento de capital do Banco do Alentejo assinalou grande subida no número de accionistas

ÉVORA, 21 — Com a celebração da escritura, na sua sede nesta cidade, o Banco do Alentejo realizou o acto mais importante do seu último aumento de capital. Foi perante o notário da Comarca, dr. Francisco Manuel Moreno, e tendo como intervenientes o presidente do Conselho de Administração, dr. Quirino dos Santos Mealha, e os administradores capitão João Evangelista Duarte da Silveira e Rodolfo da Silva Abrantes, que o acto se realizou.

O capital do Banco do Alentejo passou de 50.130 contos para 75.000 contos, pela emissão de 165.800 acções do valor nominal de 150$00, postas à subscrição (em preferência para os accionistas) pelo valor de 205$00.

Dado que a diferença, por acção, de 55$00, é exclusivamente destinada a Fundos de Reserva, o montante de capital e reservas subiu para 102.989 contos.

Tal acto reveste-se do maior significado, aliás referido pelo dr. Francisco Moreno, que teve palavras de muita simpatia para o Banco do Alentejo, afirmando congratular-se, como alentejano, por participar na sua celebração, salientando o que poderia a instituição contribuir para o progresso da província, palavras que o Presidente do Conselho de Administração agradeceu.

Na verdade, o Banco do Alentejo tem observado progresso assinalável que se pode traduzir na passagem em três anos de 11.520 contos de capital para o valor ora atingido. Acresce que, paralelamente, se tem verificado aumento do número de accionistas em cada novo aumento de capital. A esta subscrição concorreram 1.229 accionistas, número que ultrapassou em 448 o total dos que tinham concorrido ao anterior aumento de capital efectuado em 1967.

Confraternização dos professores do Colégio Moderno

Num hotel dos arredores de Lisboa realizou-se hoje o já tradicional almoço de confraternização dos professores do Colégio Moderno. Ao todo cerca de 50 pessoas.

Assistiram ainda os membros da direcção, tendo presidido a figura veneranda do director e fundador daquele acreditado estabelecimento de ensino, o prof. João Soares.

O almoço decorreu no meio do melhor espírito de convivência e de camaradagem, tendo-se trocado afectuosos brindes.

O GENERAL GOODPASTER FOI-SE EMBORA

Deixa hoje Portugal, onde chegou ontem, o general Goodpaster, que em breve assumirá o comando das Forças Aliadas na Europa.

O general chegou ontem à tarde em avião militar especial, acompanhado pela esposa e por dois ajudantes, partindo esta tarde para a base aérea de Rota (Espanha). O general Andrew Goodpaster é, actualmente, o comandante-chefe das forças americanas na Europa.

Nas 24 horas que permaneceu no nosso País, o general Goodpaster avistou-se com o ministro da Defesa português e com o almirante Fluckey, chefe do M. A. A. G. em Portugal.

«Este foi mais um contrato para me orientar e receber uma orientação», disse o general.

«Estive aqui para ouvir e aprender. Mais tarde, talvez em Julho, voltarei a Lisboa, dessa vez para apresentar cumprimentos às autoridades portuguesas na qualidade de comandante supremo das forças aliadas na Europa».

VIDA SOCIAL

DR. MÁRIO CARDIA

Foi recentemente eleito membro honorário da Academia Brasileira de Medicina o director de «O Médico», dr.º Mário Cardia, que actualmente se encontra em Lucerna para tomar parte no Congresso Internacioal da Imprensa Médica.

DE ONTEM PARA HOJE

OS HOMENS DA FAZENDA

Reuniram-se em torno do director-geral da Fazenda Pública, dr. António Cândido Mouteira Guerreiro, que ontem completava 7 anos de exercício do cargo, todos os funcionários dos serviços centrais. Para cumprimentar o homem que orienta hoje em dia as questões da Fazenda nacional, falaram os chefes de repartição, todos eles salientando as qualidades do homenageado e a sua actuação à frente daqueles serviços. Depois foram os tesoureiros da Fazenda Pública de Lisboa que apresentaram seus cumprimentos. Depois o dr. Mouteira Guerreiro que agradeceu, muito sensibilizado todas as palavras de apreço e de estima de que era alvo e a colaboração que de todos tem recebido sem a qual nada tinha sido possível levar a cabo. «Somos um ser colectivo — disse —, e este só se realiza num ambiente de compreensão, de lealdade, de colaboração e de entusiasmo, ambiente que enobrece quem o cria e sem o qual nada de útil ou de verdadeiro se poderá construir.»

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros; dr. Gonçalves Rapazote, ministro do Interior; dr. Freitas Pimentel, governador do distrito autónomo da Horta; António de Medeiros e Almeida e dr. Tito Arantes, da comissão organizadora da Fundação Salazar; dr. José Augusto Correia de Barros e eng.º Henrique Peyssoneau; e ainda os componentes da Junta Directiva do Clube de Futebol «Os Belenenses».

O CENTENÁRIO DE GAGO COUTINHO

No Clube Militar Naval foi ontem prestada homenagem á memória de Gago Coutinho e Sacadura Cabral que foram sócios do clube. Passa agora o centenário do nascimento de Gago Coutinho. Muitos sócios do clube lembraram a personalidade do grande geógrafo, marinheiro e navegador. O último a lembrá-lo foi o sr. Presidente da República.

O VELHO PESCADOR

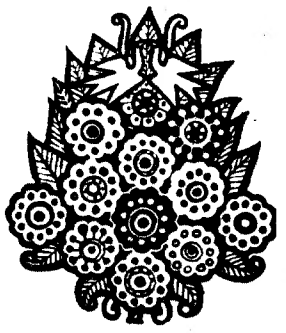
Vivia num pequeno bote o sr. António Dias, de 71 anos, pescador. Era de Válega, Ovar, e todos o conheciam pelo «Tio António Brasileiro». Alquebrado e doente, sabe-se que tem duas filhas no Brasil. Vivia de uma pensãozita da Casa dos Pescadores e de algum peixe que apanhava no rio. Ontem foi encontrado morto, no seu bote, o «Carolina», como ele lhe chamara. Foi lá a Polícia, mas não houve crime. Recolheu o corpo ao Instituto de Medicina Legal.

PARA A FUNDAÇÃO SALAZAR

No Palácio Nacional de Belém, o sr. Presidente da República recebeu ontem a administração da Covina que lhe foi entregar 250 contos para a Fundação Salazar de que o Chefe do Estado tomou a iniciativa.

MERCADO DA PRIMAVERA

ZONA DE BELÉM



* Centros de vendas de artesanato de todas as regiões do país.

Com a colaboração do **Fundo de Fomento de Exportação**

VIAGEM TURÍSTICA NO TEJO:

Saída às 13.15 horas — Regresso às 13.45 horas
Saída às 17 horas — Regresso às 18 horas
Saída às 20.45 horas — Regresso às 21.15 horas

BAR A BORDO DO BARCO — das 13.45 às 22 horas

V A R I E D A D E S
DIÀRIAMENTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS, A PARTIR DAS 22 HORAS,
CONSUMO MÍNIMO 25$00

RESTAURANTE DO MERCADO

Para divulgação da cozinha e dos vinhos portugueses
Com a colaboração da JUNTA NACIONAL DO VINHO e outros organismos vinícolas bem como do comércio da especialidade.

ALMOÇO

AMANHÃ

SOPA DE ERVILHAS
ENSOPADO DE EIROSES
FEBRAS DE PORCO NA BRASA

V I N H O S

BUCELAS (branco) — João Camilo Alves
CAMPELO «3 CASTELOS» (rosé) — Joaquim Miranda Campelo & F.ª
DÃO «PORTA DOS CAVALEIROS»-1963 (tinto) — S. V. Irmãos Unidos

JANTAR

HOJE

SOPA DE MARISCOS
BACALHAU À ALFAMA
PERU ASSADO À TRASMONTANA
DOCES REGIONAIS E FRUTA

V I N H O S

DÃO «POMBAL» (branco) — Soc. Com. Theotónio Pereira
MATEUS (rosé) — Soc. Com. Vinhos de Mesa de Portugal
DOURO «FAVAIOS» (tinto) — Ad. Coop. de Favaios

C A F É P U R O

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Propaganda do Café

Preço por refeição:

Almoço ..... 90$00 Tudo incluído
Jantar ..... 100$00 » »

À NOITE, FADOS: por ADA DE CASTRO e VICENTE DA CÂMARA

Reserva de mesas pelos telefones 61 39 61 e 61 34 06 a partir das 10 horas

(PARA MAIORES DE 12 ANOS)

No restaurante e no barco, actuação do conjunto «OS 3 DE PORTUGAL», a partir das 23 horas

Uma chávena de CAFÉ PURO dar-lhe-á direito a DUAS VIAGENS a ANGOLA

Informe-se e beba CAFÉ PURO no MERCADO da PRIMAVERA em Belém

DIA 29, ÀS 23 HORAS, SORTEIO DE DUAS VIAGENS A ANGOLA JUNTO AO STAND DO CAFÉ PURO

DIARIAMENTE abertura as 12,30 horas e encerramento as 0,30 horas
Preço de entrada
Sábados, Domingos e Feriados 5$00
Restantes dias da semana 2$50

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

HI-FI NA FIL

JORGE GONÇALVES EXPÕE NO STAND N.º 534, NA GALERIA AA, O MAIS MODERNO EQUIPAMENTO DE ALTA FIDELIDADE.

Em distribuição no STAND o interessante folheto como escolher um ALTIFALANTE

FIL

X FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ATÉ 23 DE JUNHO — UMA IMAGEM PORMENORIZADA DO' PROGRESSO INDUSTRIAL E COMERCIAL

HORÁRIO:

Hoje e amanhã — das 15 às 24 horas

ENTRADA — 5$00

O BISPO DE VISEU

por RAUL REGO

Desde há um século, quando se fala do Bispo de Viseu, acorre-nos sempre uma figura. Não sabemos quantos prelados ocuparam a Sé viseense nos últimos cem anos; homens notáveis, como D. Diogo Ortiz de Vilhegas e D. Francisco Alexandre Lobo, se sentaram antes nesse sólio episcopal. Mas o Bispo de Viseu simplesmente é D. António Alves Martins, como se outro não tivera havido ou como se todos os mais se apagassem, delitos pela personalidade estranha e forte do frade e político, combatente de armas na mão, parlamentar, pregador e ministro que tem sua estátua no Largo de Santa Cristina, onde esteve para ser fuzilado e bem próximo do paço onde viveu e morreu.

D. António Alves Martins é dos homens mais representativos do seu tempo, em Portugal, naquela época que vai desde a guerra entre os dois irmãos, continuada em lutas e sobressaltos, até se solidificar o sistema do rotativismo político. E passou no temporal, firme com uma rocha, participando na luta, afrontando os ventos e batido da chuva, sempre a peito descoberto, todos sabendo onde êle se encontrava e qual a sua opinião. Teixeira Lopes modelou-o tal como o viram os seus contemporâneos e como ficou para os vindouros. Alto espadaudo, o peito aberto, a manápula rija nessa bengala que poderia ser um varapau, os pés fincados no solo. Erguia a cabeça rústica com a altivez de quem não deve e não teme; era directo o seu olhar fuzilando o interlocutor que a boca entre comissuras era capaz de descompor, sem metáforas nem ironias. As coisas e os homens têm nomes próprios como as estevas, os carrascos, os penedos, os rios e as fontes dessa adusta Alijó onde Alves Martins nascera de família de lavradores, com gerações e gerações agarradas á terra tendo desfeito muitos calhaus a poder de marreta e tocado muitas crias nas arribas do Douro.

Rafael Bordallo Pinheiro caricaturou-o no «Album das Glórias», todo terrunho, de uma só peça, nada palaciano e sem resquício da untuosidade característica de muitos eclesiásticos. «Moralidade e marmeleiro» foi a síntese feliz que o artista lhe colou e com a qual passou á história, com a força de uma divisa.

Um frade no turbilhão da guerra

O rapaz de Alijó viera para Lisboa na juventude, vestindo o hábito de franciscano no Convento de Jesus. Achava-se em Coimbra quando o absolutismo miguelista cerrou suas garras sobre o País, em 1928. Alto e bom som, como seria sempre sua norma, se pronunciou o frade jovem contra a tirania miguelista; e liberal havia de ficar até ao fim o serrano riscado da Universidade nesse mesmo ano quando frequentava o terceiro ano de Teologia. Havia suspeitas de o jovem de 20 anos estar em ligação com o movimento constitucionalista que rebentou no Porto, em 16 de Maio desse mesmo ano.

Expulso da Universidade e recolhido á vida conventual, já sacerdote, iria ocupar uma capelania da Armada, cargo tradicionalmente ocupado por franciscanos. Novamente preso e julgado ouviu ler a sentença de morte, com mais três companheiros de desdita. Deveria a pena ser executada em Viseu. Para ali seguiram os quatro, sob escolta. Parece que, em dada altura, Alves Martins invectivou o comandante e lhe exprobrou o procedimento desumano, mesmo só em obediência a ordens de cima. Toda a sua violência, sentir fundo, comunicação humana e altura de sonho devem ter extravasado em torrente nesse descampado das serras da Beira. O preso não se sentia amarfanhado e quem se sentiu varado no mais imo de si mesmo foi o comandante da escolta que deu campo livre a todos. Andaram a monte, esfomeados e rotos, evitando este povoado e só a medo se metendo por aquele caminho; vadearam rios e acoitaram-se em silveirais.

Depois da guerra civil voltaria a Coimbra para se formar em Teologia, em 1837. Seria professor do liceu do Porto, e à Universidade voltava como professor, por pouco tempo, em 1852. Entretanto o franciscano lançava-se a fundo na política e quando tantos outros sacerdotes e religiosos se fincavam nas ideias velhas, Alves Martins, com o Padre Marcos, com o Cardeal Saraiva, três temperamentos bem diferentes aliás, e todos eles tendo experimentado a dureza da perseguição, mostrava-se um dos elementos mais catalisadores na interpenetração do liberalismo e da Religião. Com a sua rudeza nativa, este homem nada teórico embora superiormente inteligente, poderia servir de exemplificação prática àquela frase de Antero de Quental, anos depois: «O cristianismo foi a revolução no mundo antigo, a Revolução é o cristianismo no mundo moderno».

Não foi uma revolução fácil. Custou a romper a crosta dos interesses materiais, das ideias feitas e mal feitas, da carapaça dura que envolvera a religião e dela tomara conta, como se num trigal esplendoroso o joio se tornasse elemento válido e apreciado. Naturalmente que o pão depois cozinhado sabe a amargo. E a religião vinha deturpada ao fim de gerações e gerações anquilosadas e de mentalidades deturpadas. Está ainda em curso em nossos dias e bem longe de ter findado o movimento para desinçar tal joio e nos dar um pão limpo e alvo.

Ministro não palaciano

Deputado, cónego da Sé de Lisboa, enfermeiro-mor do Hospital de S. José, pregador de fama, na luta política pôs a violência que lhe era característica. Dirigiria, no Porto, o «Nacional», onde foi redactor Camilo Castelo Branco que lhe havia de fazer depois a biografia, bem como o «Arquivo Nacional», na mesma cidade. O seu estilo de jornalista era o de orador parlamentar. Como diria Cunha Rivara: «Tem a fisionomia carrancuda e é um pouco desabrido no trato. Quando agride o contrário, não usa precauções oratórias, nem cuida em lhe dourar a pílula».

Correm histórias sem fim de no Paço, de intervenções suas em toda a parte, antes ou depois de ocupar a Sé de Viseu, quando ministro ou simples parlamentar. Aquilino Ribeiro esboçou-lhe o perfil em «Geografia Sentimental» e prometeu modelar-lhe as «Memórias», mas não as chegou a realizar. Lástima que assim tenha sido porque encontrava homem à medida para o seu génio literário: «Este carácter desenganado e expedito não o tolheu de ser um prelado exemplar, porque à sinceridade e honradez inconcussas aliava uma alma de nazareno, segundo os Evangelhos, bom com os simples, caritativo com os pobres tolerante com os infractores sem gravidade, e considerando o fanatismo o joio negro da religião».

Há um século, era ele ministro do Reino no Governo que tinha remoques parlamentares, de ditos por figura decorativa o velho marquês de Sá. Estava-se em plena transição, indiscutíveis já o parlamentarismo e as ideias liberais, mas não se tendo encontrado o verdadeiro caminho da regeneração nacional. Por um imposto de lana-caprina ardia logo Troia e el-rei Fontes enaltecia os caminhos-de-ferro, as estradas, tudo quanto significasse rapidez. Esse era o autêntico progresso, e não apenas um dos elementos para o conseguir. Era a época em que o imponente chefe de partido perorava, convictamente: «Acima do cavalo da diligência está o *tramway*, acima deste a locomotiva, e acima de tudo o progresso». E Oliveira Martins de comentar: «Parece inventado, e não é».

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

QUEM É O RESPONSAVEL

HÁ PALAVRAS QUE TÊM o seu fascínio e se usam como sinal de prestígio. Outras há que se têm por incómodas, tanto como as ideias que representam. Outras ainda entram no circuito sem que nelas se dê conta do verdadeiro sentido que envolvem. E chega-se ao ponto de se suscitar verdadeira surpresa quando alguém toca a campainha que acorde para realidades que deixaram de estar presentes. O homem da campainha, nessa altura, passa em definitivo à categoria de desmancha-prazeres, uma espécie de perturbador da paz dos povos... E, não obstante, ainda que saiba como é e quanto assim, não se resigna e perturba mesmo

Aqui se tem falado algumas vezes acerca da necessidade de abrir os olhos do mundo que nos cerca e de que fazemos parte para a urgência de se ter presente o conceito de responsabilidade. É o contrapeso inevitável de tudo quanto em cada instante cada homem reivindica como o seu direito de estar no Mundo, de agir, de intervir, de ouvir e responder, de falar e esperar que lhe dêem ouvidos: o direito e a obrigação, a liberdade e a responsabilidade, ponto e contraponto, dois termos indissociáveis do mesmo binómio.

Temos insistido nisso e parece-nos apropriado não desistir. Quando todos nos sentimos justificadamente atraídos para cada um gritar o consabido «Eu quero o meu direito», bem necessário nos parece que cada um inscreva lá bem no fundo da própria consciência que a cada direito corresponde uma obrigação, que à medida de liberdade a que cada um aspira e de que não deve desistir corresponde uma inevitável e paralela medida de responsabilidade. É o preço que cada um tem de pagar e a que não tem possibilidade de se eximir.

Isso nem sempre está presente. E quando o está, perguntamos se sempre o estará em bons e devidos termos. Em situações de dúvida, em lances de hesitação, quantas vezes deparamos com a decisão tomada por alguém ter erguido a sua voz para dizer que se responsabiliza. Perguntamos, porém, em que medida é que efectivamente se responsabiliza quem se dispôs a intervir com tal declaração. E o que é que acontece quando a roda gira mal, quando as coisas viram para o torto? Quem é o responsável?

Quando o médico diz «eu tomo a responsabilidade» toma a responsabilidade de quê? E se o doente morre em que é que o médico se tem como responsável e como é que essa responsabilidade se efectiva? E se ao arquitecto lhe desaba a obra? E se ao professor a quem a sociedade confia o cargo e encargo de ensinar lhe fogem os alunos, ou não aprendem, ou «chumbam» nos exames, que é que acontece? A quem é que presta contas, quem é que lhas pede?

No caso dos professores ainda há, por sinal, uma distinção a fazer: nos escalões menores do ensino há inspecção, ainda há contas pedidas e a prestar. Mas nos escalões superiores, quem é que as presta e quem é que as pede? Pode até lembrar-se que na Universidade chegou a haver a noção consentida de que o grande professor é o professor difícil, aquele professor distante, que não conhece os alunos e que nos exames é uma «fera». O paradoxo estava à vista: parece que o prestígio era na razão inversa do trabalho prestado.

E o jornalista? Não nos pomos de parte, nem queremos o privilégio de sermos isentos de crítica quando reivindicamos o direito de a exercer. E temos bem seguro o conceito de que responsabilidade não é apenas uma palavra bonita para jogar de circunstância, mas um encargo que se efectiva, a consciência de que essa efectivação é efectivamente efectivável.

RECTÂNGULOS DA VIDA

PALAVRAS CELESTES

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Claro que o assunto dava pano para mangas, como costuma dizer-se, e pedia, está bem de ver, conhecimentos filológicos. Tais conhecimentos, porém, perdi-os no tempo, e já não sei qual o caminho percorrido por *sidera* (os astros), para chegar a siderado e considerável e consideração. Estas e outras — muitas outras — são, no entanto, palavras de raiz celeste envoltas em roupagem, por assim dizer terrena. E eu quero é referir-me às palavras celestes sem mistura neste mês em que vamos à Lua, a essa Lua tão longe que é um simples balão dourado flutuando nas noites, e tão próxima que o luar nos pertence.

quer dizer o máximo. És a minha estrela. Há também a boa (ou a má) estrela de cada um. As estrelas de cinema e os astros de Hollywood. E mulheres chamadas Estrelas, Estelas, Marias do Céu, Celestes e Celestinas. E outras chamadas Sol (na Idade Média em Portugal e ainda hoje em Espanha). E apelidos de Solposto e de Solnado na actualidade. E várias lojas e restaurantes solares e um «drugstores» Sol a Sol e uma «boutique» A Outra Face da Lua. Há depois gente lunática, de andar na Lua, porque esse é um modo como qualquer outro de fugir a esta Terra que magoa os corpos e as almas. E os recém-casados passam lua-de-mel. E os brasileiros tomam banho de Lua e têm no Rio Grande do Sul uma cidade chamada Estrela. E nós a serra da Estrela e a estrela d'alva (planta) e a estrela do mar (bicho). E muitas mais palavras celestes, decerto, de que não me lembro agora.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

O BISPO DE VISEU

(Continuação da pág. anterior)

E não era, infelizmente. Mas o facto é que o país não conseguira encontrar continuidade à obra de Mouzinho da Silveira nem sequer findá-la e olhava até como lunáticos os doutrinadores socialistas que iam surgindo e que falavam de novas doutrinas económicas. A reacção dos políticos perante eles não era menor do que a de Castilho, no terreno literário, perante as investidas de Antero do Quental, de Teófilo Braga, de todos os das Conferências do Casino. E se no campo literário a reacção foi sendo levada de vencida, no terreno político e económico prosseguiu impante. Para as obras de fachada, para aquele cenário em que a Regeneração pôs sua mira, ainda teve olhos e pernas; para as reformas das estruturas, para uma verdadeira valorização do solo, das gentes e da sua actividade, é que não teve nem arquitectos nem mestres-de-obras, nem operários.

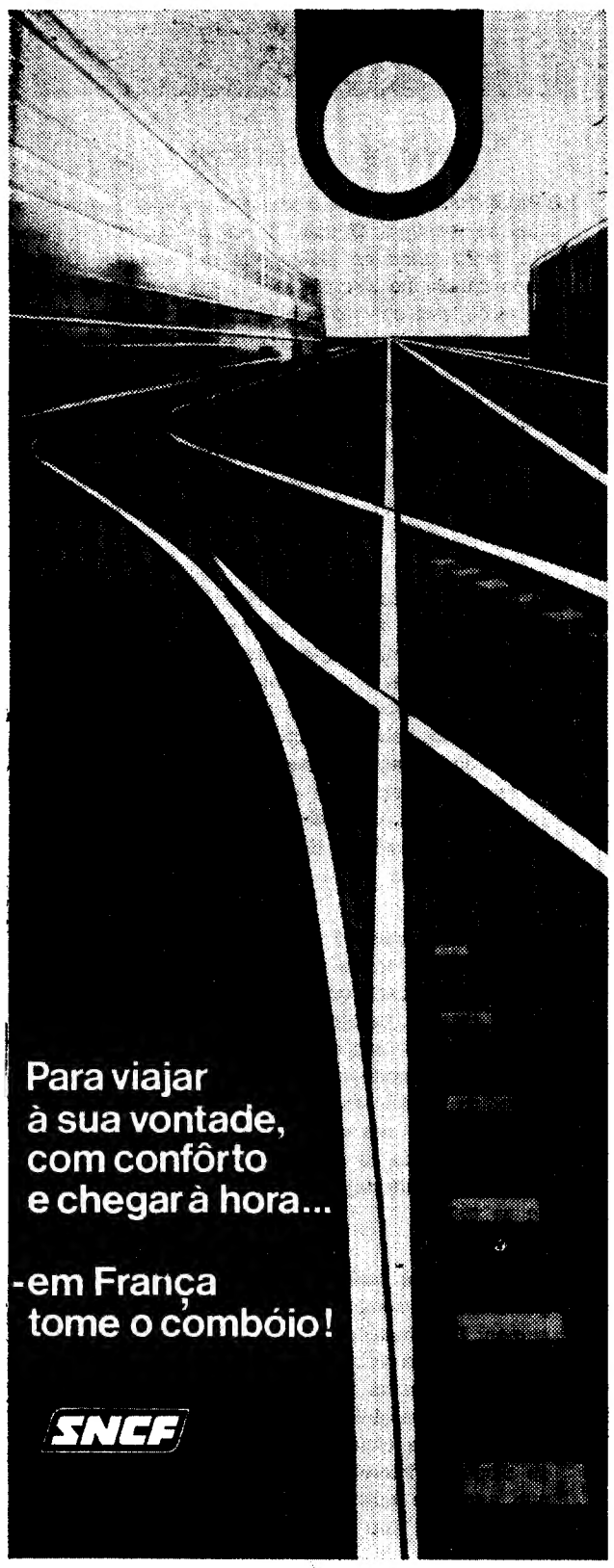
A religião e o sal na comida

No Ministério Sá da Bandeira-Bispo de Viseu entrara como ministro da Marinha e Ultramar um homem como Latino Coelho. Tornar-se-ia ele também sobremodo significativo porque, reconhecendo a incapacidade de compreensão adentro das instituições, iria pouco depois para a República, nela depositando suas esperanças. Era dos que se recusam a amarfanhar o ideal e o procuram sempre ver brilhar em qualquer ponto do horizonte.

O Bispo de Viseu esse recolhia ao seu Paço de Fontelo, com entrada franca para todos. Nas noites de Inverno ia, envolto na sua garnacha, jogar as cartas no círculo dos amigos, ao Hotel Viriato; na roda do ano se ocupava da administração da diocese e dos cuidados eleitorais, que as crenças liberais levou-as para a cova.

Fomos há dias rememorá-lo junto do monumento que o consagra. E a figura e as legendas lá estão, a transmitir-nos a lição de homem de Deus que não perdeu nem o sentido do equilíbrio, nem a energia do combatente: «A religião deve ser como o sal na comida: nem muito, nem pouco; só o preciso». E na outra face do pedestal: «Na minha diocese, quero padres para amar a Deus na pessoa do próximo; não quero jesuítas que vivam de explorar o próximo em nome de Deus».

O bronze dá-nos o homem vertical que foi Alves Martins, de coluna direita diante dos reis e não se tornando soberbo com os humildes. Homem da terra, a sua rusticidade legendária era só o espelhar da alma franciscana que para além do povo não vê senão ouropéis e vaidades desprezíveis, inúteis e fátuas.



Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens
CHEMINS DE FER FRANÇAIS
AV. JOSÉ ANTÓNIO, 57 - MADRID - TEL. 247 20 26
TOURISME FRANÇAIS - 234, R. ÁUREA, 242 - LISBOA

A SONAP, EM ESTREMOZ

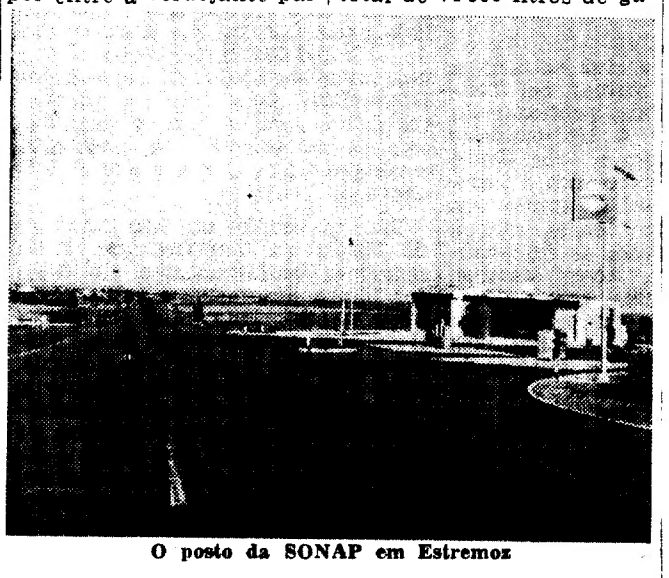
O quadrado laranja valoriza a progressiva região alentejana

Agora, em Estremoz, na E.N. 4, ao Km. 141,250, também encontra assistência SONAP.

Cada vez mais, o quadrado laranja — símbolo da SONAP — vai surgindo, por entre a verdejante paisagem metropolitana, nas estradas de Portugal.

Mais um posto duplo foi aberto ao público automobilístico, que passa assim a dispor, na bela região alentejana, da cuidada assistência SONAP.

Dispõe de duas amplas rodovias, onde estão implantadas quatro ilhas de bombas, com capacidade total de 74 000 litros de gasolina, super e normal, e gasóleo.



O posto da SONAP em Estremoz

Esta posição está dotada de um edifício do tipo SONAP, adaptada às características regionais, constituído por um bar, «stand» de exposição, escritório, armazém e instalações sanitárias.

Para uma maior facilidade de abastecimento aos veículos pesados, tem uma zona distinta para abastecimento de gasóleo.

A exploração deste posto duplo da SONAP foi concedida ao Ex.mo sr. João Rafael Mendes Corte.

Assim, num crescendo de muito valor e utilidade, o laranja SONAP continua a ser o TOM que dá o TOM, a toda a rede rodoviária nacional.

CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NA «LAPA DO FUMO»

Presidida pelo sr. Maxime Vaultier, reuniu-se a secção de pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses para ouvir o dr. Eduardo Serrão dissertar sobre os vários estilos cerâmicos que desde 1956 tem identificado na gruta «Lapa do Fumo», no concelho de Sesimbra. O palestrante apresentou abundante documentação acerca desta importante estação arqueológica e vários exemplares de cerâmicas que descrevem a evolução desta indústria no território português.

A terminar a reunião, o dr. Leonel Ribeiro mostrou, por sua vez, alguns exemplares cerâmicos da estação calcolítica de Montes Claros (Monsanto).

TUTTI MUNDI

FECHA AOS DOMINGOS
DURANTE OS MESES DE VERÃO

Avenida de Roma, 48 e Rua Conde de Sabugosa, 15 Telefs. 714021/2/3/4 Lisboa

Livraria BERTRAND

O «DOSSIER» NAPOLEÃO

reunido por

Jean Burnat, G. H. Dumont
e Emile Wanty

Era um corso pobre, orgulhoso, cheio de ambição, dotado de excepcional inteligência e incontestável imaginação criadora. Era um intrépido oficial de artilharia, um general temerário, um estrategista revolucionário. E reformador, organizador, sonhador também. Era um jogador, um déspota...

Volume ilustrado de 452 páginas: 70$00

enciclopédia de bolso bertrand

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

alargando os seus serviços de venda ao público, anuncia a inauguração duma nova sucursal na

Rua de Dona Estefânia, 46-B/D, Lisboa

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.
Sucursal da Estefânia

A vasta organização Bertrand, que dispõe já de quatro estabelecimentos em Lisboa e seis no resto do País, assegura os mais eficientes serviços de encomendas no estrangeiro, assinaturas de publicações periódicas e venda de livros ou revistas de todas as proveniências

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

Rua Garrett, 73
Avenida de Roma, 13-B
Estrada de Malpique, 4-A
Rua de Dona Estefânia, 46-B-D

LIVRARIA BERTRAND:
237 ANOS AO SERVIÇO DO LIVRO
LISBOA — PORTO — COIMBRA — VIANA DO CASTELO — GUIMARÃES — FARO

Canon
A MELHOR ÓPTICA FOTOGRÁFICA DO MUNDO
STAND 565 — F.I.L.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO EDEN

TÍTULO — «Eles só matam uma vez» («The heroin gang»).
REALIZAÇÃO — Brian G. Hutton (1967).
INTÉRPRETES — David McCallum, Stella Stevens, Telly Savalas.

O auxiliar de Mr. Solo torna-se agora agente por conta própria: David McCallum passa a ser Sol Madrid. O nome não convence (como Stella Stevens tem a franqueza de lhe dizer) e a personagem não se chega a impor. Sol Madrid é um agente duro, violento, sem escrúpulos, sem olhar a meios. Tem um ar de tédio e desinteresse. É eficaz. Isto não chega para criar um herói. Mas a história também não ajuda: uma vulgaríssima aventura em torno de drogas. Tudo a condizer com o título: «Eles só matam uma vez». Nós é que já vimos tudo isto inúmeras vezes.

EM COMPLEMENTO: Actualidades de Angola: insuportàvelmente desinteressantes, com um texto deplorável. «O Gato Voador»: desenho animado bastante antigo, mas com certo humor. «Pathé Magazine», com «Instantâneos do Mundo Português»: mas a inauguração de mais um autobanco chega a ser «instantâneo»? Feitas as contas, talvez seja.

E. P. C.

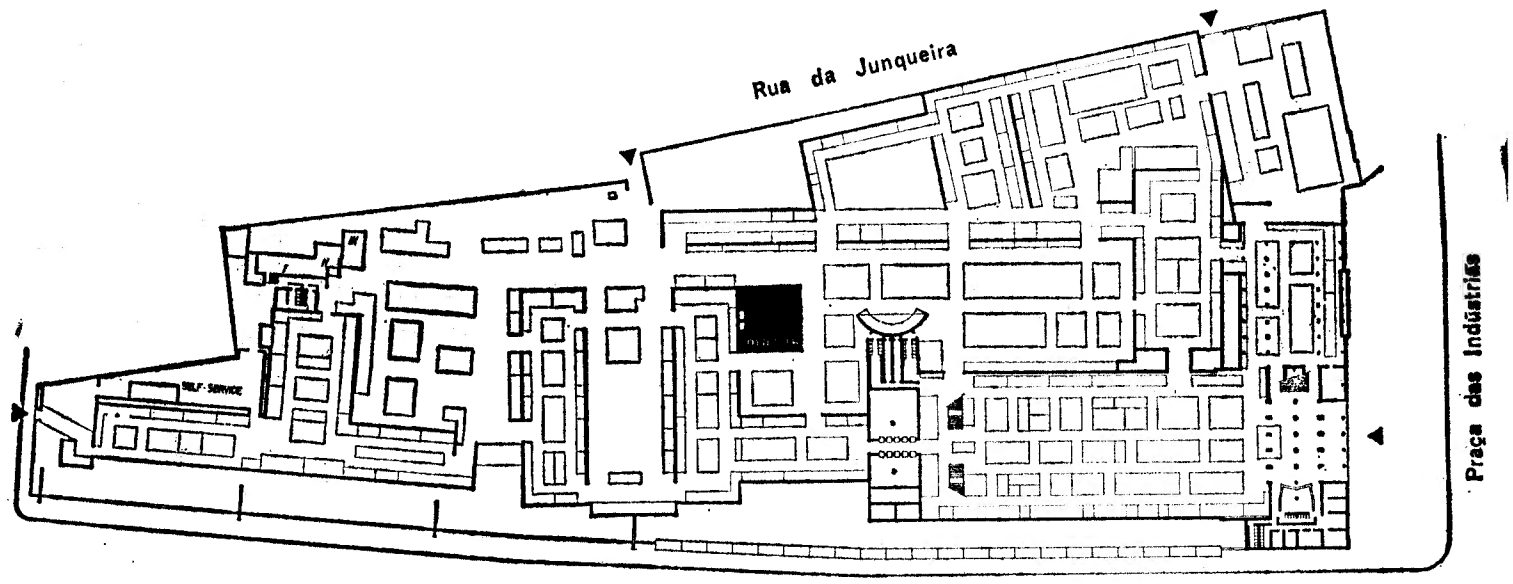
GRÉMIO DAS AGÊNCIAS DE VIAGENS

A direcção do Grémio Nacional das Agências de Viagens foi recebida pelo ministro das Corporações, a quem expôs diversos problemas, salientando, nomeadamente, que o numero de agências existentes no País é mais do que suficiente para a contrapartida que o industria hoteleira oferece.

O dr. Gonçalves de Proença prometeu estudo atento dos problemas apresentados.

Na sua visita à FIL dirija-se ao stand da MATUR...*

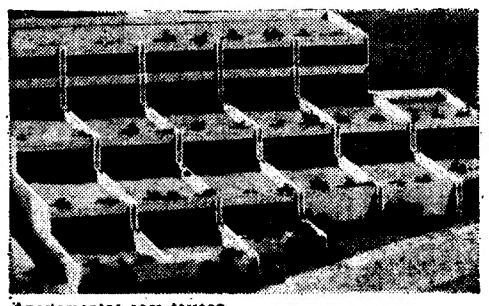
...e conheça como lhe garantimos 10% de rendimento anual

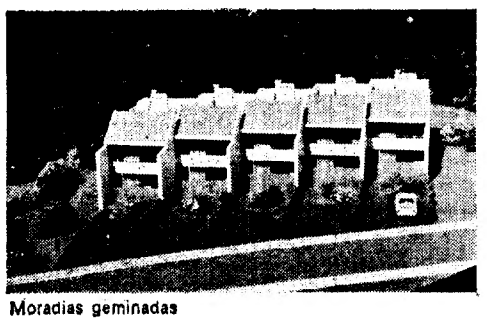


Tome conhecimento directo dos empreendimentos da MATUR na Ilha da Madeira. Visite o nosso moderno e amplo stand na FIL, onde se encontram expostas maquetes, fotografias e paineis, que lhe dão uma panorâmica das nossas iniciativas turísticas. E obtenha de pessoal especializado respostas completas às suas perguntas.
Tem, assim, no nosso stand, todos os elementos que lhe demonstram ser este o seu melhor investimento. **O único que lhe garante 10% de rendimento anual.**

Seja proprietário na Madeira e goze os rendimentos
O centro turístico da MATUR, já em construção numa das mais atraentes zonas da Ilha, tem um equipamento completo, que inclui o melhor yacht clube da Europa e um luxuoso hotel.
Adquira uma moradia ou apartamento. Conheça os prazeres da vida cosmopolita da Madeira. Ou **beneficie do mais alto juro garantido,** entregando a sua propriedade à administração da MATUR.

* Próximo da entrada da Rua da Junqueira.


Apartamentos com terraço


Moradias geminadas

Moradias com terraço

MATUR – Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, S.A.R.L.
Divisão de vendas – Av. Infante Santo, 66 F – Lisboa

MATUR

RIA
COM
Pepsie
APLAUDA UMA BELA COMÉDIA
NO
TEATRO LAURA ALVES
T. 86 47 56 (ADULTOS)
HOJE 2 SESSÕES 20,45 e 23 H.
NO ELENCO
● JACINTO RAMOS
● IRENE CRUZ
● JOÃO LOURENÇO
● GRAÇA LOBO
● LUÍS PINHÃO
10.ª SEMANA
AMANHÃ, À TARDE ÀS 16 H. E À NOITE, ÀS 21,45 H.

O PÚBLICO DE LISBOA NÃO ESCOLHE DIAS PARA IR DIVERTIR-SE NO MAIS ATRAENTE RECINTO DE LISBOA, MAS AS NOITES DE SÁBADO
NA
FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DO COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
OSTENTAM UM ENCANTO MAIOR — UM GRANDE LUNA-PARQUE EM MOVIMENTO COM ATRACÇÕES PARA TODOS OS GOSTOS
EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO EM MAJESTOSOS PAVILHÕES
ABERTURA ÀS 19 HORAS
Habilite-se ao sorteio de uma MOTORIZADA CASAL oferta da METALURGIA CASAL, de Aveiro

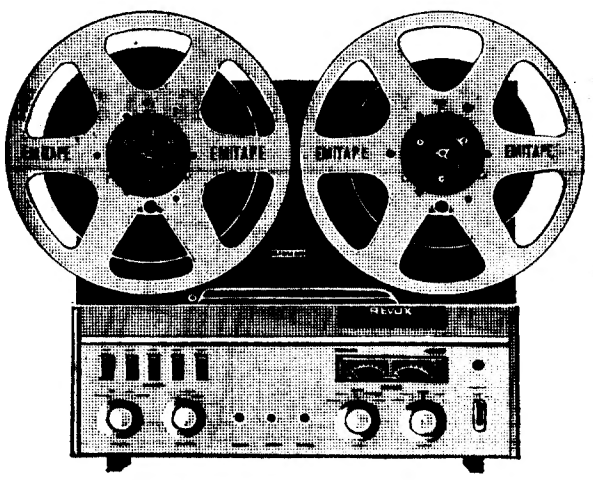
● MARIA VITÓRIA ● Hoje às 20,45 e às 23 horas
ADULTOS
A SENSACIONAL REVISTA
● MÃOS À OBRA! ●
Um espectáculo de GARGALHADA com
SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA
MAX / ANITA / DORA / VÍTOR MENDES / HELENA CARDINALI / MARIANO FRANCO / VICTOR ESPADINHA / DINA MARIA
e a atracção
● INÊS MARCO
● AMANHÃ, «MATINÉE» ÀS 16 H.

«O FESTIVAL DA ALDRABICE», com SALVADOR, MARIEMA e ANITA
● UM ESPECTÁCULO QUE DIGNIFICA O TEATRO DE REVISTA! ●

Novo! O SENSACIONAL

REVOX A 77

PARA ESTÚDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR QUE REÚNA TODAS ESTAS CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

— Resposta: 30 a 20.000 ciclos a 7 ½; distorção a pontas máximas: 2 %; ruído de fundo: —54 db (normas de estúdio)
— Utilização de bobines tipo profissional NAB de 26,5 cm de diâmetro
— 3 motores — tracção directa ao cabrestante
— Bloco de alimentação estabilizado electrònicamente
— Igualizações NAB e IEC
— 2 velocidades comutadas electrònicamente
— Funções mecânicas comandadas por relés
— Motor de tracção com servo-regulação electrónica de velocidades
— Circuitos de tipo «plug in»
— 2 vuímetros incorporados para regulação dos níveis de entrada e saída
— Célula foto-eléctrica para paragem no fim da fita
— Mecânica telecomandável
— Possibilidades de trucagem (eco, multiplay, duoplay, etc.)
— Cabeça de reprodução independente
— Saída para auscultadores estereofónicos
— *TOTALMENTE TRANSISTORIZADO*

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97 - LISBOA
No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

REVOX A 77

EM EXPOSIÇÃO NOS STANDS 513/514 DA F. I. L.

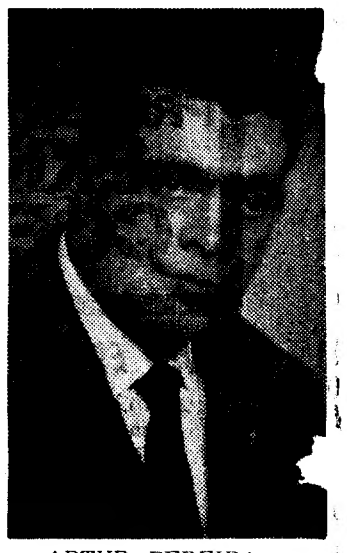
Pensão Monumental

(Restauradores)
Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21
Tel. P. P. C. 36 98 07.

O FORNO
BAR ● BOITE
SESIMBRA
M/ 17 anos

EM TAORMINA, BARCELONA E ANDORRA

CANÇONETISTAS PORTUGUESES VÃO ESTAR PRESENTES EM FESTIVAIS INTERNACIONAIS



ARTUR PEREIRA

Representante em Portugal da organização das segundas «Olimpíadas da Canção», que vão desenrolar-se em Atenas (Grécia) de 27 a 29 do corrente, o empresário Artur Pereira dirigirá a comitiva portuguesa que na próxima segunda-feira deixará Lisboa.

— *Parto extremamente confiante. No porte social como no plano artístico, estamos em condições de suportar todos os confrontos.*

Artur Pereira é o principal «responsável» pela vinda ao nosso País de famosos nomes artísticos. Aliás, a história da actividade da sua agência (a A. I. A.) é, práticamente, a história de trinta anos de vida artística portuguesa, especialmente nos sectores de «music-hall», teatro, televisão e publicidade. Durante dezoito anos, Artur Pereira pertenceu aos quadros tipográficos do «Diário de Notícias». A arte gráfica, portanto, não tem segredos para este homem de espantosa capacidade organizadora e extrema vivacidade mental que um dia, pela mão de seu tio (o prestigioso e saudoso empresário António de Macedo) chegou ao Teatro com um punhado de ideias sobre publicidade artística, ideias imediatamente postas em prática no lançamento dos espectáculos das salas do Avenida, Ginásio, Apolo, Politeama, Maria Vitória e Variedades.

Colaborou com as mais reputadas exibidoras cinematográficas. Alterou a rotina publicitária com a «Hora do Galo» e «Gala Internacional» (autênticas percursoras do trajecto mais tarde percorrido por outros passatempos rádio-publicitários). E, a certa altura Artur Pereira enveredou decisivamente pelo campo do agente artístico, de molde a assegurar um lugar de primeira linha entre as mais credenciadas firmas europeias da especialidade.

Atracções de muito renome vieram por seu intermédio até Portugal: desde Pepita Sansalvador e a parelha Darvas & Julia (há 25 anos), até Hallyday, Françoise Hardy, Sylvie Vartan, Aznavour, Bécaud, Alberto Cortez e Modugno. Centenas de «estrelas» que brilharam nos melhores cartazes do continente, das ilhas adjacente e do Ultramar. Artur Pereira foi, também, o primeiro produtor musical da RTP: com «Café Concerto», de parceria com o malogrado escritor teatral Carlos Lopes. Organiza em anos sucessivos, as «Embaixadas da Saudade», que se deslocam á Africa portuguesa, ao Canadá e aos Estados Unidos da América do Norte. Forma os agrupamentos itinerantes «Vedetas-Show». E, colocado no campo dos Festivais de canções, está agora ás voltas com novas incumbências: organizar as nossas delegações aos próximos certames de Barcelona, Andorra e Taormina (Itália).

— *Esta viagem á Grécia vai possibilitar-me estabelecer contactos com agentes asiáticos, o que talvez possa representar novo campo de acção (de trabalho) para o artista português. Dai eu partir duplamente satisfeito pela honra com que a organização me distinguiu* — concluí Artur Pereira, que acaba de receber uma proposta para formar um grupo artístico que se desloque, durante quinze meses, em torno do Mundo.

MAFALDA SOFIA NO FESTIVAL DE ANDORRA

Andorra também pretende realizar o seu Festival de Canções, para acompanhar outros países que procuram incrementar a divulgação turística mercê de reuniões artísticas capazes de despertarem interesse e curiosidade sobre a sua marcha.

No primeiro «Festival da Canção de Andorra», a efectuar na segunda quinzena de Agosto, estará presente uma cançonetista portuguesa: Mafalda Sofia que interpretará uma composição musicada por Jorge da Costa Pinto com letra de Artur Ribeiro.

VASCO MORGADO
APRESENTA

BREVEMENTE
EM 2 SESSÕES
20,45 e 23 H.

no MONUMENTAL
TEL 55 51 33
(ADULTOS)

A 1.ª REVISTA DOS
PARODIANTES
DE
LISBOA

COM DESEMPENHO NOTÁVEL DE

CAMILO e FLORBELA
OCTÁVIO ● DELFINA ● ORLANDO
E AS ATRACÇÕES
PAULA RIBAS ● LUÍS GUILHERME
E O CONJUNTO PRIVATIVO DOS PARODIANTES DE LISBOA
HY-KDOY

POEMA	MÚSICA	MONTAGEM	FIGURINOS
Ruy Andrade José Andrade Manuel Puga	Carlos Dias José Mesquita Alberto James	Ruy e Hernâni Martins	Mário Alberto COREOGRAFIA Paulo José

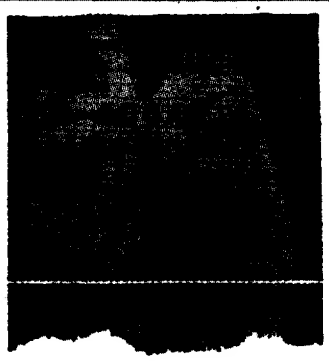
DIRECÇÃO ARTÍSTICA
PAULO RENATO

— BILHETES À VENDA —
Para o 2.º dia, marcações para o 3.º dia
ESTREIA LOTAÇÃO ESGOTADA

SOLAR DO MINHO
de: EDUARDA MARIA
RESTAURANTE TÍPICO
COZINHA MINHOTA — a cargo de Júlio Reis
FADOS ● FOLCLORE
(Gerência Artística de César Morgado)
RUA DO VIGÁRIO, 60 — ALFAMA. TEL. 86 68 11

M/ 17 anos

TIMPANAS
RESTAURANTE TÍPICO
de 1.ª classe
FADOS E FOLCLORE
R. Gilberto Rolo, 24 ● Telef. 676655



VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO
apresentam HOJE, ÀS 21.45 H.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

DOMINGO
MATINÉE
ÀS 16 H.
ADULTOS

UMA PEÇA DE VIOLÊNCIA E EMOÇÃO
com JO ALVARENGA na protagonista
e por ordem de entrada em cena
ADRIANO REYS ● JOÃO GUEDES ● SINDE FILIPE ● ROLANDO ALVES ● CÉLIA DE SOUSA ● DAVID SILVA ● COSTA VAZ
Uma excitante experiência em «suspense»

BLACK-OUT
«OLHOS NA ESCURIDÃO»

CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco de Borja, 22.
LISBOA
HOJE, ás 22 h.
FOLKLORE DE ANGOLA
danças rituais / exotismo / arte
MARCAÇÕES: TEL. 67 72 99
(maiores de 12 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Teatro.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

MESTRES DO CINEMA AMERICANO

Prosseguindo na apresentação do seu ciclo Mestres do Cinema Americano, *a Casa da Imprensa faz projectar hoje, em sessões ás 15 e ás 21 horas, nos cinemas S Luiz e Alvalade, dois filmes de George Cukor, um cineasta de raro rigor e indesmentível sensibilidade, que se encontra para sempre ligado, de forma admirável, á comédia americana e á sua depuração estilística.*

FILMOGRAFIA DE GEORGE CUKOR

Nasceu a 7 de Julho de 1899, em Nova York. Os pais desejaram que seguisse a carreira de advogado, mas o teatro acabou por atraí-lo. Em 1918, foi assistente de encenador em Chicago. No ano seguinte encenou peças na Broadway. De 1920 a 1928 dirigiu a época de Verão do Lyceum Theatre of Rochester. Em 1929 foi contratado por Jesse J. Lasky para escrever diálogos em Hollywood. 1930: «Grumpy» — co-realização com Cyril Gardner; «Virtuos Sin» — co-realização com Louis Gasnier; «The Royal Family of Broadway» («A Família Real de Broadway») — co-realização com Cyril Gardner. 1931: «Tarnished Lady» («Casamento Singular»); «Girls About Town». 1932: «One Hour With You» («Uma Hora Contigo») — co-realização com Ernest Lubitsch; «What Price Hollywood?»; «A Bill of Divorcement» («Vitimas do Divórcio»); «Rockabye»; «Our Betters». 1933: «Dinner at Eigh» («Jantar às Oito»); «Little women» («As Quatro Irmãs). 1934: «David Copperfield» («David Copperfield»). 1935: «Sylvia Scarlet». 1936: «Romeo and Juliet» («Romeu e Julieta»). 1937: «Camille» («A Dama das Camélias»). 1938: «Holiday» («A Irmã da Minha Noiva»); «Zaza» («Zaza»); 1939: «Gone With the Wind» («E Tudo o Vento Levou») — iniciou a realização, mas acabou por abandonar as filmagens após três semanas de trabalho; «The Women» («Mulheres»); «Susan and God» («As Teorias de Susana»). 1940: «The Philadelphia Story» («Casamento Escandaloso»). 1941: «A Woman's Face» («A Cicatriz do Mal»); «Two-Faced Woman» («A Mulher de Duas Caras»). 1942: «Her Cardboard Lover»; «Keeper of the Flame» («A Chama Eterna»); 1943: «Resistance and OHM's Law» — documentário produzido pelo Signal Corpus. 1944: «Gaslight» («Meia Luz»). 1945: «Winged Victory» («Encontro no Céu»). 1947: «Desire Me» («A Mulher do Outro»); «A Double Life» («Abraço Mortal»). 1948: «Edward My Son» («Meu Filho Eduardo»). 1949: «Adam's Rib» («A Costela de Adão»). 1950: «A Life of Her Own» («Seguirei o Meu Destino»); «Born Yesterday» («A Mulher que Nasceu Ontem»). 1951: «The Model and the Marriage Broker» («Matrimónios à Venda»); «The Marrying Kind» («A Mulher que Deus Me Deu»). 1952: «Pat and Mike» («A Mulher Absoluta»). 1953: «The Actress» («A Actriz»). 1954: «It Should Happen to You» («Uma Rapariga sem Nome»). 1955: «A Star Is Born» («Assim Nasce uma Estrela»). 1956: «Bhowani Junction» («Encruzilhada dos Destinos»). 1957: «The Girls» («As Girls»). 1958: «Wild Is the Wind» («Selvagem é o Vento»). 1959: «Heller in Pink Tights» («Agarrem Essa Loura»). 1960: «The Chapman Report». 1964: «My Fair Lady» («Minha Linda Lady»). 1969: «Justine».

OS FILMES DE HOJE

● **«A Mulher de Duas Caras»**

Título original: «Two-Faced Woman»; realização: George Cukor; argumento: Sidney H. Behrman, Salka Viertel e George Oppenheimer, inspirado na peça de Ludwig Fulda e no filme «Her Sister from Paris», realizado em 1925; fotografia: Joseph Ruttenberg (preto e branco); música: Bronislau Kaper; intérpretes: Greta Garbo, Melvyn Douglas, Constance Bennett, Roland Young, Robert Sterling Ruth Gordon; produção: Gottfried Reinhardt para M. G. M. (1941); tempo de projecção: 94 minutos; distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes; classificação: adultos.

● **«Casamento Escandaloso»**

Título original: «The Philadelphia Story»; realização: George Cukor; argumento: Donald Ogden Stewart, baseado na peça homónima de Philip Barry; fotografia: Joseph Ruttenberg (preto e branco); música: Franz Waxman; intérpretes: Cary Grant, Katherine Hepburn, James Stewart, Ruth Hussey, John Howard, Roland Young, John Holliday; produção: Joseph L. Mankiewicz, para M. G. M. (1940); tempo de projecção: 112 minutos, distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes; classificação: adultos.

Manuel Mestre é um cançonetista português que tem feito grande parte da sua carreira em terras estrangeiras, nomeadamente em países das Américas. Marido da artista declamadora Itacy Almeida, encontra-se agora em Lisboa, actuando no «show» de um restaurante típico. Manuel Mestre, que esteve recentemente nas províncias do ultramar, voltará brevemente aos Estados Unidos e Canadá, onde já tem actuações marcadas para o próximo mês de Outubro.

DALILA ROCHA não está interessada em regressar ao Teatro Experimental do Porto

Da actriz Dalila Rocha, com pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

«O «Diário de Lisboa» noticiou, no passado dia 16 do corrente, a minha possível inclusão no elenco do Teatro Experimetal do Porto, para interpretar a «Medeia», de Eurípides, peça de abertura da época, numa encenação de Luís Tito. Revelava também ser possível que eu me mantivesse no elenco durante a próxima temporada teatral, como protagonista de várias outras peças incluídas num repertório cuidado.

Não há que desmentir a notícia vinda a lume, mas tão sómente *completá-la*, no respeitante à decisão que tomei.

Realmente, o convite feito pelo meu colega Luís Tito dava-me a oportunidade invejável de contactar de novo com o público da cidade do Porto, que sempre me acarinhou, e a possibilidade de interpretar personagens que, artísticamente, muito e muito me interessam. Porém, não só porque estou radicada em Lisboa (qualquer ida ao Porto nunca poderá ter caracter permanente) mas também por não me interessar voltar ao T. E. P., declinei o convite, logo ao primeiro contacto estabelecido comigo».

ARTISTAS PORTUGUESES NA HOLANDA

Em Scheveningen (Holanda), entre 4 e 10 do próximo mês de Julho, realiza-se um Festival de Musica Popular em que intervem uma delegação portuguesa escolhida pela «Philips».

Ontem, no decorrer de um «cocktail», João Martins (pelas Relações Publicas daquela firma) revelou como será formada a embaixada artística que se desloca á Holanda: Fernando Guerra, Luís Duarte e, como atracção, João Ferreira Rosa. Este será acompanhado por um conjunto de guitarristas: Fontes Rocha, Pedro Caldeira Cabral, Carlos Gonçalves e Pedro Leal

No juri internacional está presente o produtor radiofónico João Martins. Os artistas portugueses actuam a 8 de Julho, numa eliminatória que os reune ás delegações da Suiça e da Bélgica.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **Escritores, realizadores, psicanalistas, sociólogos e jornalistas intervieram num debate sobre a liberdade de expressão, em particular no que respeita á relação sexo-cinema. No debate, tomaram parte, entre outros, Emilio Servadio, Luigi De Marchi, Luigi Perrotti, Luigi Silori, Luciano Salce, Sergio Amidei, Damiano Damiani e Alfredo Bini.**

■ **O mercado cinematográfico sueco caracterizou-se em 1968 por um leve aumento nas receitas de bilheteira. O aumento foi na ordem dos 0,5 por cento, mas, por outro lado, diminuiu a afluência dos espectadores.**

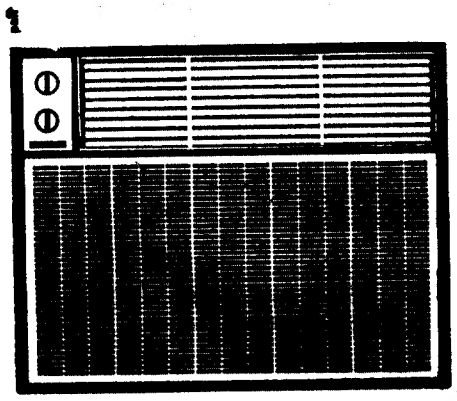
■ **Segundo o produtor dos filmes de «Frankenstein», Anthony Nelson Keys, esta personagem é uma espécie de precursor dos transplantadores, pois em certos filmes ele extrai células cerebrais para dar vida a monstros de toda a espécie. O seu intérprete, o actor Peter Cushing, disse que consulta sempre os seus amigos médicos, antes de rodar um filme onde Frankenstein «transplanta».**

Em VISEU o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na AGÊNCIA DE DOMINGOS, AGOSTINHO & FILHOS, LDA.

CAPITÓLIO
Telef. 32 03 79
Hoje ás 16 h. e ás 22 horas
Preços de Verão
(M. 17 anos)
«O 2.º TIRO»
de **Robert Thomas**
Trad. de **Jorge Batalha**
Amanhã: descanso da Companhia

ROLLS ROYCE
COMPRA-SE
De qualquer ano, preferência antigo. Resposta a Augusto Amorim — R. Augusta, 201 — Tel. 322142 — Lisboa.

ANDAMOS COM OS TEMPOS!...
TEMPO QUENTE...
TEMPO FRIO... E
TEMPO LINDE.
(...tempo a seu gosto)



Para aqueles que não suportam o calor ou ambientes saturados e com cheiros desagradáveis. Para aqueles que têm necessidade de ar fresco e renovado para um trabalho melhor.
Para aqueles que preferem o tempo ligeiramente quente, ou ligeiramente fresco, ou ainda o tempo assim-assim.
É altura de instalar um condicionador de ar **LINDE**.
Uma ligeira pressão no botão de controle e... TEMPO **LINDE**... TEMPO A SEU GOSTO.
8 modelos para grandes ou pequenas superfícies.

CONDICIONADORES DE AR
Linde
TEMPO A SEU GOSTO.

AGENTES GERAIS **Frigel** LISBOA — AV. INFANTE SANTO, 72 | A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	12/6/69	20/6/69	Desvio %
GERAL	125,1	129,4	+3,4
METROPOLITANAS	122,5	127,4	+4,0
Bancárias	177,8	190,3	+7,0
Eléctricas	95,3	97,3	+2,1
Industriais	117,5	121,9	+3,7
Diversas	132,2	134,7	+1,9
ULTRAMARINAS	144,0	144,1	+0,1
Angolanas	146,6	146,6	0
Moçambicanas	114,8	116,0	+1,0

tv pronto
ASSISTÊNCIA OFICIAL ÀS MARCAS:
AUTOVOX EKCO PYE LOEWE OPTA
REPARAÇÕES DE TELEVISORES DE TODAS AS MARCAS
tv pronto
R. DA QUINTINHA, 72-A
TELEF. 368902 / 3
LISBOA

ICI
'Vymura'
O PAPEL DE PAREDE REALMENTE LAVÁVEL
PERGOL — RUA D. ESTEFÂNIA, 163-C — LISBOA

Decreto-lei que regulamenta a edificação de casas para os professores primários

Vem hoje exarado na folha oficial o Decreto-Lei 49 070, que regulamenta o alojamento gratuito dos professores primários, decidido recentemente em Conselho de Ministros. De acordo com o artigo 1.º deste diploma, a edificação das casas para professores fica a cargo do Ministério das Obras Públicas, e será suportada pelas verbas atribuídas pelo Governo á execução do plano de construções escolares estabelecido pela Lei 2107, de 5 de Abril de 1961. Contudo, as despesas decorrentes da aquisição e expropriação dos terrenos onde serão erigidas as construções correrão pelas respectivas Câmaras Municipais.

Aliás, e segundo estipula o artigo 5.º do decreto-lei a que aludimos, as casas construídas ao abrigo deste diploma «ficarão sendo propriedade das Câmaras, em cujo património serão integradas, e a quem competirá a respectiva conservação, bem como o tratamento dos logradouros».

Entretanto, esta disposição legal comina (no art. 3.º) que «os edifícios escolares abatidos ao serviço do ensino poderão ser adaptados a habitações de professores, desde que ofereçam condições satisfatórias, e as obras de adaptação e reparação não conduzam a maior encargo do que o da construção de um edifício novo para o mesmo fim».

Desenvolvimento da Mão-de-Obra

No Serviço de Formação Profissional do Fundo de Desenvolvimento da Mão-De-Obra, iniciou-se, ontem, o XIV curso de formação pedagógica de monitores, que abrangerá um período de cerca de dois meses.

Através deste curso os monitores devidamente orientados, tornar-se-ão agentes de ensino na formação profissional acelerada de trabalhadores indiferenciados ou pouco qualificados que desejem atingir uma classificação profissional.

O reconhecimento da assinatura mediante a simples apresentação do bilhete de identidade

Em referência á notícia por nós publicada na quarta-feira, relativa á entrada em vigor do diploma que passa a permitir o reconhecimento da assinatura sem necessidade de abrir o sinal, e bastando para tanto mostrar o bilhete de identidade, esclarecemos que não é necessário ser o próprio a fazê-lo. Portanto, mesmo por interposta pessoa, desde que exiba o bilhete de identidade de quem deseja reconhecer a assinatura, tal reconhecimento é feito pelo funcionário competente, depois de verificada a semelhança entre as duas assinaturas.

De resto, esta interpretação, que nos primeiros dias de entrada em vigor da lei suscitou dúvidas, é a que corresponde correctamente ao novo texto legal do art.º 165.º do Código do Notariado, depois das alterações que lhe foram introduzidas pelo Decreto-Lei 49 656, publicado no «Diário do Governo» de 12 do corrente. De facto, dispõe agora esse artigo, no seu n.º 2:

«2. — Diz-se por semelhança o reconhecimento da letra e assinatura, ou só da assinatura, feita por simples confronto:

a) *Com os autógrafos existentes no livro de abertura de sinais, ou nos correspondentes verbetes arquivados, se estes estiverem rubricados pelo notário ou pelo ajudante;*

b) *Com a assinatura aposta no bilhete de identidade, exibido para o efeito, se o reconhecimento respeitar apenas á assinatura do seu titular.»*

ora diga-nos...

— Vai ver a final da Taça?

Trinta anos depois da célebre final da Taça em que os estudantes de Coimbra, vencendo o Benfica por 4-3, conquistaram o ambicionado troféu, a história repete-se... Mas repetir-se-á até ao fim, isto é, com uma sensacional vitória da Associação Académica? Denodo e entusiasmo não hão-de faltar aos estudantes de Coimbra, antes devem ser bem maiores do que em qualquer outra ocasião. E se o denodo e entusiasmo — e também o espírito de equipa, a entreajuda, a lucidez e inteligência no delinear do jogo — forem do nível do que se respira nas margens do Mondego, é bem natural que a mais do que nunca «gloriosa» Associação Académica de Coimbra venha a conquistar, através da secção de futebol, a sua segunda Taça de Portugal. Os bilhetes parece que são já muito difíceis de arranjar. Quem vai ao jogo do ano, cujos atractivos são muitos e muito variados?

● — Quero ir ao Académica - Benfica, sim senhor, embora ainda não tenha bilhete — *respondeu-nos, primeiro, António José Pina, empregado de escritório e estudante.* — Não gosto de futebol profissional, e quer por isso, quer

porque também sou estudante, e os estudantes devem estar unidos e ajudarem-se uns aos outros, vou *torcer* pela Associação Académica.

— Vai sempre ao final da Taça?

— Não, só às vezes. Mas desta vez não quero deixar de ir apoiar os estudantes de Coimbra.

● *Manuela Teresa Castilho, que trabalha numa administração de empresa, ficou surpreendida com a interrogação, e, um pouco espantada volveu-nos:*

— Não, não, não, futebol é das coisas que não aprecio. Nem ando a par dessas coisas...

— Mas sabia...

— Sim, sabia.

(«Mas, quem entra?» — *pergunta uma colega da inquirida, que também não liga muito a estas coisas... Esclarecê-mo-la).*

— Tenho uma certa simpatia pela Académica, por serem estudantes.

— Então, quer que seja ela a ganhar?

— Ah, isso prefiro que

seja o Benfica por ser o melhor.

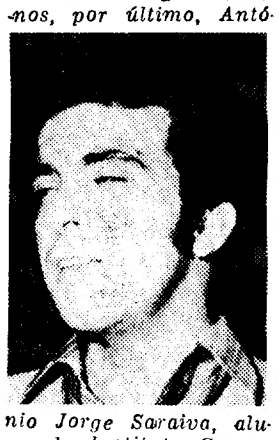
— Alguma vez foi ao futebol?

— Já. Quando era mais «nova»...

● — Vou à final, pois com certeza — *disse-nos, por último, António Jorge Saraiva, aluno do Instituto Comercial.* — Raramente vou ao futebol, excepto quando se trata da Académica de Coimbra. Ora, tratando-se dela e de uma final da Taça não quero deixar de ir.

— ?

— Sou do Benfica e da Académica. Mas entre os dois prefiro a última — e quero que seja ela a vencer.



Depressa, tome Rennie!

O SEU EXTINTOR DE BOLSO

Indigestão, azia, excesso de ácidos...
Você sente o estômago a arder!
Depressa! Uma pastilha Rennie
e apague imediatamente esse ardor!
Uma segunda Rennie,
dissolvida lentamente na boca,
assegura-lhe um alívio duradouro!
Rennie não precisa de água
e tem agradável sabor!

Rennie
Força digestiva!

i

A tradicional qualidade japonesa *a preços de mercado europeu*

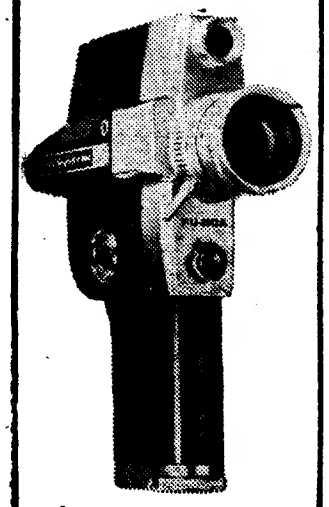
FUJICA

carregamento instantâneo

Single-8

P300

A mais compacta câmara de filmar com zoom



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL
HITZEMANN & C.ª, LDA.
PORTO — R. de Sá da Bandeira, 520/526
Telefs. 22185/6 e 24381
LISBOA — R. de Filipe Folque, 2-C e D
Telefs. 59788/9

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

VISTA SEUS FILHOS NO
BALÃO VERMELHO
E VISTA-SE A SI NA NOVA SECÇÃO
N.º 3
NOVIDADES PRIMAVERA-VERÃO
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 1-B — LISBOA 1

AU-PAIR

Família Inglesa dá-lhe alojamento em troca da sua ajuda doméstica.

Telef. 66 25 39 — depois das 19.00

LOTES TERRENO EM SESIMBRA

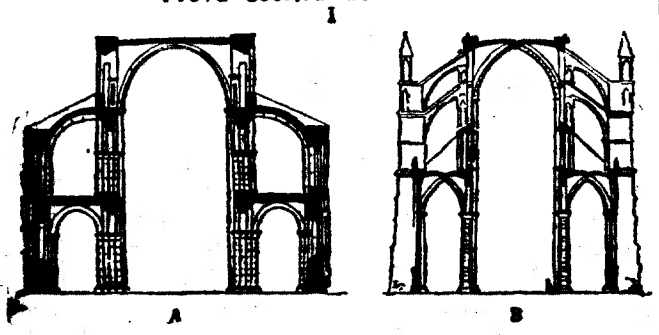
COM 700 m². APROXIMAD. A MELHOR VISTA SOBRE A BAÍA C/ ÁGUA E ESGOTOS. PREÇOS EM CONTA. TRATA O PRÓPRIO, VIVENDA MARALTO, ALTINHO S. JOÃO, ACIMA DO HOTEL DO MAR, SESIMBRA

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de História

I



A B

A catedral e o convento (artes românica e gótica)

SOLUÇÃO

I

1) Chamaram-lhe assim, por entenderem que, de certo modo, a arte românica continuava a arte romana, pois, tal como ela, empregava o arco de volta perfeita e a abóbada.

Gravura A — estilo românico:

2) Aqui a cobertura ou tecto, e a abóbada de berço, que exerce toda a pressão sobre as paredes, de modo que estas são mais grossas, apoiadas por contrafortes exteriores.

Tem um aspecto robusto e pesado.

Gravura 3 — estilo gótico:

Aqui a cobertura é já uma abóbada de aresta, com dois arcos que se entrecruzam, formando a ogiva; a partir dos contrafortes construíram-se uns arcos de pedra, os arcobotantes, que escoravam os pilares de sustentação das abóbadas.

As torres laterais são encimadas pelos pináculos.

Em regra, o estilo gótico é mais alto, leve e elegante que nasceu nas cidades e, mais profusamente iluminado, apresenta um equilíbrio maior.

3) A arte gótica é essencialmente uma arte urbana, que o românico e, sobretudo, portanto, está ligada ao movimento comunal-burguês e á necessidade de afirmação da burguesia no ponto de vista social, político, mas sobretudo cultural.

Assim, as catedrais góticas foram, muitas vezes, preciosos centros de divulgação cultural, onde era vulgar ensinar-se, pelo menos, o Trivium (Lógica, gramática, retórica), Música e cântico litúrgico, e mesmo ensino mais elementar, para ensinar as crianças a ler e a escrever.

Aliás, o justo equilíbrio das proporções da arte gótica, a sua planta complicada, representam o triunfo da capacidade do raciocínio do homem de então e a sua ânsia de progredir, superando a sua sabedoria.

II

1) A Romanização da Península Ibérica:

a) Quando os Romanos chegaram á Península Ibérica já o seu Direito se encontrava bastante desenvolvido, havendo já legislação preparada — Lei da Província — para regular a organização e administração dela, que, aliás, era ditada pelo Senado.

Para a administração e romanização das terras conquistadas, os Romanos fundaram, para eles romanos, colónias, governadas á maneira de Roma, sendo os principais focos de romanização.

Quanto às povoações indígenas, estabeleceram diferentes categorias: aliadas ou livres, isentas de tributação e independentes; confederadas e estipendiárias — obrigadas a pagamento de tributo, por castigo da sua resistência.

Quando alguma destas povoações indígenas se tornava importante, transformava-se em município, e a importância podia igualar a colónia, e passavam a ser governadas á semelhança de Roma, por 2 ou 4 magistrados, os duunviros ou quatuórviros, eleitos pelos cidadãos, e que diministravam a justiça presidindo aos comícios e comandando as milícias da cidade.

Os negócios municipais, a cobrança de imposto e orçamentos gerais competiam aos decuriões membros da Curia.

A partir do século III, os curatores substituem os duunviros e quatuorviros, e a importância do município decai.

Para administração da justiça, as províncias dividiam-se em conventos ou circunscrições jurídicas, existindo 3 na Península.

b) Os povos primitivos da Península, anteriores á conquista dos Romanos, tinham os seus cultos privados, que se mantiveram, ainda que adulterados, e uma forma de religião mais oficial, que se atenuou pela absorção do paganismo greco-romano-asiático. Vulgariza-se o culto a Júpiter, Minerva, Cibele, Isis, Lares, etc., aparecendo estátuas e praticando-se os seus rituais.

Todavia, a partir do final do século II, aparecem já numerosas comunidades cristãs, coexistindo com as pagãs. Parece que o próprio Apóstolo S. Paulo teria estado na Península.

À medida, porém, que o cristianismo se propagava e ganhava novos adeptos, surgia uma crítica á sociedade e soberania romanas, na medida em que o cristianismo apresenta a concepção de um homem novo.

Isso sujeitou os cristãos aqui na Península a perseguições tal como em Roma. Todavia, a partir do reconhecimento do Cristianismo como religião oficial do Estado, os cristãos puderam sossegar e organizar-se serenamente, sendo ela aqui, como pela Europa, a guardiã da cultura clássica.

Distinguiu-se Paulo Osório, com um Ensaio de História Universal — História contra os Pagãos. Mais tarde já no séc. VI com o Reino dos Suevos, Braga tornou-se muito notável no ponto de vista cultural e distinguiu-se S. Martinho de Dume.

Mas foi com os visigodos que a cultura mais progrediu sobretudo no aspecto do Direito na célebre o «Liber Judicorums». Pode até falar-se a partir do séc. VII numa cultura hispano-goda documentada na Península Ibérica por uma arquitectura de influência bizantina e artes menores sobretudo a gliptica.

O principal estudioso foi Santo Isidoro de Sevilha, verdadeiro espírito enciclopédico.

São de salientar Idácio, João de Biclara e S. Frutuoso.

Neste período o latim foi-se modificando conforme as regiões, estruturando-se os idiomas actuais.

2) O comércio português com o Oriente no séc. XVI:

a) A Índia foi atingida no final do século XV, portanto, só no séc. XVI, o comércio das especiarias teve importância notável.

Embora as nossas naus viessem carregadas de canela, noz-moscada, cravo, gengibre e pimenta, era esta a mais valiosa e mais vendável e a que atingia mais altos preços na Europa.

Eram os venezianos que a vendiam na Europa a preços fabulosos só acessível a grandes magnates, quando os portugueses a passaram a vender o seu preço baixou para cerca de um terço, e tornou-se acessível á maioria das classes.

De princípio o comércio das especiarias era livre e os particulares através do feitor, compravam-na. Porém pouco tempo depois para evitar a queda dos preços D. Manuel, determina que todas as vendas sejam feitas na Casa da Índia ao preço fixado. Encontrava-se pois no sistema de monopólio, que os economistas apontam como uma das causas da decadência desse mesmo comércio.

Sòmente os soldados e mareantes tinham direito a compra de certa quantidade de pimenta, a quintalada.

b) A maior parte das especiarias e também o açúcar

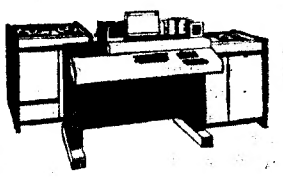
(Continua na página seguinte)

Sim...
este Office Computer*AJUSTA-SE à sua organização actual

A «nova família» de Office Computers PHILIPS está completamente livre das complicações habitualmente associadas à instalação de um computador. Não necessitará de mais pessoal nem de mais espaço nas suas instalações. Qualquer modelo começa a ser produtivo no dia em que é instalado, e poderá modificar ou aumentar o seu alcance quando quiser.

O Office Computer PHILIPS ajusta-se ao seu orçamento. As suas características ultrapassam as das máquinas de contabilidade e facturadoras convencionais, com as quais ainda compete em preço. Se ontem comprou duas máquinas de contabilidade, hoje ganharia comprando este Office Computer.
O Office Computer PHILIPS cresce com o seu negócio. É compatível e permite o alargamento da unidade básica de forma a obter, hoje e amanhã, uma instalação sempre adequada às suas necessidades.
O Office Computer PHILIPS é compacto, evitando o custo de mais espaço nas suas instalações. O P350 ocupa apenas cerca de 1,7 m².
O Office Computer PHILIPS é flexível. Fàcilmente se alarga a sua capacidade de memória, ou se introduzem novos programas de acordo com as necessidades.
O Office Computer PHILIPS é fácil de programar. Apenas com 14 instruções, cobre todas as necessidades do seu negócio.
O Office Computer PHILIPS é fácil de operar. Qualquer pessoa pode aprender a usá-lo. Tudo é claro, simples, e inteiramente controlado... e está pronto a ser usado a partir do dia da instalação.

* Um Office Computer PHILIPS constitui uma nova e importante fase no campo do processamento de dados. Coloca as últimas técnicas electrónicas ao dispor dos empresários de todas as classes. Ajusta-se em performance, preço e tamanho. Exactamente para si. Este Office Computer adapta-se às suas necessidades actuais, mas é tão flexível que pode aumentar à medida que o seu negócio cresce. Esta «Nova Família» está apoiada pela organização mundial PHILIPS. Os serviços técnicos da REGISCONTA estão prontos a transformá-lo num operador eficiente e rápido.
Para mais detalhes sobre este Office Computer que se ajusta ao seu negócio, conte com a experiência dos técnicos da REGISCONTA.



PHILIPS data systems

Regisconta
Máquinas Registadoras e de Escritório, SARL

LISBOA: Avenida Duque de Loulé (Edifício Regisconta)
Telefone 56 00 91 (8 linhas)
Filiais: PORTO — COIMBRA — FARO — LEIRIA

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATO LEAL CONSELHEIRO
ENSINO DE ADULTOS

Cursos de férias para alunos com conhecimentos adiantados.
Disc. Desenho para quaisquer alunos.
Rua do Alecrim, 47-2.º — Telef. 32 69 57

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da pág. anterior)

das ilhas atlânticas e depois do Brasil, iam da Casa da Índia, em Lisboa, para Binges e depois Antuérpia, na Flandres.

A nossa feitoria aí, que datava já do tempo de D. João I, gozando os mercadores portugueses grandes privilégios, tornou-se no século XVI, o maior entreposto comercial com a Europa central e setentrional.

O feitor dessa feitoria era o representante da coroa e essencialmente o seu agente comercial, mas no século XVI, esta feitoria transcendeu os seus limites puramente comerciais, e foi centro de actividade cultural, tendo contribuído para desenvolver o humanismo renascentista. Aí se distinguiu Damião de Góis, companheiro de Irasmo.

Dando o volume dos produtos trazidos do Oriente sobretudo a Lisboa, do século XVI, torna-se uma cidade importantíssima, substituindo as repúblicas italianas no empório do comércio oriental. Arrasta consigo o prejuízo dessas mesmas repúblicas, fazendo deslocar o eixo do comércio do Mar Mediterrâneo, para o Oceano Atlântico.

A população aumenta nela devido ao aumento demográfico geral e também pela emigração da população das aldeias para a cidade.

Aumenta o número de casas e de ruas embora a sua construção e pavimentação não seja de boa qualidade. Distingue-se a Rua Nova dos Mercadores, pela quantidade de seus estabelecimentos e qualidade de produtos á venda. Aí existe a pimenta do Malabar, a canela do Ceilão, os tapetes da Pérsia e tapeçarias da Flandres, cavalos da Arábia, sedas chinesas e italianas, porcelanas e arcas da China e Japão; peixes fumados do Norte da Europa, pedras preciosas variadas e ouro e prata lavrada à maneira portuguesa.

Aqui vêm comprar os mercadores estrangeiros, e a cidade torna-se cosmopolita.

3) O interesse das grandes potências pela África no século XIX:

a) Fechada pràticamente aos europeus a exploração do Novo Mundo, devido aos movimentos autonomistas que se deram nestes, voltaram-se então para o Continente Negro que permanecia, ainda muito desconhecido.

Baseando-se no direito internacional, que só admitia o domínio colonial quando havia ocupação efectiva, ingleses, franceses, alemães e italianos, penetram na África.

Em 1876, Stanley, avança pelo lago Vitória, chegando ao lago Alberto Eduardo; Livingstone, visita o lago Niassa, percorre o rio Zambeze, em novas viagens chega ao Alto Nilo e Zanzibar. Brazza percorre as bacias do Ugné e Chaci e chega ao lago Chade. Barth e Nachtigal percorrem o deserto do Saará e chegam á zona do lago Chade.

Do ponto de vista científico, sobretudo no plano geográfico, estas viagens são proveitosas. Mas estes exploradores impõem a soberania nestes territórios dos respectivos estados para quem trabalham.

Entram assim em grande conflito com Portugal pois lhe pertenciam històricamente por direito muitos desses territórios.

Seguem-se os nossos exploradores também para reivindicarem a posse desses mesmos territórios e assim Capelo, Ivens e Serpa Pinto, partem de Luanda para o Bié.

Serpa Pinto vai pelo Cuanza até às Cataratas Vitória, atravessa o Transval, seguindo até à África do Sul.

Capelo e Ivens visitam Benguela, estudam os cursos do Cunene, Culango e Cuando.

Mais tarde partindo de Moçamedes conseguem Quelimane.

b) Estas viagens dos exploradores africanos levantaram grave problema internacional, para partilha da África pelos grandes Estados europeus. Portugal tentava entretanto, defender os seus territórios, apelando para velhos aliados como a Inglaterra, que nem sempre nos apoiava.

O problema teve a sua resolução na Conferência de Berlim, que partilhou a África pela França, Inglaterra, Alemanha e Itália, caminhando para os Impérios Coloniais Europeus.

Criou-se a Associação Internacional do Congo, estabeleceu-se a liberdade de comércio e navegação na bacia do Congo, que nos prejudicava a nós portugueses e admitiu-se o princípio da efectividade da ocupação para o estabelecimento de colónias, renegando o direito histórico.

3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Ciências Naturais

SOLUÇÃO

Ciências Geológicas

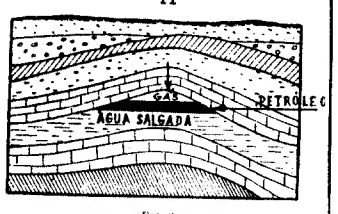
I

1 — O ângulo B mede também 120° porque nos cristais de uma mesma espécie de mineral, embora com aspectos geométricos diferentes, devido ao desigual desenvolvimento das suas faces, os ângulos formados por duas faces determinadas são sempre iguais.

2 — O grau de simetria cristalina não coincide com o grau de simetria geométrica. As classes de simetria em que o quartzo pode aparecer cristalizado são: uma classe hemiédrica do sistema hexagonal ou uma classe tetartoédrica do mesmo sistema. Sendo assim a simetria cristalina é inferior à simetria geométrica. Aparentemente o cristal representado em A é da classe holoédrica do sistema hexagonal.

3 — A sílica é uma substância polimorfa. Quando cristalizada a uma temperatura inferior a 573°C, origina uma espécie de mineral chamada quartzo α. Se cristalizar a uma temperatura inferior àquela obtém-se o quartzo β. Deste modo as formas cristalinas dão indicações sobre a temperatura em que a cristalização se realizou. É por isso que a sílica é conhecida por «termómetro geológico».

II



1 — *a*) Modernamente considera-se que a origem dos petróleos resulta de uma decomposição feita ao abrigo do ar, por microrganismos, principalmente bactérias e fungos. Estes seres anaróbios transformam os constituintes gordos do sapropel em hidrocarbonetos líquidos.

Esta decomposição chama-se betuminização.

b) O petróleo encontra-se quase sempre sobrenadar água salgada, rica em cloro, bromo e iodo, substâncias estas que são em geral absorvidas pelos seres marinhos. Diz-se que a origem dos petróleos se radica nos mares donde flutuava um plancton abudante cujos cadáveres o acumulávam nos fundo e se decompunham formando o petróleo.

2 — *a*) As rochas que podem servir de armazém são geralmente rochas porosas tais como areias e grés ou rochas não porosas (calcários, por exemplo). Nestas últimas rochas o petróleo encontra-se preenchendo cavidades ou fendas.

b) A rocha cobertura é uma rocha impermeável. A argila por exemplo.

3 — Os carvões *sauropédicos* têm certas afinidades com os petróleos porque se originam também por betuminização. Para a sua formação foi necessário, também, uma incarbonização dos seus constituintes celulósicos.

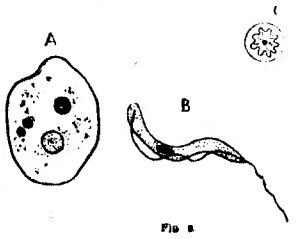
4 — *a*) A sua origem vegetal pode ser reconhecida por observação microscópica. Notam-se tecidos lignificados, produtos resinosos e outros produtos vegetais já bastante alterados. Muitas vezes notam-se, também, no tecto e no muro dos terrenos hulhíferos, fósseis das plantas que incarbonizaram.

b) Os vegetais que mais contribuíram para a origem dos maiores jazigos actuais de hulha viveram na Era Paleozoica, período Antrocolítico.

c) Ao grupo das Pteridófitas e das Espumatófitas. Deste último tipo apenas as gimnospérmicas originam carvões naquele período.

Ciências Biológicas

I



1 — A doença produzida pela Entomoeba histolytica chama-se disenteria tropical amibiana.

O Trypanosoma gambiense produz a doença do sono, e a Haemamoeba vivax provoca as febres palustres.

2 — O animal figurado em A desloca-se por meio do pseudópodos, e o figurado em B, por meio de um flagelo.

3 — Os indivíduos atacados pelo plasmódio apresentam uma cor terrosa, porque a hemoglobina dos glóbulos vermelhos é transformada numa substância de cor acastanhada.

Os acessos febris correspóndem ao momento em que os merozoitos abandonam as hemácias e se espalham no plasma sanguíneo. A febre elevada é devida às toxinas elaboradas pelo parasita.

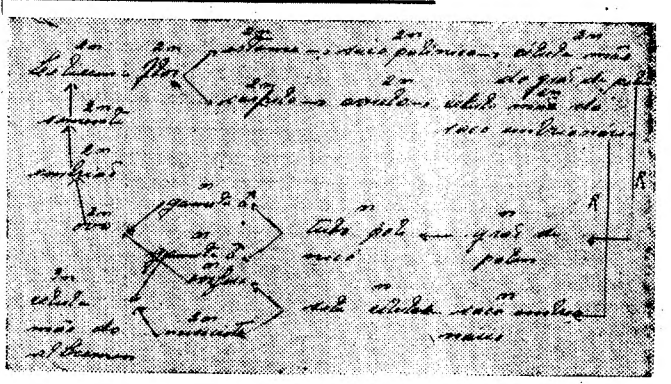
4 — O insecto que transmite os germes do Trypanosoma é a mosca do género glossina. O paludismo é transmitido pelo mosquito fêmea do género Anopheles, ou outros géneros muito semelhantes.

Pertencem á ordem dos dípteros.

II

O saco embrionário resulta da célula mãe do saco embrionário. Esta célula, que pertence ao núcleo do óvulo por uma divisão reducional, dá quatro células; três degeneram; a que fica é o saco embrionário. Na sua germinação, o núcleo haploide divide-se em dois, que se afastam cada um para o seu pólo daquele saco. Aí cada núcleo divide-se duas vezes, dando origem a quatro núcleos cada um, formando, assim, portanto, quatro energídeos em cada pólo.

Depois, dois inergídeos (um de cada pólo) juntam-se na parte central e conjugam-se, formando assim uma célula central chamada o mesocisto.



3 — A semente duma Angiospérmica forma-se do seguinte modo:

O grão de polen germina no estigma do carpelo. Forma assim um tubo polínico que caminha através do estilete, penetra no ovário e dirige-se para o micróbio do óvulo e vai ao contacto com o saco embrionário. Aquele tubo leva dois energídios masculinos. Um conjuga-se com a oosfera, outro com o mesocisto. Da primeira conjugação resulta o ovo que dividindo-se activamente dá o embrião. Da segunda conjugação forma-se uma substância de reserva.

Quando o embrião estiver desenvolvido e as substâncias nutritivas estiverem acumuladas, a semente está pronta para a germinação.

4 — O desenvolvimento do embrião da semente faz-se à custa das substâncias acumuladas do cotilédones. Algumas substâncias de reserva para serem aproveitadas pela plantula em desenvolvimento têm que se tornar solúveis por fermentos especiais. Estão neste caso o amido e a aburona. Os cotilédones, depois de consumidas todas as substâncias que continham, morrem e desaparecem.

Desta forma resultam portanto da germinação do saco embrionário sete células: — três sinergideas das quais uma é a oosfera; três antípodas e uma célula central ou mesocisto.

2 — A geração mais diferenciada nas Angiospérmicas é a geração esporáfita, pois nela está incluída a própria planta que é o elemento mais diferenciado do ciclo.

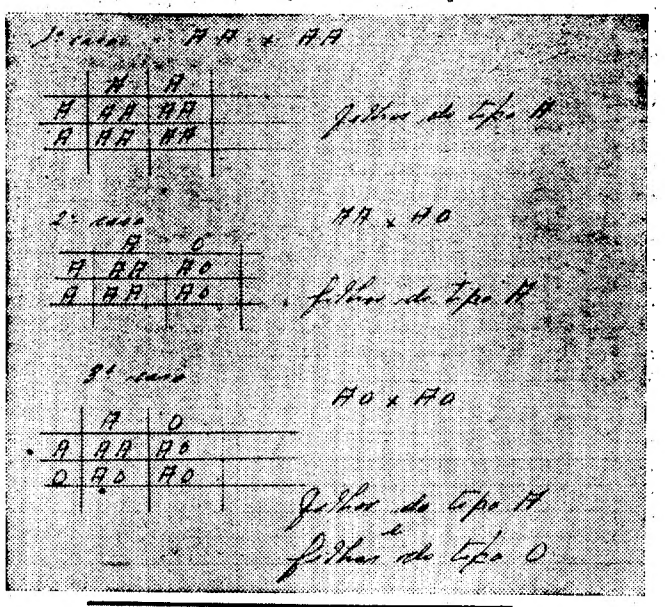
III

1 — As incompatibilidades de sangue provém de certas substâncias que se encontram no plasma do sangue. Estas substâncias são as aglutininas que actuam sobre os globulos vermelhos que contém outras substâncias chamadas aglutinogéneos. Para que uma transfusão seja possível é necessário que as hemáceas do dador não contenham os aglutinogéneos correspondentes às aglutininas do plasma do receptor.

2 — Um indivíduo do grupo *O* pode fornecer sangue a qualquer pessoa porque as suas hemáceas não contêm aglutinogéneos e portanto não há perigo de as hemáceas serem aglutinadas.

3 — Os filhos deste casal podem produzir filhos do grupo *A* ou do grupo *O*.

Justificação:



3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Francês

SOLUÇÃO

I

A) 1—Expression qui suggère le clair de lune et la sensation de douceur qu'il fait naître dans l'âme de l'artiste.

2 — L'aspect extérieur de l'arbre, flexible, ondoyant semble un être qui flotte sur la terre baiguée de lumière.

B) 1 — C'est la Superbe psychologie. D'un côté, l'aspsychologie. D'un côte, l'aspect pictural d'une nuit féerique dominée par la splendeur de la lune; de l'autre,

(Continua na página seguinte)

LICEU-INSTITUTOS
1.º, 2.º E 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS
CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão
ESCOLA SÃO VICENTE: R. do Paraíso, 28 — T. 865904
EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL: Rua Carrilho Videira, 10 — T. 834658; R. Edith Cavell, 8, 1.º — T. 820221
Manter-se-ão aulas durante as férias
Cursos a iniciar em 1 de Julho

VERÃO-69
APRENDA INGLÊS
NA
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
● CURSOS INTENSIVOS (DURAÇÃO 4 — SEMANAS
● PREPARAÇÃO PARA EXAMES
● CURSOS DE CONVERSAÇÃO
INTERNATIONAL HOUSE
RUA MARQUÊS SÁ DA BANDEIRA, 16

SÁ DE MIRANDA
EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — LISBOA

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da pág. anterior)

la sublimité que cette nuit provoque dans l'esprit de l'homme, tout en l'approchant de Dieu.

2 — Malgré le mystère des choses et l'épaisseur des profondes ténèbres, l'auteur fait appel à la lumière et, par une sorte d'intention poétique, presque mystique, il nous découvre la beauté de la savane, l'agitation des bouleaux, la surface brillante de la rivière, contrastant avec les sourds mugissegroupes de nues, les âles ves, surtout, quand il nous ments de la cataracte.

3 — Des sensations auditives, surtout, quand il nous parle de la brise, du vent subit, du gémissement de la hulotte, des sourds mugissementes de la cataracte.

Des sensations tactiles: le satin, les flocons légers, une ouate éblouissante, la mollesse, le jour velouté.

C) 1 — La description de ce beau tableau symbolise le mot divin révélé à l'artiste, cette nuit-là. Ces révélations soudaines, tantôt fournies par les endroits éclairés, tantôt suggérées par l'ombre impénétrable lui permettent de s'approcher de l'essense de la création. Mais, malgré cette merveilleuse «mise-en-scène», Chateaubriand y trouve des éléments mélancoliques; il nous parle de «arbre solitaire, de la chute des feuilles, du calme trop lourd de la nuit, des mugissements douloureux du Niagara.

2 — Chateaubriand aime à se trouver seul avec Dieu, malgré ce sentiment tragique de sa solitude, malgré l'essence du monde lui être impénétrable. Le plaisir de se sentir en présence de la dévinité, d'être admis à ses secrets font palpiter son sein. C'est que «les solitudes de la terre sont moins vastes qu'une seule rêverie de son coeur».

II

A ribeira que corria a meus pés, ora se perdia nos bosques, ora reaparecia brilhante com as constelações da noite que repetia em seu selo. Numa savana de lá do outro lado da ribeira, o luar dormia, docemente, espraiado sobre a relva; havia bétulas dispersas agitadas pela brisa que formavam ilhas de sombras fluctuantes por sobre este mar imóvel de luz.

III

a) La lune pleine et belle projetait sa lumière triste et froid sur un ciel sans nuages Il s'agissait d'une de ces nuits rares, mais admirables d'un court été britanique.

b) Le sable qui craquait sous les roues de la voiture dans les ruelles polies du parc, les branches qui tombaient des arbres et que nous touchions, doucement, au passage ... tout pour moi formait des impressions d'une inexplicable tristesse jamais subie.

c) L'âme s'y attachait, le bonheur s'enfuiait pour toujours de mes propres mains, je pensais que j'irais me trouver seul, abandonné, proscrit dans le désert de la vie.

IV

Composition

Resposta de tratamento subjectivo, motivo por que a não incluímos nesta resolução.

Tópicos gerais:

— La couleur locale chez les romantiques.

— L'individualisme.

— Le pittoresque lié au sentiment de la nature.

— La sincérité.

— La sensibilité (le promeneur solitaire).

— Le sentiment religieux.

3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Alemão

SOLUÇÃO

Questionário

Respostas

A — 1. a) Meiner Meinung nach gehörte die Männerstimme einem Angestellten des Hotels (Bristol).

b) Weil Tante Paula wahrscheinlich noch in ihrem Zimmer war und von dort keine direkte Telefonverbindung machen konnie.

c) Wir wissen es, weil Tante Paula, die einzige Millionärin der Familie Vehrenkamp, gerade im Hotel Bristol abgestiegen war.

2. a) Sie wollte Annelieses Eltern sprechen.

b) Mit vollem Namen heisst sie Anneliese Vehrenkamp. Ich würde sie in Gesellschaft Fräulein Vehrenkamp anreden.

c) Um dort, und wegen ihres Rheumas, einen Badeort aufzusuchen.

3. a) Wir können es behaupten, weil Tante Paula ihrer Nichte telefonisch sagte, dass sie noch en jenem Tag abend heimreise.

b) Weil Tante Paula zu ihnen kommen würde und, da es Sonntag war, nichts eingekauft werden konnte.

c) Weil sie seit Erikas Konfirmation nicht mehr gebraucht worden und daher verstaubt waren.

B e C — Para estas duas partes será difícil elaborar texto em alemão que, no geral, possa corresponder ao que cada aluno haja escrito. Trata-se, até certo ponto, de redacções que, embora tendo por base elementos concretos, permitem suficiente liberdade de acção pessoal e, por isso mesmo, muito de subjectivo pressupõem.

Tradução para português

D — Depois disse ela ainda: «Regresso hoje a casa e por isso ainda queria fazer-vos uma curta visita (dar um salto até vós).» Oh meu Deus (do Céu), e logo hoje, que nada se pode comprar por ser domingo! De qualquer modo ficamos sempre aflitas (ou entramos sempre em pânico) quando esperamos visitas. Ainda antes de atar um avental, pus-me a fazer bolachas. Aqueci água ràpidamente, para lavar do pó as chávenas chinesas que desde a primeira comunhão de Erika jamais tinham sido utilizadas.

E — Erst nachdem die Tante angekommen war, merkte ich, dass die Wohnung noch unaufgeräumt war. Meine Schwester hatte ihren Mantel auf einem Stuhl liegen lassen; Peters Stiefel standem auf dem Korridor vor der Tür seines Schlafzimmers. Die Uhr im Wohnzimmer stand still und der Kredenztisch war verstaubt.

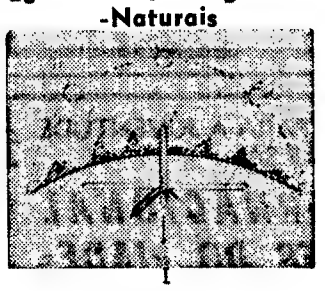
Trotz meiner Verlegenheit gelang es mir noch, die Tante so gut zu unterhalten, dass ich eingeladen wurde, einen Monat bei ihr in Berlin zu verbringen.

Breve comentário

O ponto, ainda que de um modo geral (textos, questionário e exercícios) acessível a qualquer aluno médio, é, contudo, excessivamente longo e isso — e para quem tem apenas dois anos de aprendizagem de uma língua tão complexa como é a alemã — terá ocasionado sérios embaraços e inibitivas preocupações aos examinandos. Muitos deles não terão conseguido resolver todo o ponto na escassa hora e meia de que dispunham e terão, portanto, sido vítimas de hesitações bem evitáveis com trabalho de menor extensão e, portanto, de maior equilíbrio a solicitar a serena reflexão dos alunos.

1.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Ciências Geográfico-Naturais



I

Suponha que a figura 1 representa diversas posições do Sol, no dia em que começou a Primavera em Portugal Continental, e a sombra da vara A, relacionada com essas diferentes posições do Sol.

1 — a) A que dia e mês se refere a figura?

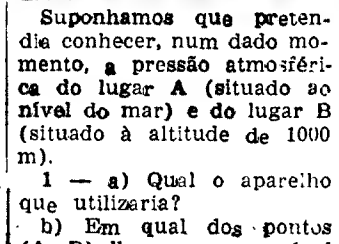
b) Durante quantas horas esteve o Sol acima do horizonte? Justifique a sua resposta.

2 — a) Indique, na sua prova, à frente dos números 1, 2 e 3, os pontos cardeais ou colaterais que as respectivas sombras determinam no horizonte.

b) Como explica que o Sol aqueça menos a Terra ao aparecer, ou ao desaparecer, no horizonte, do que ao meio-dia?

c) Como explica o movimento do Sol de Oriente para Ocidente?

II



Conhece bem os efeitos do calor sobre a matéria.

1 — a) Que entende por matéria?

b) A água contida no copo manter-se-á no estado líquido no decorrer da experiência da fig. 2? Justifique a resposta.

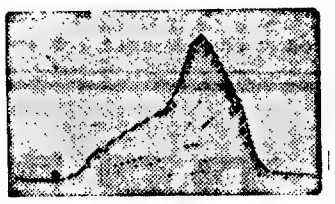
c) Como explica que, passado algum tempo, todo o gelo que está misturado com o sal, passe ao estado líquido?

2 — a) Em que zonas terrestres há maior abundância de água no estado sólido? Justifique a sua resposta.

b) Como explica que na zona equatorial as chuvas sejam muito abundantes?

3 — Qual a razão porque, nos caminhos-de-ferro, se deixam intervalos entre os carris?

III



Suponhamos que pretendia conhecer, num dado momento, a pressão atmosférica do lugar A (situado ao nível do mar) e do lugar B (situado à altitude de 1000 m).

1 — a) Qual o aparelho que utilizaria?

b) Em qual dos pontos (A, B) lhe parece provável ser mais elevada a pressão atmosférica? Justifique a resposta.

2 — Para o mesmo lugar, como varia, com a temperatura, a pressão atmosférica?

3 — Indique duas aplicações práticas da pressão atmosférica.

IV

Imagine que ouviu as seguintes afirmações:

A — «Todos os seres vivos apresentam locomoção».

B — «A respiração é uma função vegetativa».

1 — Mostre, por meio de exemplos, que:

a) A afirmação A está errada.

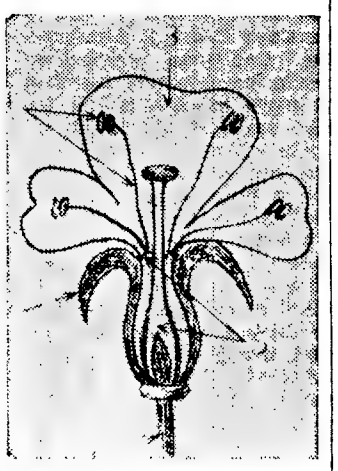
b) A afirmação B está certa.

2 — a) Respirando nós por pulmões, acha que poderemos utilizar, na respiração, o ar dissolvido na água? Justifique a resposta.

b) Quais os órgãos que, no homem, conduzem o ar até aos alvéolos pulmonares?

c) Como pode provar que o ar expirado contém muito anidrido carbónico e muito vapor de água?

V



Na fig. 4 poderá ver algumas peças florais, indicadas pelos números de 1 a 5.

1 — a) Escreva, na sua prova, *à frente de cada número*, os nomes das respectivas peças florais.

b) Que papel desempenham as peças 2 e 3?

2 — a) A flor representada poderá pertencer a uma alga? Justifique a sua resposta.

b) Em que peças florais se formam os grãos de pólen?

VI

O homem pode, dentro de certos limites, modificar as condições do solo.

1 — Quando o solo é seco, como o poderá modificar de forma a torná-lo produtivo?

2 — Quando o solo é pobre em substâncias minerais e húmus, como procede o homem para o enriquecer, de forma que as plantas possam aí desenvolver-se?

SOLUÇÃO

I

1 — a)

Ao dia 21 de Março.

b) 12 horas. Nos dias 21 de Março e 23 de Setembro, os dias são iguais ás noites; pois, o Sol, só tem o nascimento e o ocaso nos pontos cardeais Este e Oeste, nas referidas datas. A posição do Sol relativamente á Terra é a mesma nos dois hemisférios.

2 — a)

1 — Nordeste (NE)

2 — Norte (N)

3 — Noroeste (NW)

b) Porque a altura do Sol ao aparecer e ao desaparecer é menor que a altura do Sol ao meio-dia.

c) Porque é um movimento aparente, resultante do movimento de rotação da Terra e dá-se em sentido contrário ao movimento desta.

II

1 — a) Damos o nome de matéria a tudo aquilo que tem peso e ocupa espaço.

b) Passará ao estado sólido, quando a temperatura da água se tornar inferior a zero graus centígrados.

c) Absorvendo calor.

2 — a) Na zona frígida do Norte e na zona frígida do Sul, onde as temperaturas são muito baixas devido a estarem mais afastadas do Equador.

b) Aí a vegetação é mais densa (florestas), há mais humidade. A temperatura é mais elevada, há maior evaporação e por conseguinte, formação de nuvens em maior número.

3 — Para que ao dilatarem-se pela acção do calor, não se deformem.

III

1 — a) Barómetro

b) Em A. Porque quanto menor é a altitude, maior é a pressão atmosférica

2 — A maiores temperaturas correspondem menores pressões atmosféricas e a menores temperaturas correspondem maiores pressões atmosféricas.

3 — Palhinha de refrescos e conta-gotas

IV

1 — a) As plantas são seres vivos e não têm locomoção — não mudam de lugar.

b) Tanto para os animais como para as plantas, a respiração é uma função indispensável á sua existência.

2 — a) Não. Porque, vivendo nós sobre o solo, respiramos ar seco.

b) Os brônquios, cujas ramificações — bronquíolos — são canais que terminam nos alvéolos pulmonares.

c) O ar expirado turva a água de cal — porque contém mais anidrido carbónico do que o ar atmosférico; embacia um vidro frio porque contém mais vapor de água do que aquele que existe no ar atmosférico.

V

1 — a)

1 — Pedúnculo

2 — Sépala

3 — Pétala

4 — Estame

5 — Ovário (Carpelo)

b) Protecção das peças de reprodução.

2 — a) Não. Nas algas as células formam um talo e não dão flores.

b) Nos estames (antera). Função de reprodução.

VI

1 — Por meio da irrigação.

2 — Adubando-o com adubos químicos e adubos orgânicos.

Admissão ao 2.º ano do Ciclo Preparatório

Os exames de admissão ao 2.º ano do ciclo preparatório do ensino secundário, que se destinam aos alunos que frequentam a 5.ª classe de instrução primária do ensino oficial ou particular, podem ser requeridos até ao dia 30 deste mês, nas escolas do Ciclo Preparatório, nas quais se prestam todas as informações.

LÍNGUAS
Rua D. Estefânia, 48
Tel. 533733
cial
ÁUDIO-VISUAIS E LAB
EXTERNATOS
Av. da República, 83
77 90 47 e 76 96 20
CRISFAL
INSTITUTOS
LICEU – 2.ª ÉPOCA

†

D. ARGENTINA MENDES SIMÕES PEREIRA

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

João Simões Pereira, Maria Dina Mendes Simões Pereira, João Abílio Mendes Simões Pereira, Mulher e filhos; irmãos, cunhados, sobrinhos e mais família participam que mandam celebrar missa pelo eterno descanso da alma da sua muito querida mulher, Mãe, Sogra, Avó, irmã, cunhada, tia e parente, segunda-feira, dia 23, pelas 12,30 horas, na igreja de São Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem a assistir a este piedoso acto.

A PROJECÇÃO CRESCENTE DO BANCO BORGES & IRMÃO EM TODO O TERRITÓRIO PORTUGUÊS — salientada pelo sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros no decorrer do acto inaugural das novas instalações da agência daquele estabelecimento de crédito na Covilhã

COVILHÃ, 21 — Foram hoje inauguradas nesta cidade as instalações definitivas da agência do Banco Borges & Irmão, no decorrer de uma cerimónia que, quer pelo significado de que se revestiu, quer pelo número e projecção das personalidades a que a ela assistiram, assumiu assinalável alcance económico e social.

No acto estiveram presentes as autoridades e entidades oficiais de maior relevo no distrito e no concelho, entre as quais o Governador Civil, sr. dr. Manuel Augusto Ascensão Azevedo, e presidente do município, sr. eng.º Vicente Borges Terenas, além de representantes dos diferentes organismos económicos da cidade e da região, figuras destacadas da indústria, do comércio e da agricultura e muitos clientes do Banco. Pelo Banco Borges & Irmão assistiram os srs. Conde da Covilhã e dr. Miguel Gentil Quina, respectivamente Presidente e Vice-Presidente do Conselho de Administração; os administradores srs. eng.º Miguel Rezende e drs. Rui Fortes da Gama e Antão Santos da Cunha; drs. Pedro Soares Martinez e José de Albuquerque Calheiros, respectivamente, presidente e membro da mesa da Assembleia Geral; srs. dr. Mário Gentil Quina e Manuel Lagos, membros do Conselho Geral; srs. drs. Affonso Corrêa Leite e José Gualberto Sá Carneiro e Manuel Pinto de Azevedo Júnior, respectivamente presidente e membros do Conselho Fiscal; e, pela filial em Lisboa, os srs. drs. Manuel Marques Guedes, director-geral, e Rui de Albuquerque, adjunto da administração; e consultores técnicos e directores de serviços, além do gerente da agência, sr. Manuel Martins Viegas Álvares.

A cerimónia principiou com a bênção das novas instalações, dada pelo padre dr. António Mendes Fernandes, representante do pároco da freguesia em que se integra a Rua Comendador Campos Mello onde se situa o edifício.

Em seguida, o sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã) proferiu um significativo discurso, necessàriamente fiel aos objectivos de expansão e progresso do Banco Borges & Irmão, que, obedecendo ao condicionalismo da legislação em vigor, tem procurado e conseguido fazer a cobertura bancária do País, abrangendo as grandes províncias ultramarinas de Angola e Moçambique por intermédio do seu associado, o Banco de Crédito Comercial e Industrial; mas, por outro lado, integrando-se numa tradição familiar de íntima associação com o próprio progresso da Covilhã, na medida em que, desde longa data, a família do sr. Conde da Covilhã colabora activamente no fomento económico, agrícola e turístico de uma cidade e de uma região que podem considerar-se, sob estes aspectos, verdadeiramente privilegiadas. Assim, o discurso do sr. conde da Covilhã, ao mesmo tempo que sublinhou a transcendência económica e social do acontecimento, não deixou de assinalar, discretamente, as razões sentimentais do seu apego à laboriosa região.

Sempre desejámos que o Banco Borges & Irmão pudesse marcar aqui uma presença válida, justificada pela importância económica da Covilhã e da sua vasta zona de influência — afirmou o sr. Conde da Covilhã

Usando da palavra, após a bênção das instalações, o sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros disse:

«Quer em nome do Banco que represento, quer em meu nome pessoal, desejo, antes de mais, cumprimentar e saudar V. Ex.ª, Senhor Governador Civil, agradecendo-lhe, penhoradamente, a sua honrosa presença nesta cerimónia inaugural.

E nesses cumprimentos e saudações englobo, ao mesmo tempo, o Ilustre Representante do Governo da Nação e o Chefe deste grande Distrito, o Magistrado íntegro e o Homem de bem, que na sua mocidade e na sua devoção à coisa pública, pelo seu carácter e pela sua formação social soube granjear o respeito e a simpatia da gente da Beira Baixa.

Nos tempos perturbados que vivemos, perante as dificuldades que é obrigação de todos ajudar a vencer, formulamos os melhores votos pelo êxito do seu magistério político, Senhor Governador, e oferecemos-lhe a nossa leal e amiga colaboração.

Ao Senhor Presidente da Câmara, qualificado representante da grei covilhanense, gente laboriosa e boa, dirigimos as nossas gratas homenagens, em testemunho de profunda estima por esta Terra, que queremos cada vez maior e mais progressiva, sob a sua esclarecida e dedicada acção administrativa.

Aceite Vossa Reverência um especial agradecimento por, em cerimónia cheia de significado e riqueza espiritual, ter trazido a bênção de Deus a esta Casa e aos que nela trabalham.

A todas as autoridades e entidades aqui presentes, a expressão do nosso vivo reconhecimento, reconhecimento que tornamos extensivo a todos quantos, de perto ou de longe, nos deram a honra de vir compartilhar connosco esta hora de justificada alegria e íntima satisfação.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Estou certo de que todos os presentes conhecem a minha entranhada afeição pela Covilhã. Todos sabem quanto ela representa para mim, no aspecto familiar, no aspecto social, e, pela posição que ocupo na Banca Portuguesa, na minha vida profissional.

À Covilhã estou preso por indestrutíveis laços de família. Pesa sobre os meus ombros a dura mas nobre responsabilidade de uma tradição de prestígio social, de prestígio político e de prestígio económico, que, com a ajuda de Deus e a compreensão dos homens, procuro manter íntegra para a transmitir aos que me hão-de suceder e continuar.

Aqui, na Covilhã, conto muitos e queridos amigos, aqui tenho a minha casa e, fiel às raízes, deixei-me enamorar pelas belezas desta magnífica Província, desde as encostas da sua Serra às planuras de Monfortinho; o coração a dar e a receber amizade, um sentido de fraternidade a despertar e a comandar iniciativas, uma actividade votada à valorização da terra e à promoção social das suas gentes.

Pelo que ao Banco Borges & Irmão respeita, sempre desejei, ou melhor, todos os que pelo Banco respondem sempre desejaram que ele aqui pudesse marcar uma presença válida, justificada pela importância económica da Covilhã e da sua vasta zona de influência, pela similitude entre a Invicta Cidade do Porto, onde o Banco tem a sua sede, e a nobre Cidade da Covilhã, ambas brasonadas pelo trabalho criador, e também porque me era grato retomar, no plano bancário, uma tradição familiar que, porventura, não será de todos conhecida.

Mas, a verdade é que meu Avô — Cândido Augusto d'Albuquerque Calheiros, 1.º Conde da Covilhã, que aqui se finou em 11 de Outubro de 1904, rodeado do carinho da família e da estima dos seus conterrâneos, foi Presidente da Direcção e da Assembleia Geral da Associação Industrial e Comercial e exerceu durante mais de vinte anos as funções de Director do Banco da Covilhã.

Pois, na linha dessa tradição, e no quadro mais vasto de um Banco que hoje se projecta em toda a terra portuguesa e que, através do seu associado Banco de Crédito Comercial e Industrial, se estende às nossas principais Províncias Ultramarinas (Angola e Moçambique), na linha dessa tradição, dizíamos, volta à Covilhã o neto

Piscina das Termas do Vimeiro

(A 1 HORA DE AUTOMÓVEL DE LISBOA)

(Caudal 60 000 litros hora)

Água corrente à temperatura natural de 27.º

A água mineromedicinal do Vimeiro, que o povo apelidou de Água Santa muito antes da existência de análises químicas, tem virtudes terapêuticas que permitem a absorção rápida pelas células da epiderme que ao incharem dão ao tegumento um aspecto de juventude e frescura, chamado vulgarmente de pele aveludada, sendo esta sensação ainda maior se a pele for seca e tiver tendência a engelhar.

Um brinde da Natureza na piscina mais higiénica do País.

Hospede-se no Hotel das Termas ou no Golfe Mar

EQUITAÇÃO — TÉNIS — GOLFE — PRAIAS

Marcações telefs. 680568-651202 ou A-dos-Cunhados 3 e 6

DRAGÃO D'OURO

RESTAURANTE CHINES

Um mundo de exotismo e de bem servir

Ambiente seleccionado

RESTAURANTE — SERVIÇO DE CHÁ

P.ª Inf. e Reservas: Tel. 714503/369655

Av. Frei Miguel Contreiras, 54-B-Lisboa

Junto à passagem de nível da Av. Roma

AR CONDICIONADO

E

EMERSON

A marca de qualidade

FRIGORÍFICOS DE LUXO A PREÇOS NORMAIS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

43 Rua dos Douradores, Telef. 361783, LISBOA

JOIAS E PRATAS

COMPRAMOS COBRINDO TODOS OS PREÇOS

OURIVESARIA PORTUGAL

ROSSIO, 122

Joalharia Mergulhão

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B

Telefone 30013

LISBOA — PORTUGAL

UMA NOVA CARREIRA PARA A JUVENTUDE PORTUGUESA

ESCOLA INTERNACIONAL DE DECORADORES DO «IADE»

sob o patrocínio da

INSEA — SOCIETY FOR EDUCATION THROUGH ART

(Órgão consultivo da UNESCO)

Anuncia a abertura da sua actividade docente para Outubro de 1969 e aceita desde já inscrições dos alunos interessados.

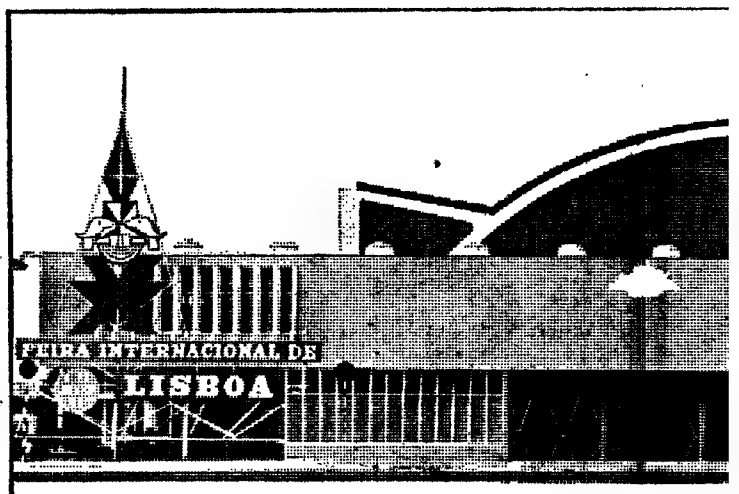
Curso especialmente destinado para formar decoradores, admite alunos diplomados com o curso do 5.º ano liceal ou o equivalente das Escolas Técnicas, bem como os de idade superior a 16 anos com formação cultural adequada.

Curso de 3 anos lectivos programados com as disciplinas de: Desenho, Tecnologia de materiais, História de Arte Universal, História da Arte Portuguesa, História de Artes Industriais, Projectos, Direito Usual e Organização de Empresas.

Diplomas com reconhecimento internacional.

As inscrições serão consideradas pela ordem da sua entrada dado o número limitado de alunos que frequentarão o curso.

Informações e inscrições: RUA DAS FLORES, 77-1.º — T. 324216.



PRESENTE NA FIL COM DO

O sr. conde da Covilhã quando falava, no decorrer da cerimónia inaugural

daquele pioneiro da Banca portuguesa para ratificar com a sua gente um pacto de continuidade e de colaboração que, estamos certos, se há-de traduzir em amplos e recíprocos benefícios.

É franco e notório o crescimento dos serviços da agência

Sob tal signo se criou, em Junho de 1967, esta Agência, que se tem afirmado como elemento eficaz entre as instituições bancárias que aqui operam.

Em plano de compreensão e de solidariedade de interesses com todas as actividades económicas da região, é franco e notório o crescimento dos serviços da Agência, expresso na evolução progressiva dos depósitos e no aumento da carteira comercial.

Este crescimento impôs, naturalmente, a necessidade de dotar a Agência com maior numero de unidades de trabalho e com instalações adequadas ao regular funcionamento dos serviços, garantia da sua eficiência e da comodidade do publico que nos procura.

Julga-se que esse objectivo foi atingido e é com muito prazer que estas novas instalações — que representam um elemento de valorização citadina — ficam, desde agora, á disposição de todos quantos honram o Banco com a sua confiança — e a confiança é a pedra de toque da actividade bancária — e de todos quantos venham acrescer o numero dos seus clientes.

Desejaríamos que esta Agência pudesse em tudo corresponder ao que dela esperam as multiplas actividades económicas desta Região, a sua importante industria, o seu poderoso comércio a sua progressiva agricultura; que

(Continua na 16.ª página)

A pesquisa e a exploração de pedras preciosas em Angola

O decreto 49 071, publicado hoje no «Diário do Governo, autoriza o ministro do Ultramar a celebrar, em nome do Estado e em representação da província de Angola, um contrato de concessão com uma sociedade a constituir, que se denominará Diamul — Companhia Ultramarina de Diamantes, S. A. R. L., que se destina á pesquisa e exploração de pedras preciosas. A sociedade em causa dever-se-á constituir no prazo máximo de noventa dias, a contar da publicação do decreto.

Entre as considerações que são feitas pelo preâmbulo do diploma para justificar as decisões que ele toma, salientem-se, por um lado, a menção d'«o apoio financeiro garantido por entidade capitalista estrangeira ligada ao comércio de diamante» e, por outro, a dispensa do parecer do Conselho Ultramarino, em princípio exigido por motivo da urgência da entrada em vigor do decreto, permitida pelo parágrafo primeiro do art.º 150.º da Constituição Política.

A área em que a nova sociedade tem exclusivo de exploração, sem prejuízo dos direitos anteriormente adquiridos aí por outrem, é definida em função de um aviso da Direcção-Geral da Economia, publicada em 23 de Abril de 1964, e corresponde ás quadrículas 198, 199, 200, 204, 205, 209 e 210 referidas naquele aviso.

O ministro das Obras Públicas está em Chaves

CHAVES, 21 — Encontra-se nesta cidade o sr. ministro das Obras Públicas que visitou vários locais citadinos para apreciar obras em curso e tomar directo contacto com outras programadas.

Cerca das 11 horas, na Câmara Municipal, presidiu a uma sessão de trabalhos, a que assistiram técnicos do seu Ministério e dos serviços de obras do Município.

Aquele membro do Governo analisou vários problemas respeitantes ao concelho. Antes de regressar a Lisboa, visitará a freguesia de Vila Verde da Raia.

CHOCOLATES EGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUEIJ

O VERÃO ENTROU COM CHUVA

Às 13 e 55 de hoje chegou o Verão. Chegou á hora marcada, nem mais segundo, nem menos segundo. As leis da natureza, pelos vistos, não se regulam pelos horários dos comboios portugueses. E ainda bem. Caso contrário, acabaríamos por ter o Verão ás portas do Inverno...

...Embora alguns pensem que o Inverno esteja renitente em abandonar a praça, como o toiro da última corrida no Campo Pequeno. É verdade que durante a noite passada choveu abundantemente quase como nos «bons» velhos tempos. Qualquer semelhança entre o dia de hoje e um dia de Verão foi pura incoincidência...

No entanto, isto será o que nós pensamos no nosso desejo dos dias de sol, daqueles em que suamos (alegremente!) as estopinhas, sem atenção pela realidade. E a realidade, pela voz da estatística, diz-nos que não estamos assim tão longe dos valores médios de temperatura. E quanto á precipitação, tudo decorre normalmente: Junho é um mês instável, mês de crise, com chuvadas e trovoadas súbitas. Simplesmente, a memória é breve e o Inverno rigoroso ainda está demasiado perto de nós para ser esquecido tão depressa.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O eng.º Vaz Pinto e o dr. Silva Pinto observam a maqueta do empreendimento da Matur na Ilha da Madeira

Dois membros do Governo examinaram o projecto do complexo turístico da Matur (na ilha da Madeira)

O «stand» da Matur (Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira) na Feira Internacional de Lisboa, onde estão expostas as maquetas, fotografias e painéis dos seus empreendimentos, designadamente do que aquela empresa está a realizar na ilha da Madeira, foi visitado com singular atenção pelo ministro de Estado, sr. eng.º Vaz Pinto, e pelo subsecretário das Obras Publicas, dr. Silva Pinto, durante a visita daquelas individualidades á Feira Internacional de Lisboa.

Os dois governantes foram recebidos pelos administradores, srs. Sousa Ribeiro, dr. Martins da Cruz e Laurindo Correia, e pelo director do Departamento de Promoção Turística, sr. Luís Bettencourt, os quais responderam aos esclarecimentos solicitados pelos dois membros do Governo acerca do complexo turístico da Matur na ilha da Madeira que comporta um hotel com a capacidade de trezentos quartos, moradias, edifício de apartamentos, Yacht Clube, Centro Social, Centro de Bridge, Centro Comercial, restaurantes, cinema, em suma o que vai ser uma modernissima «cidade de veraneio», erguida no coração do Atlantico.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

FIL/69
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
M DOIS POSTOS DE CÂMBIOS E SERVIÇO DE INFORMAÇÕES COMERCIAIS
Banco Borges & Irmão

néctar de maracujá
bebida de mesa sempre agradável, natural e revitalizante rica em ferro e vitaminas A e C
agora disponível em dois tipos, normal e não açucarado, este especial para diabéticos, hepáticos, gastro-intestinais e para dietas com baixo teor de açúcar.

néctar de maracujá
Pedidos à
Av. da República, 46 r/c – Tel. 76 71 41 – Lisboa 1

Actualidade internacional

Apelo a uma greve dos trabalhadores latino-americanos

CARACAS, 21. — (F. P.) — A Confederação Sindical Cristã Latino-Americana pediu ontem a todos os trabalhadores da América Latina que parem o trabalho no dia 9 de Julho e organizem manifestações de solidariedade com os trabalhadores argentinos, para denunciar «a ditadura fascista de Ongania e do seu bando militarista».

Foi escolhida a data de 9 de Julho por ser o aniversário da independência da Argentina e da sua liberdade.

Emílio Maspero, secretário-geral da Confederação, declarou que a simples solidariedade verbal não bastava e que era preciso passar a formas de acção mais enérgicas, porque «a ditadura que oprime o povo argentino pode abranger amanhã qualquer povo de um país latino-americano»

DIALOGO REJEITADO

CÓRDOVA (Argentina), 21. — (F. P.) — A Confederação Geral do Trabalho de Córdova rejeitou ontem a oferta de diálogo que lhe tinha sido feita pelo governador militar da província, afirmando que só mudará de opinião quando forem libertadas todas as pessoas presas por motivos dos incidentes do ultimo mês.

Além disso, a Confederação decidiu, ao fim de longa reunião, organizar uma nova greve ainda este mês.

Na quinta-feira, o general Jorge Carcagno, governador militar de Córdova, tinha enviado um emissário ás centrais sindicais, para lhes propor conversações.

AUMENTO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

BRASILIA, 21 — (R.) — O presidente Costa e Silva assinou decretos que permitem o aumento de forças no Exército brasileiro em mais 6000 homens.

Nos decretos, ontem á noite publicados pela agência nacional oficial, diziam que era a primeira modificação nas Forças Armadas desde 1955. O aumento é explicado pelas necessidades de reforma administrativa e pelo processo de ocupação do vasto interior do Brasil, onde as Forças Armadas desempenham um importante papel na construção de rodovias e na educação.

Não foram fornecidos numeros oficiais acerca dos efectivos do Exército, mas, em 1964, o total das forças era calculado á volta dos 120 000 homens, com uma reserva, pronta a entrar em acção, de 200 000 a 250 000 homens.

NOVE CRIANÇAS MORTAS NUM DESASTRE

VIENA (Geórgia), 21 — (R.) — Nove crianças e uma mulher morreram hoje num acidente perto de Viena, quando o carro em que seguiam atravessou a via férrea, numa passagem de nível aberta, e foi apanhado por um comboio de mercadorias.

Duas outras pessoas que seguiam no automóvel ficaram também gravemente feridas.

A Polícia disse que todos os ocupantes do carro eram negros.

O automóvel foi arrastado durante 1200 metros, antes do comboio poder parar.

«Make-up» para os seios

NOVA YORK, 21 — (R.) Nesta cidade está a ser introduzido um processo de «make-up» destinado aos seios, que parece vir a gozar de grande popularidade.

«Nós estamos a tornar-nos mais conscientes do modo como aparecemos sem vestuário», afirmou ontem a cabeleireira internacional Kenneth, ao revelar a linha do «Nu», composta por três cosméticos destinados a salientar os contornos do peito feminino.

A linha cosmética contém um creme para dar aos seios um tom delicado, havendo também uma aplicação para salientar o recorte por meio de um líquido encarnado transparente, que é aplicado com uma esponja e que serve também para dar um ligeiro tom rosado aos mamilos.

Este é Alain Delon, como todos perceberam certamente. Mas um Delon especial: aqui o actor francês mais popular nas bilheteiras de todo o mundo encarna Jacques Chaban-Delmas, primeiro-ministro designado do seu país desde ontem. A cena é do filme «Paris já está a arder?» de René Clement, estreado entre nós em Fevereiro de 1967, e que relata, de acordo com o livro homónimo de Dominique Lapierre e Larry Collins, os episódios que imediatamente precederam a libertação de Paris em Agosto de 1944. O intérprete de «O samurai» e «A piscina» representava, pois, neste filme, o papel de um jovem (29 anos) «resistente» gaullista (Delmas) cuja actuação no sentido de preparar a primeira fase de poder do General na França ainda em guerra, foi decisiva

REPÚBLICA EM NOVEMBRO NA RODÉSIA

(Continuação da 1.ª página)

Nova York para considerar as propostas.

Em Dar-Es-Salam, Tanganica, africanos da Rodésia, que ali têm as suas bases, dizem que a guerra de guerrilhas contra o regime de Ian Smith sofrerá uma escalada como resultado da aprovação do referendo.

«Agora vamos desencadear uma guerra realmente a sério contra o inimigo», declarou um informador da União Nacional Africana Zimbabwe ((ZANU) ao ser-lhe pedido um comentário sobre os futuros planos de Ian Smith.

Em Londres, um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Comunidade, disse que a declaração de republica pelo chefe rodesiano seria considerada ilegal.

O governador britanico da Rodésia, «sir» Humphrey Gibbs, deve agora enviar a sua resignação ao Governo de Londres e desaparecer calmamente da cena politica da Rodésia. O Governo de Smith instalará então o seu próprio governador substituto, Clifford Dupont e a «Union Jack», que até agora tem flutuado no mastro principal, baixará definitivamente.

Os egípcios comem de mais

— conclusão do Instituto de nutrição da RAU

CAIRO, 21 — (A. N. I.) — Os egípcios são das pessoas mais gordas do Mundo e, na opinião do Instituto Nacional de Nutrição, abreviam a vida por comerem de mais.

O dr. Lufti Basta afirma que os egípcios, além de glutões, escolhem exactamente os alimentos que pior lhes fazem. Daí resulta a obesidade, anormalidade que se está a propagar, no Egipto, mais do que em qualquer outro país do Mundo.

A gordura é um dos factores que mais contribuem para a reduzida longevidade dos egípcios. Segundo os mais recentes elementos, corroborados pelos organismos das Nações Unidas, a média de duração da vida dos egípcios é de 24 anos — uma das mais baixas de todo o Mundo.

A obesidade de que sofrem milhões de egípcios — salienta o dr. Lufti — é mais perigosa do que o fumo. As investigações demonstram que o excesso de três quilos, no peso de um indivíduo, é mais perigoso do que o fumo de 25 cigarros por dia. Quando o excesso de peso se verifica depois dos 30 anos, mesmo que seja de um quilo, abrevia a duração da vida em um por cento.

A dieta normal dos árabes está completamente errada, pois é constituída, na sua maior parte, por alimentos de elevado valor calórico, como arroz, massas, batatas e pão.

Prolongado por 15 meses o acordo sobre as bases dos E. U. A. em Espanha

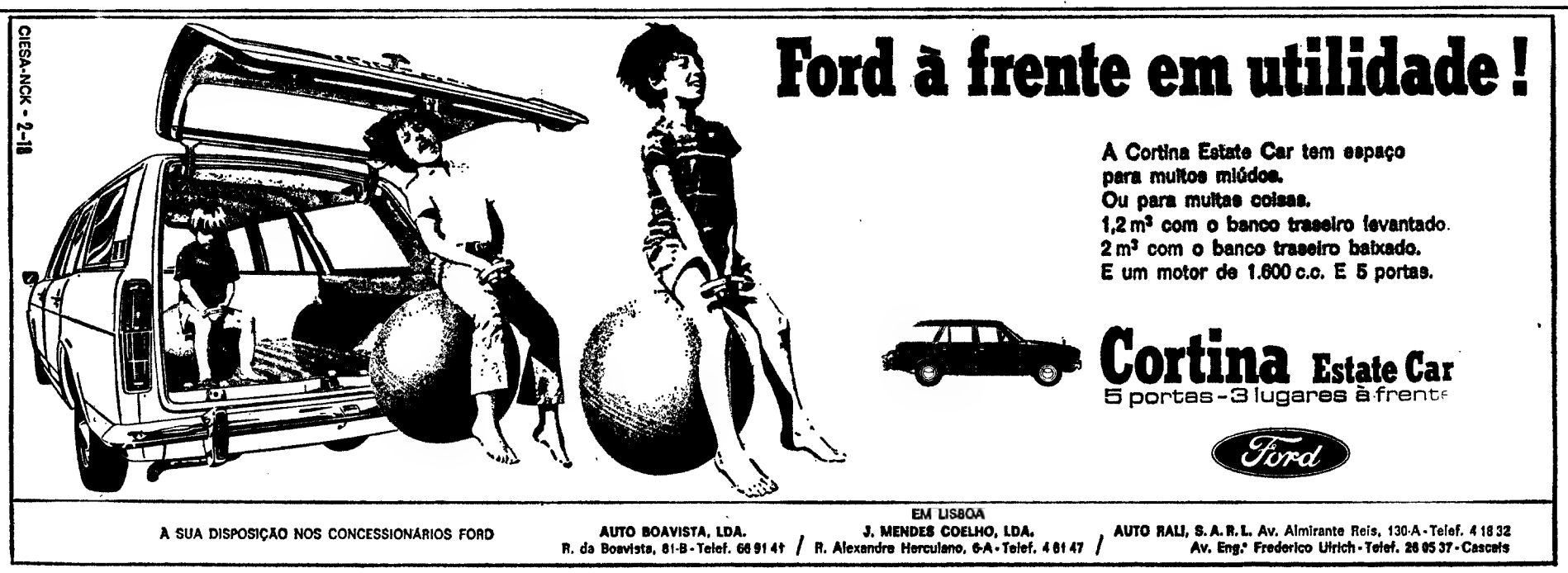
WASHINGTON, 21 — (A. N. I.) — Embora declarando que «já terminou a época das bases militares estrangeiras», o ministro espanhol dos Assuntos Exteriores, Fernando Maria Castiella, concordou ontem em prolongar por 15 meses o acordo pelo qual os Estados Unidos mantêm bases em Espanha.

Em troca desse prorrogamento, a Espanha recebe dos Estados Unidos equipamento militar no valor de 50 milhões de dólares (1 400 000 contos) e um empréstimo de 35 milhões de dólares, do Export-Import Bank, para compra de equipamento militar.

O informador da Secretaria de Estado norte-americana, Carl Bartch, sublinhou que o prolongamento não contém quaisquer outras vantagens para a Espanha.

O acordo foi oficializado por troca de notas diplomáticas entre o secretário de Estado William Rogers e o ministro Fernando Maria Castiella.

Numa declaração feita por este ministro pouco depois da troca das notas, observa-se que as bases actualmente utilizadas pelos Estados Unidos passam a ser «exclusivamente espanholas» no fim de um período de transição.



«Baronas» dos musseques de Luanda apresentaram; em Mafra, o seu «dimengano» (e de que maneira)

«BARONAS» E «QUILUMBAS» ENTUSIASMARAM MAFRA

A coisa tem-se passado na «Casa da Comédia». Uma vez, em Santarém. Mas ontem aconteceu em Mafra.

Um dia neutro: sexta-feira. Numa vila que fez, do convento, quartel. Mesmo assim, com os rapazes em dia de exercícios. Mafra tinha pouco mais do que quem lá vive. Em todo o caso, foi apoteótica a exibição do folclore angolano, com as suas «baronas» e a «quilumbas», com os seus tocadores de «quissange» e de «cacochi», com os «mussequeiros» e «monangambés».

«Mas o que vai para aí!» — dirá quem esteja do lado de fora desta grande realidade do folclore angolano. Pois, vamos tentar dar o significado e explicar a razão de alguns termos, para se perceber tudo como é.

«Baronas» são as «próprias miudas» que dão nas vistas e fazem um cidadão «puxar da sua coragem» para ir atrás delas aqueles dois quilómetros ou três que, da Mutamba (que é o Rossio de Luanda), vão desaguar na areia do «musseque». (Também não sabe o que é «musseque», pois não? «Musseque» é mesmo o bairro onde, quando chove, a chuva faz lagoas improvisadas e, á noite, uma esteira chega para dormir até o corpo doer, pela manhã.)

«Quilumba» é outra coisa. É moça nova com o corpo a saltar na blusa já apertada para tanto peito e a saia a deixar duas pernas morenas que sobram e provocam.

«Quissange» é o piano dos pobres. Toca-se com os polegares. É portatil, mas tem cauda de cabaça. «Cacochi» é uma caixa com três cordas para um arco que se enresina na madeira. É violino de sanzala, está bem?

Depois há os «mussequeiros» que são aqueles a quem o pé, mesmo bem calçado, puxa para o pé-descalço do bairro popular. «Monangambé» quer dizer vagabundo. Vagabundo e malandro. Mas, faz favor (!), malandro sabe dançar, é farrista. E a farra é uma instituição de Angola. A dança também, pois claro.

Com isto e mais com o resto, Angola mandou a Lisboa o seu espectáculo de folclore. Foi este que esteve, ontem, em Mafra, faz favor (!).

A QUEM DE DIREITO

Vem aqui dizer que, este ano, dentro de dias, se realiza, em Santa Marta de Portuzelo, o XV Festival Internacional de Folclore.

Gente de lá entrou em comunicação com este grupo de Angola, para ser numero da festa. Nada mais oportuno. Dificilmente, se tem á mão o que está, metido na riqueza do seu cofre, ainda para lá do Equador. Só que os bailarinos e ritmistas de Angola (mesmo custando a módica quantia de 30 escudos por cabeça, comida e «esteira» na Junqueira, que, elas e eles, lavam os seus próprios panos e as «baronas» nem precisam de ir ao cabeleireiro fazer os seus «ginguindos» — essas trancinhas miudinhas que se atam com barbante de recado) estão a menos de uma semana da partida.

Vem aqui acrescentar que folclore tão rico se paga em qualquer parte para voltar, quanto mais para adiar apenas de uns dias a partida... Mas, se eles forem, quem perde é o Festival de Santa Marta de Portuzelo e nós não nos queremos meter nisso — só queremos avisar. A quem de direito. Já está.

A NOSSA «MUXIMA»

Pois (voltando ao espectáculo de Mafra), o publico aderiu. Ficou conquistado. Mais do que isso: entrou na farra.

Após a exibição total (com danças daqui e dali, com «muquixes» — que são uns mascarados que, diz a lenda, vêm do centro da Terra dizer aos homens e, especialmente, ás mulheres que o melhor da vida é dançar — com rebita e tudo — pois rebita é «massemba», que quer dizer «umbigada» batida ao «fogope» do mandador, neste caso o Elias Dia Kimuezo ou Elias das Barbas) o publico subiu ao palco e «puxou» com elas — ora «puxar» é tirar o que há dentro cá para fora e fazer ritmo, que o ritmo não vai á escola, nem aprende a melodia, mas faz boa «muxima». É melhor explicar: «muxima» é uma palavra que quer dizer coração e também amizade — julgamos que só isto chega a quem o queira entender.

Pois, ontem, foi Mafra. Mafra para quem lá vive e não para quem lá vai com o propósio de ver. Como não seria em Santa Marta de Portuzelo, que é mesmo, faz favor (!), a «muxima» do nosso folclore?

T da S

Miguel, o artista de Quinzau, na sua imitação do macaco — uma sugestão da natureza que «vem» de longe

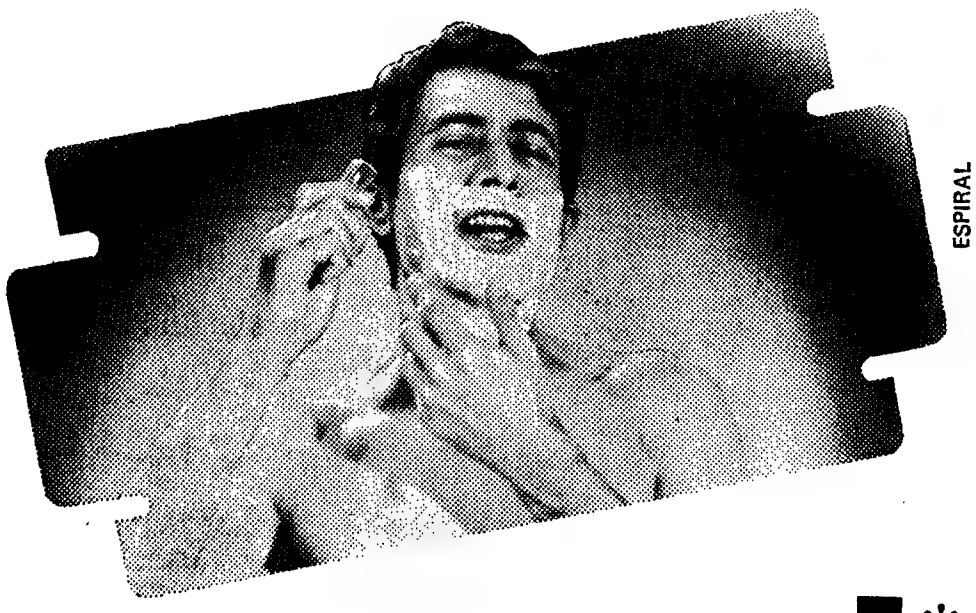
DESENHADORES

Organismo do Estado necessita desenhadores de 2.ª classe. Vencimento ilíquido: 2.684$00.

Resposta a este Jornal ao n.º 291.

GANHE UM ANDAR

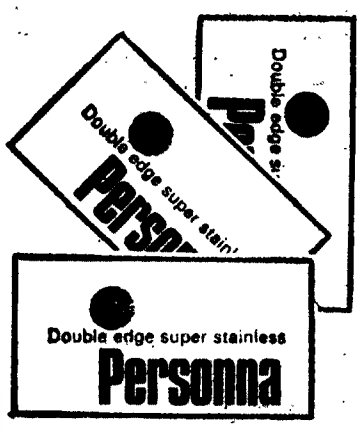
barbeando o rosto
e com **Personna**
ganhe-o por gosto...



ESPIRAL

concorra! *

O QUE É PRECISO FAZER:



- Cole num postal 3 embalagens de papel das lâminas Personna
- Escreva no remetente o seu nome e morada
- Mande o postal para:

CONCURSO PERSONNA
Apartado 1443 – Lisboa

* **Mande os postais que quizer até 30 DE JUNHO**

concorra!

Personna

DÁ-LHE UM ANDAR!

É NECESSÁRIO REVER E ACTUALIZAR DIVERSOS ASPECTOS DO TURISMO

—CONCLUSÃO DO «ENCONTRO» COM OS ORGÃOS LOCAIS

Com a leitura e aprovação das conclusões, terminou ao princípio da tarde o Encontro com os órgãos locais de turismo promovido pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo através da respectiva Direcção-Geral. A sessão de encerramento presidiu o sr. dr. César Moreira Baptista, que se encontrava ladeado por todos os elementos da comissão executiva.

Falou primeiro o director-geral do Turismo, que salientou a certa altura:

«Creio que a palavra *colaborar* é, de facto, a que melhor define e sintetiza o espírito que animou quantos participaram no «encontro» que hoje termina. E a própria designação de *encontro* contém aliás em si as ideias de confronto e convergência, de harmonização de objectivos em diálogo aberto onde cabem as diversas correntes de opinião. Neste espírito, foram abordados, expostos e analisados livremente os pontos de vista de mais de trezentos representantes dos sectores afectos á vida turística portuguesa, tendo como base algumas dezenas de comunicações que abrangem uma vasta gama de temas.»

● «Impõe-se rever processos e sistemas de trabalho»

E o sr. dr. Alvaro Roquete pôs em relevo a importância da iniciativa, acentuando:

«Nós próprios mantivemos durante o «Encontro» uma posição de meros observadores para assim haver maior abertura e livre crítica, dado que somos os primeiros a reconhecer a existência de carências nos serviços, o que sem dúvida impõe rever processos e sistemas de trabalho. As conclusões deste «Encontro» não significam, pois, verdadeiramente, que ele terminou; constituem, pelo contrário, um sinal da sua vitalidade frente ao futuro que nos espera, um ponto de chegada que é um novo ponto de partida para o progresso do Turismo Nacional, esclarecidos como estamos pelo exemplo e pelas palavras do sr. Presidente do Conselho.»

Após outras considerações, o orador observou que o número de comunicações dificultou a elaboração das conclusões e que o balanço geral do encontro só se poderá fazer após a publicação de todos os trabalhos apresentados.

● Quinze conclusões do Encontro

Foram lidas a seguir as conclusões que parcialmente transcrevemos:

1 — Recomenda-se a urgente necessidade de uma revisão e reestruturação da legislação relativa aos órgãos locais e regionais de turismo;

2 — Recomenda-se a intensificação dos contactos directos entre os órgãos locais de turismo e os Serviços Centrais;

3 — Recomenda-se sejam ouvidos os órgãos locais de turismo por parte das entidades públicas e privadas que projectem realizações ou operem o aproveitamento do património turístico existente;

4 — Recomenda-se que seja actualizada a composição dos órgãos locais de turismo;

5 — Recomenda-se a revisão das normas relativas ao imposto de turismo;

6 — Recomenda-se a urgência de regionalizar a propaganda dos órgãos locais de turismo;

7 — Recomenda-se que a Administração Central, em colaboração com os órgãos locais de turismo proceda não só á inventaração sistemática e divulgação do património turístico de cada região, mas também á protecção dos locais detentores de interesse natural paisagístico, etnográfico e histórico;

8 — Recomenda-se o desenvolvimento em termos realistas do equipamento turístico de cada região de acordo com as potencialidades e a procura previsível;

9 — Recomenda-se a inadiável necessidade da preparação técnica e da especialização dos profissionais do turismo, tanto no sector publico como privado, e a elaboração de normas legais destinadas á definição, disciplina e regulamentação da sua actividade;

10 — Recomenda-se a urgente consideração por parte dos departamentos competentes, do problema das infra-estruturas urbanísticas a implantar nas zonas turísticas a considerar como prioritárias;

11 — Recomenda-se a pronta revisão do processo de licenciamento dos empreendimentos turísticos por forma a simplificar e acelerar as formalidades inerentes;

12 — Recomenda-se que seja definida uma política de transporte aéreo, nomeadamente no que se refere aos voos de fretamento;

13 — Recomenda-se insistentemente que toda a acção promocional seja planificada e lançada em prazos e nas épocas convenientes a cada mercado;

14 — Recomenda-se a intensificação de campanhas nacionais de relações publicas, destinadas a consciencializar a população sobre o interesse do fenómeno turístico como factor de promoção social, económico e cultural;

15 — Recomenda-se a necessidade de integração dos aspectos turísticos com os outros componentes do ordenamento urbano, rural e industrial, tendo por finalidade definir convenientemente um esquema de valorização do território.

Finalmente — terminam as conclusões — deve registar-se o desejo, manifestado pelos participantes, de que seja realizado anualmente um encontro com os órgãos locais de turismo. Foi igualmente sublinhada a conveniência de se dar rápida concretização ás recomendações apresentadas.

● Discurso do secretário de Estado da Informação e Turismo

Usou da palavra, a encerrar o encontro, o secretário de Estado da Informação e Turismo, que afirmou em certo passo: «Como está nos meus propósitos procurar reforçar até onde for possível a capacidade de acção dos órgãos locais de turismo, e tentar encontrar — com a colaboração de todos — o modo mais conveniente da sua articulação com o dispositivo central, ao qual incumbe executar uma política nacional de turismo, pensei que a melhor forma de alcançarmos estes objectivos seria a de aqui nos reunirmos.»

O dr. César Moreira Baptista salientou depois que era necessário cuidar do desenvolvimento turístico de todas as regiões do País, e não apenas de algumas, fixando-se a seguinte orientação:

«É indispensável uma organização regional de turismo que deverá abranger todas as áreas susceptíveis de oferecerem motivos de forte atracção para nacionais e estrangeiros; os órgãos locais de turismo devem manter suficiente capacidade de iniciativa por forma a poderem concretizar os resultados que uma boa mentalidade turística e um são espírito regionalista podem proporcionar, sem prejuízo, como é evidente, de uma conveniente ligação com o organismo central, naturalmente mais apetrechado em meios humanos e técnicos.»

O secretário de Estado alargou-se depois em considerações sobre o desenvolvimento turístico e a importancia do turismo para o nosso país, e realçando o significado do Encontro afirmou que as suas conclusões seriam estudadas com o maior interesse.

Seguiu-se um almoço, no restaurante do Mercado da Primavera, que reuniu quantos participaram no Encontro com os órgãos locais de turismo.

O dr. Gustavo Soromenho foi recebido pelo vice-presidente do Governo Italiano

Encontra-se em Roma o distinto advogado e nosso amigo dr. Gustavo Soromenho que, em Eastbourne, na Inglaterra, assistiu ao Congresso da Internacional Socialista.

O dr. Gustavo Soromenho foi recebido, em Roma, pelo vice-presidente do Conselho da Republica de Itália, Francesco Martino. O jornal do Partido Socialista Italiano «Avanti», noticiando o encontro e publicando o retrato do dr. Soromenho, dizia que na demorada entrevista houve uma longa troca de impressões sobre os movimentos socialistas no mundo e, em particular, no Ocidente.

Confraternização dos empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor

Continuando uma tradição, que tem já 30 anos, os empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor vão realizar, amanhã, em Sesimbra, a sua festa de confraternização.

Deverão estar presentes cerca de 600 funcionários daquele estabelecimento bancário, incluindo alguns vindos do Ultramar.

Os membros do Conselho de administração participam no almoço que se realiza ás 13 horas na Fortaleza de S. Tiago.

A PROJECÇÃO DO BANCO BORGES & IRMÃO

(Continuação da pág. central)

ela, em paralelo com o espírito de iniciativa e amor ao trabalho da sua gente, pudesse ser instrumento de progresso, de bem-estar e de felicidade para todos.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Deus concedeu-me a felicidade de viver esta hora para com emoção abraçar afectuosamente os meus bons amigos da Beira Baixa.

Bem haja!

O discurso do presidente da Câmara

Em resposta, o presidente da Camara Municipal da Covilhã, sr. eng.º Borges Terenas, pôs em relevo os benefícios que representa para a cidade e a região a presença de uma instituição bancária com o prestígio do Banco Borges & Irmão e salientou o significado da necessidade de ampliação das instalações da agência da Covilhã com testemunho de progresso da economia local. Apontou a ligação do Banco Borges & Irmão á cidade, através do presidente do seu Conselho de Administração, para cuja acção como industrial e financeiro teve palavras do maior apreço.

Após uma visita às novas instalações, que mereceram elogiosos comentários não só pela concepção funcional que presidiu à sua planificação, como pelo actualizado apetrechamento, efectuou-se na Quinta dos Condes da Covilhã, á Estrada da Serra, um almoço em que participaram as entidades presentes à cerimónia inaugural e outros convidados, entre os quais muitas senhoras, num total de cerca de seiscentas pessoas, e durante o qual foram trocados amistosos brindes.

Com o discurso do sr. eng.º Borge Terenas se encerrou a cerimónia da inauguração das novas — e definitivas — instalações do Banco Borges & Irmão na Covilhã, mais uma agência, porventura sentimentalmente distinta, num conjunto que compreende cinquenta e oito estabelecimentos — sendo trinta e seis agências, através do País, a sede, a filial e repartidas por uma e outra, duas dezenas de dependências.

Mais tarde, cerca das 14 horas, seiscentas pessoas — entre individualidades oficiais, entidades bancárias, representantes de actividades económicas e muitas senhoras — reuniram-se num almoço que se efectuou na Quinta dos Condes da Covilhã, e durante o qual, uma vez mais, foi salientada a importância da inauguração das novas instalações do Banco Borges & Irmão numa cidade que, a par de ser fulcro de relevantes actividades económicas, é um dos verdadeiros pólos do turismo nacional

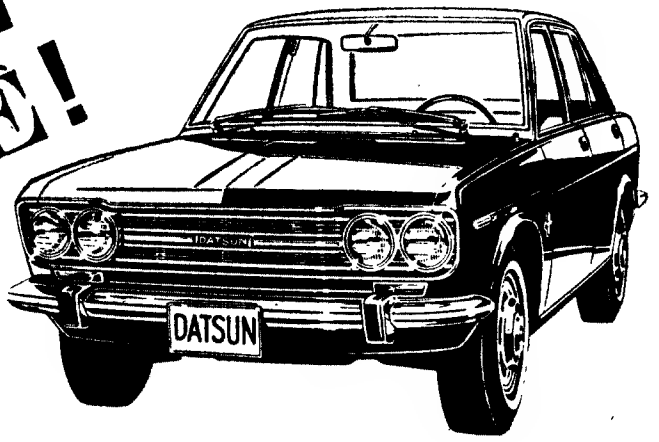
QUEIJO TIGRE

AO PÙBLICO

A SENHA COM O N.º 7054 REFERENTE A MAIO DE 1969 FOI PREMIADA COM O TELEVISOR «NATIONAL»

Foi contemplado o Ex.mo Sr. Jorge Miguel Mesquita Ferreira
Costa do Castelo, 152-2.º — LISBOA

3 DATSUN PARA VOCÊ!



DATSUN 1300 — Um carro de concepção moderna e perfeita, robusto... versátil... que define uma época! Eis um dos três magníficos automóveis que «O Seculo Ilustrado» vai sortear!

SENSACIONAL CONCURSO DE O SECULO ilustrado

TRÊS AUTOMÓVEIS NO VALOR TOTAL DE 310 CONTOS !

OS CARROS DO CONCURSO DO «S. I.» ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO NO ENTREPOSTO

ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S. A. R. L.
Av. Duarte Pacheco, 21-A — Telef. 68 51 75/6/7/8 — Lisboa 3

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOS BASTIDORES DA AVENTURA

PELAS 18 E 30 é apresentada a rubrica coordenada por Emídio Uva «Nos Bastidores da Aventura» que inclui dois filmes de grande interesse.

O primeiro, intitulado «Uma Cidade Submersa», relata-nos alguns aspectos das filmagens da primeira película francesa de desenhos animados, a cores e em cinemascópio «O Rapaz e a Sereia».

O segundo filme «A Dança do Sabre» é uma recordação da lenda turca, mitológica, que ainda hoje vive nos contos e se ensina nas escolas da Turquia.

TV CLUBE COM QUINTETO ACADÉMICO+2

NO «TV CLUBE» que o programa nacional apresenta cerca das 22 e 20 actua um dos conjuntos de maior aceitação entre o público jovem: o «Quinteto Académico+2». Neste programa Earl Jordan interpreta alguns dos seus êxitos como: «25 Miles High», «Oh Bla Dee, Ho Bla Da», «Son of a Preacher Man» e «Heat of the Ntght». Realizou Luis Miranda.

CLUBE DOS COLECCIONADORES

JAIME PINTO COELHO, autor do programa de características juvenis «Clube dos Coleccionadores», escolheu para tema, da sua rubrica desta tarde, pelas 17 e 40, a miniatura de automóveis. Filme que certamente irá entusiasmar a juventude, de todas as idades, que gosta, ainda, de brincar com algumas pequenas preciosidades, protótipos de todas as marcas de automóveis.

SEGREDOS DO MAR VERMELHO

CERCA DAS 21 HORAS prossegue o folhetim semanal «Segredos do Mar Vermelho» realizado por Pierre Lary, com Pierre Massihi, Benjamin Jules Rosette, Marc Cyraud, José Casimir, Karin Omar e Moussa Roblé.

Intitula-se «O transportador de armas», o episódio de hoje, em que Henry Monfred se faz vendedor de armas. No entanto alguém o ataca, por ele não entrar para o sindicato...

2.º PROGRAMA

DEPOIS DA EDIÇÃO do Telejornal, o programa regional (regional porque só serve uma restrita área) apresenta mais uma aventura dos destemidos Globetrotters. Segue-se a rubrica «A Grande Aventura», filme repetido também, que nos leva a viajar por uma exótica paragem.

A terminar é apresentado o «Auditório Musical», repetido do programa nacional (nacional porque serve todo o território metropolitano) de 15-5-69. É transmitido o Concerto N.º 1 de Tschaikowsky pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Herbert Karajan.

«O FUGITIVO»

«CONSPIRAÇÃO DE SILÊNCIO» é o título do episódio desta noite, pelas 22 e 55, que a RTP exibe integrado na série «O Fugitivo», com David Janssen, Donald Harrow, Malachi Thronle, Bill Gun e Wesley Addy.

«Na estalagem Hig Desert, no Arizona, reúne-se um grupo de militares e técnicos, a fim de experimentarem um neutralizante contra um gás venenoso de uma potência inimiga. A operação é feita no maior segredo e na estalagem só ficam dois empregados. Um deles é Richard Kimble. O seu quarto é examinado e o seu passado investigado. O major Beck sabe pelo FBI os seus antecedentes e prende-o para o entregar à polícia militar...»

canal da crítica

NOITE DE CINEMA: «CRISTÓVÃO COOVOLOMBO»

Fiquei em casa à noite só para ver a fita castelhana dedicada a Colombo. Estava interessado, que é que querem. Dizem tanta coisa neste mundo vário... Vem um e diz que o descobridor das Américas não foi o Cristóvão, mas o Gabriel; vem outro e diz que o Gabriel nunca, mas sim o Marcelino. Ultimamente esteve atracado em Lisboa o navio «Alfredo o Grande», mantido e governado pelo escocês Mark. Barco «viking», com ele Mark se dirige à América do Norte para demonstrar que os descobridores daquele continente foram os «vikings».

A minha esperança era que o filme esclarecesse a questão. E esclareceu, á farta. Vimos tudo, soube-se, por intermédio do Vilar e da Riveles, que o unico a quem pode atribuir-se a honra é Colombo. Depois da obra de ontem, com data de 1951, francamente, só por ignorancia é que!

Outro assunto em que gostava de me ver esclarecido era o respeitante á nacionalidade de Mestre Cristóvão. Português? Genovês? Castelhano? Não perdi o meu tempo, pois ainda aí o filme é peremptório, Cristóvão Colombo corta pela raiz toda a discussão quando diz: «*A minha pátria é toda a terra*».

Com tantos benefícios não se justifica uma crítica-que-se-chame-crítica. Credo, eu era lá capaz disso a um filme sobre o Cristóvão Colombo feito em Espanha, e durante o qual, como ele próprio o diz, «se respira a espuma do mar»! Claro que a fitinha fez sorrir com as inocências, as paciências e as inflorescências retóricas tão ao gosto dos nossos vizinhos.

Claro que no filme castelhano nem ao menos se põe a hipótese de nacionalidade portuguesa de Colombo. Mas a escolha de António Vilar para intérprete da personagem tem qualquer coisa de reparação histórica que mui gostosamente sublinhamos.

M. S.

Os 36 anos da Casa dos Tabuenses

A Casa dos Tabuenses comemora no próximo dia 29, com um almoço de confraternização a realizar na Casa do Alentejo o seu 36.º aniversário, aproveitando a ocasião para homenagear o chefe do distrito de Coimbra, eng.º Horácio de Moura.

Rádio

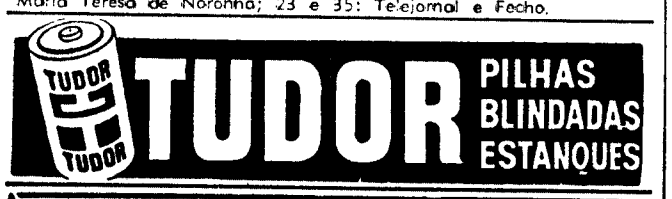
PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário — fim de semana; 18 e 05: Musica de filmes; 18 e 15: Emissão infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: «Vedetas pop»; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 35: 17.º Episódio do folhetim «A Loja de Antiguidades» 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: 1.ª parte de um Serão realizado em Coimbra; 22 e 30: Poesia Musica e sonho, por Miguel Trigueiros, 2: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 7 e 08: Musica de Bailado — «O Beijo da Fada» (Stravinsky); 18: Abraço no distância, por Geuart Nogueira, 18 e 20: Musica de piano; 19: O maestro Carlo Maria Giulini; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de arco; 20 e 30: Ciclo de Melodias; 21: Concerto preenchido com obras de Correia de Araujo; Gaspar dos Reis e Rodrigues Coelho; 21 e 29: Os prelúdios, poema sinfónico (Liszt) — Orquestra da Sociedade de Concertos de Conservatório de Paris dirigido por Edouard Lindenberg; 21 e 45: O gostos pela musica, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Musica coral sintónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

AMANHÃ — **1 Programa** — Às 12 e 15: Telejornal; 12 e 30: Missa de domingo; 13 e 5: Concerto para Jovens; 13 e 30: Expedição; 14 e 20: Dia do Senhor; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos Animados — Kimba; 15 e 35: TV Educativa; 16: Daktari; 16 e 50: Passatempo Infantil; 17 e 30: Desenhos Animados; 17 e 55: TV Educativa; 18 e 20: Informação desportiva; 18 e 30: Folclore; 19: TV Rural, pelo eng.º Sousa Veloso; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Notícia do espectáculo; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30 Telejornal; 21 e 55: Folhetim «Sebastião entre os Homens»; 22 e 25: Variedades — «Riso e Ritmo»; 23 e 25: Domingo Desportivo; 23 e 45: Telejornal, Meditação e fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: TV 7; 22 e 15: Os Campeões; 23 e 10: TV Clube, com Maria Teresa de Noronha; 23 e 35: Telejornal e Fecho.



ANDARES
VENDEM-SE
Em Benfica, Buraca, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas. 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.
TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE PAGAMENTO
JOÃO PROTÁSIO NALHA
Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

Rádio Clube — 290,13 m — 1034 k/s — Às 18: Ela e o seu mundo, 18 e 20: A. L. Nyltrance; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 15: Orquestras famosas; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Da Philips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho

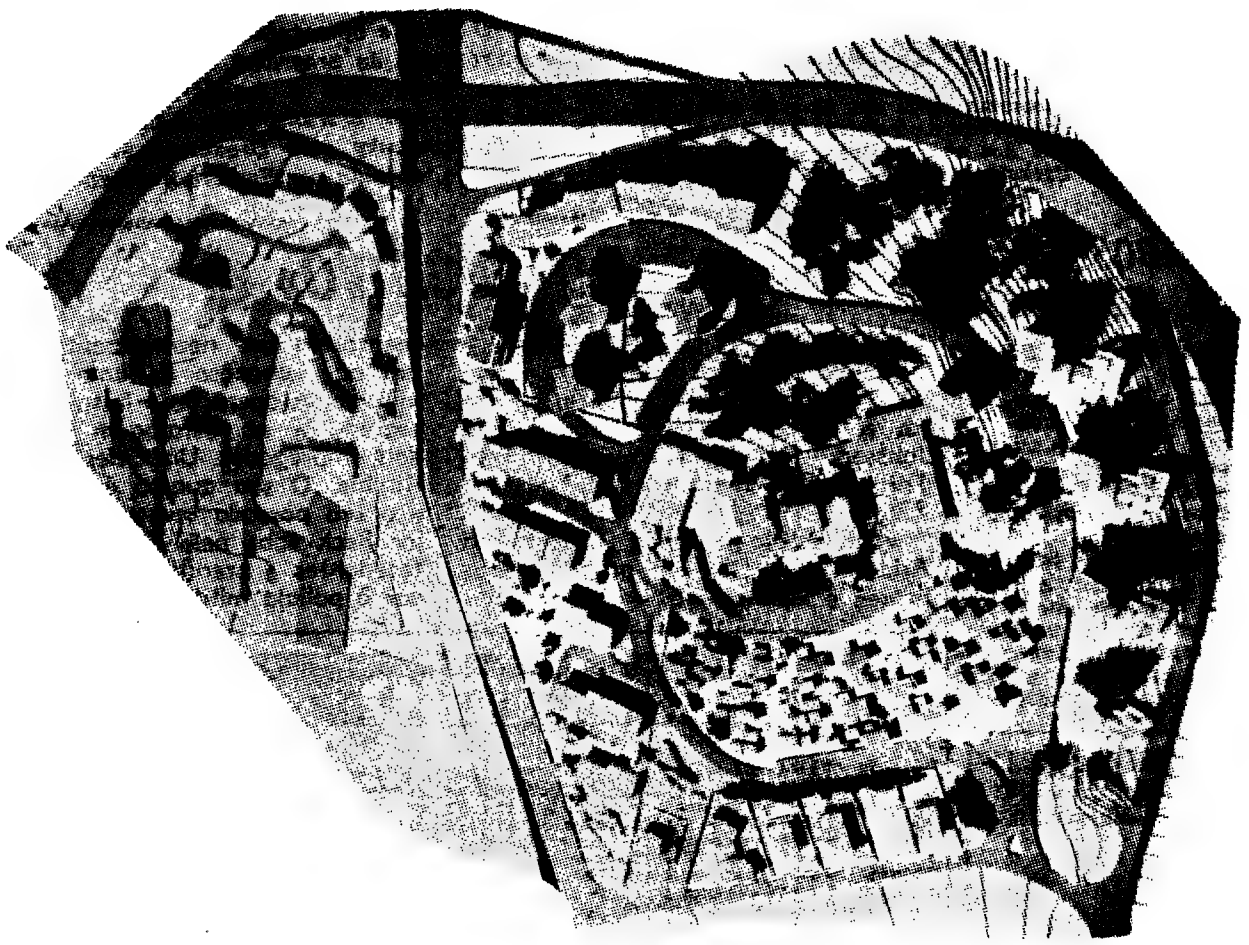
Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Solista; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Vozes de Espanha; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Conjunto, 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Vozes que são êxito; 21 e 45: Hora luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Musica para o seu fim de semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Dos 7 ás 8 e 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22 — **Rádio Voz de Lisboa** — Dos 17 ás 19 e 30 ás 22 ás 2 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 12 ás 14 e 30: **Rádio Graça** — Dos 8 ás 10 e 14 e 30 ás 17.

Cascais vai ter uma nova urbanização

J. PIMENTA, S. A. R. L.



Conjunto urbano da Pampilheira — Cascais

Expõe na Feira das Indústrias, de 9 a 23 de Junho, um apartamento tipo deste novo empreendimento

- *Situação excepcional dentro da vila de Cascais*
- *Vista panorâmica para o mar e para a serra*
- *Habitações com o máximo conforto*
- *Valorização segura do seu capital*

NOVA MODALIDADE EM APARTAMENTOS MOBILADOS

Rendimento de 7 a 10% de 6 a 18 anos à escolha do Cliente, garantido por escritura pública.

DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, V. EX.ª PODE RECEBER DIRECTAMENTE EM CASA, NO N/ESCRITÓRIO, OU NO BANCO, O RENDIMENTO DA PROPRIEDADE QUE NOS COMPRA

SEM QUALQUER PAGAMENTO PELA ADMINISTRAÇÃO, PODENDO AINDA COMPRAR E ADMINISTRAR, HABITAR OU CONFIÁ-LA À NOSSA ADMINISTRAÇÃO SEM GARANTIA DE RENDIMENTO

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

130 000$00 — 210 000$00
140 000$00 — 230 000$00
155 000$00 — 240 000$00
160 000$00 — 250 000$00
170 000$00 — 270 000$00
180 000$00 — 280 000$00
190 000$00 — 300 000$00
200 000$00 — 340 000$00

PREÇO DOS ANDARES

3	ASSOALH.	220 000$00
4	»	280 000$00
5	»	380 000$00
6	»	440 000$00
7	»	600 000$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA — AMADORA; CENTRO DA AMADORA; VENDA NOVA — AMADORA (JUNTO À GARAGEM EDUARDO JORGE); PAÇO DE ARCOS (ESPARGAL — PAREDE) (RUA DO LOBITO À QUINTA DO JUNQUEIRO)

MORADIAS LUXUOSAS E DE TIPO TURÍSTICO

Em Paço de Arcos e Cascais

de 2 a 9 divisões assoalhadas, casas de banho, garagem, quintal e jardim

Magnífica vista de mar e serra

Cascais: de 300 a 500 contos e de 400 a 800 contos

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

A nossa Organização expõe, também, na Feira das Indústrias, materiais de construção Visite este pavilhão

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

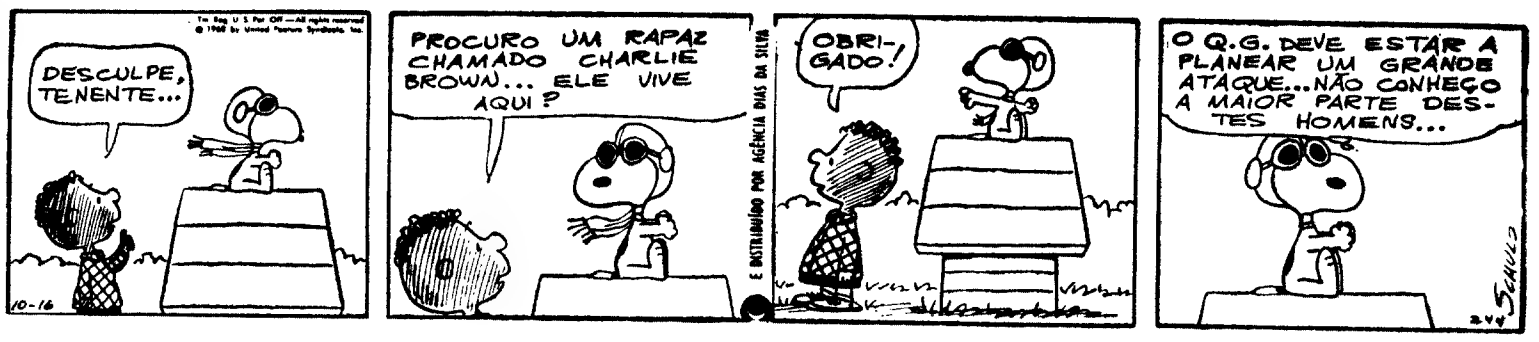
Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

ESCRITÓRIOS: **LISBOA** — Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telefs. 45843 e 47843; **QUELUZ** — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021-952022; **AMADORA** — Reboleira — Telefone 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO, ESTUDANDO, CONSTRUINDO, DECORANDO E VENDENDO AS SUAS PROPRIEDADES

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Junho de 1939 publicava:

«Ùltimamente têm-se verificado, com uma frequência sintomática, aterragens forçadas de aviões alemães em território polaco e em território francês. Tanto para os que têm caído além da fronteira oriental, como para os que se viram obrigados a descer além da fronteira ocidental do Reich, parece que as consequências se revelaram pouco agradáveis.

«Além da confiscação dos aparelhos, os aviadores obrigados a aterrar foram objecto de um tratamento que não se distingue fundamentalmente do que é de uso aplicar em tempo de guerra. Sinais dos tempos e dos sentimentos dominantes».

Feira Industrial e Agro-Pecuária em S. João das Lampas

SINTRA(21 — Uma freguesia deste concelho vai ter a sua I Feira Industrial e Agro-Pecuária. É S. João das Lampas, onde a partir de terça-feira (e durante cinco dias) haverá uma parada de máquinas e alfaias agrícolas, apresentações de gado, cereais e legumes, e diversões várias.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Palavras cruzadas

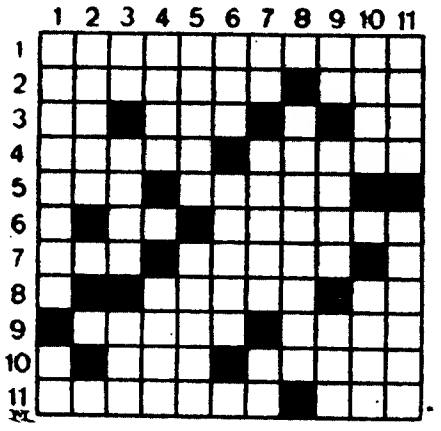
(BOM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5213

HORIZONTAIS: 1 — O que come carne humana. 2 — Sibilarão. Sofrimento. 3 — Prefixo de negação. Quadrupede doméstico. Oferte. 4 — Meter em ucha. Vagueiem. 5 — De inferior qualidade. Traz a si. 6 — A mim. Porções de 500 folhas de papel. 7 — Rio que nasce na serra do Carrapito e desagua no Mondego. Touca. 8 — Imagine. Símbolo químico do estanho. 9 — Descomedimento. Grande. 10 — Agora. Lago entre a Itália e a Suíça, onde se acham as ilhas Borromeias. 11 — Breve. Hábito.

VERTICAIS: 1 — Irritada. Pertences. 2 — Jamais. 3 — Símbolo químico do tungsténio. Terra vegetal. Conveniente. 4 — Fértil. Genuíno. 5 — Rezara. Nome que tomaram vários imperadores romanos. 6 — Sustento. Poder soberano. 7 — O dormir dos pequeninos. Estáveis. Imperfeita. 8 — Transvasa. 9 — Prefixo que designa direcção. Montão. Gracejou. 10 — Tijelinha onde se desfaz a tinta para aguarela. Que têm constituição não viciada por elementos mórbidos. 11 — Rezem. Que produz som.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5212

HORIZONTAIS: 1 — Upa. Sedosos. 2 — Ir. Ou. Ré. 3 — Asa. Anuir. 4 — CADA. Gó. 5 — Ló. Vil. Maus. 6 — Beata. Tão. 7 — Pró. Mental. 8 — Suma Ruos. 9 — Ai. QUAL. COM. 10 — Mui. Avara. 11 — Des. Tri. És.

VERTICAIS: 1 — Eclipsar. 2 — Pi. Ao. Rui. 3 — Arad. Bom. Me. 4 — Save. Aqui. 5 — Soa. Iam. Ui. 6 — Eu. Altera. 7 — Anular. 8 — Omam. Tá. Vi. 9 — SEU. Atasca. 10 — IGUAL. Ore. 11 — Seroso. Umas.

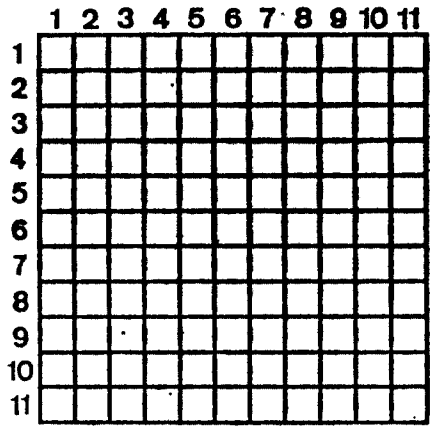
(**Provérbio:** CADA QUAL COM SEU IGUAL).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9056

HORIZONTAIS: 1 — Padecer. Consumir. 2 — Pronome pessoal (pl). Sugo o leite materno. 3 — Saudável. Distrito da Índia Portuguesa. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. 4 — Pronome pessoal. Vinte mãos de papel. Antes de Cristo. 5 — A fina flor. Chama em socorro. 6 — Acorrentar. 7 — Basta. Transferir para outro dia. Pequena ilha francesa, fortificada, do Mediterrâneo. 8 — Interjeição designativa de cansaço. Rio da Suíça. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. 9 — Cursos de água naturais e abundantes. Impulso. 10 — Prefixo de negação. Âncora. 11 — Amolgadura. Pessoa muito parecida com outra.

VERTICAIS: 1 — Mau cheiro (fig). Cidade de Itália. 2 — Prendeis com as gavinhas. Retoco. 3 — Negativa. Aqui. Preposição e artigo definido. 4 — Artigo definido. Cidade de Itália. Saudáveis. 5 — Geada. Deus dos pastores. 6 — Uma das Espórades. Poeta e gramático grego, nascido em Creta, autor de epigramas e de poemas místicos. 7 — Poisar no mar (o avião). Reis. 8 — Prefixo de negação. Mamífero desdentado espécie de tatu. Prendo. 9 — Recusa. Érbio (s. q.). Fileiras. 10 — Plantio de amieiros. Passado. 11 — Insecto que rói a madeira. Patíbulo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9055

HORIZONTAIS: 1 — Morta. Damão. 2 — Roer. Aves. 3 — Ariscas. 4 — Ir. Adiar. Ar. 5 — Manso. Rasca. 6 — Na. Ia. 7 — Açoro. Barba. 8 — No. Agora. As. 9 — Aturora. 10 — Arad. Galo. 11 — Prosa. Aotos.

VERTICAIS: 1 — Fim. ANI. 2 — Or. Ranço. Ar. 3 — Roa. Não. Aro. 4 — Terás. Ratos. 5 — Árido. Aguda. 6 — Si. Ro. 7 — Dacar. Braga. 8 — Avora. Aarão. 9 — Mês. Sir. Ait. 10 — Ás. Acabp. Oó. 11 — Grã. Asa.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«LUGELA» a sair em 23 de Junho	Com escala por Leixões para: PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 21 de Junho.
«PÁTRIA» a sair em 10 de Julho às 12 horas	Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 5 a 8 de Julho.
«PORTO» a sair em 14 de Julho	Com escala por Leixões, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 9 a 13 de Julho.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 18 de Julho às 12 horas	Com escala por Funchal, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 13 a 16 de Julho.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 30 de Junho às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Agosto às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, S. JUAN (PUERTO RICO), e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
CURSOS DE VERÃO A PREÇOS REDUZIDOS
DE 1 DE JULHO A 30 DE SETEMBRO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SALDANHA RIBEIRO —O ÁRBITRO DA «FINAL»?

Dois juizes de campo estavam indigitados para dirigir a «final» da «Taça de Portugal», que amanhã se disputa, no Estádio Nacional, entre o Benfica e a Académica: o algarvio Rosa Nunes e o leiriense Saldanha Ribeiro.

Ainda que o primeiro reunisse maiores probabilidades de ser o árbitro no desafio que é a «festa do futebol», parece ter sido dada preferência a Saldanha Ribeiro, uma vez que Rosa Nunes terá sido «vetado» pelos «encarnados» logo no princípio da temporada.

Assim, e salvo qualquer decisão de última hora, que nem sequer seria inédita, pertencerá a Saldanha Ribeiro o pesado e difícil encargo de dirigir a final da «Taça de Portugal» de 1969.

ACADÉMICA E BENFICA NO GRANDE ENCONTRO

A FINAL DE AMANHÃ E O ONTEM DE HÁ TRINTA ANOS

Por AMADEU JOSÉ DE FREITAS

Historiar, recordar, recuar no tempo é, quase, um vicio nacional — talvez porque todos nós para êle somos levados, no triste dedilhar do lado e na premência da tal palavra que é só nossa, a saudade.

E, é claro, como também damos o cavaquinho por coincidências vá, de rapar afanosamente nos pós das prateleiras, em busca entusiástica das datas, das igualdades e das parecenças — balsamo—nos de jogo puro quando podemos relacionar, prosaico acontecimento de hoje, com romanceada «saga» de há alguns anos atrás. E aí estamos nós—bichinho de conta, traça de biblioteca, rebuscador de papéis — a arrancarmos ao ventre de vetustas e ajoujadas estantes, os volumes que nos contem... o que se passou ontem. Para gáudio de cinquentões e exemplo para jovens — que, aliás, não ligam nenhuma a estes paralelismos e querem é viver o seu dia ceom medo de não terem tempo, nem jeito, de viverem o futuro...

Pois bem: em certa medida esta atitude parece-nos perfeitamente coerente perante, por exemplo, a final da «Taça Portugal» que, amanhã á tarde (mais precisamente, ás 17 horas) se «representará» no cenário grandioso do Estádio Nacional, Benfica e Académica voltam a defrontar-se em idênticas circunstancias pela terceira vez. E vai tudo a correr ver o que tinham «dito» os finais de 1939 e de 1951.

Exaustivo este escarafunchar, nos numeros e na memória.

Pela nossa parte pensamos que, esta final, é de «hoje» e não tem — nem quer ter — qualquer coisa com o passado.

Hoje, é outra coisa. E é o que conta...

Uma final tem (pelo menos) 90 minutos. Aliás, a Académica já o sentiu bem no corpo e no suor, que ela pode ser muito, muito mais longa... No entanto parte-se do princípio, que não sairemos da horita e meia da praxe e que virá mesmo a propósito, aplicar uma frase chavão: numa final, tudo pode acontecer. O que está certo. E mais evidente e rutilante se tornará se a dar colorido e relevo á frase aparecerem a defrontar-se, duas equipas credenciadas como Académica e Benfica.

Capazes de darem um grande espetáculo —tanto uma como outra, a terem trunfos valiosos para pôr no relvado.

E sendo assim...

Benfica, mais maduro, mais experiente, mais «sabidão». Uma equipa de «estrelas» de homens cheios de futebol e saber capazes de. num repente, virarem a face do desafio. Eusébio, quase normal, é a arma numero um. Mas em todos os outros (ou em quase todos) há recursos valiosos. A boa forma de José Henrique, a juventude de Humberto, a revelação que é Zeca, o talento e maturidade de Coluna, a classe de Jaime Graça, a frieza de José Augusto, a abnegação de Torres, o irrequietismo de Simões...

Isto chega para todos nos lembrarmos da força e estrutura do Benfica. Além disso, uma equipa para as grandes ocasiões, que há cinco épocas não conquista a «taça» e quer mostrar que, está aí, para «lavar e durar»...

Um grupo que voltou a ser ambicioso...

Académica, mais jovem, irreverente, « matreira », ardilosa. Um estilo de economia e entre ajuda perfeitamente instalado no conjunto. Uma serenidade especial que a faz encarar os grandes acontecimentos com uma sã e alegre filosofia de estudantes. Uma turma «traiçoeira»: faz parar o jogo, «mastiga-o», rouba o valor ao adversário e, depois, aí vai a «cem á hora» a caminho da baliza adversária. Um futebol de regalo e repouso. Alguns dos melhores pés (e cabeças...) do nosso futebol. Gervásio, Vieira Nunes, Rui Rodrigues, Peres, Manuel António, Vitor Campos—homens rodados, sabedores, alguns dêles ostentando justos « galões » de internacional. E, ao lado, a juventude espontanea e valorosa de Belo, Mário Campos, Ivéne...

NA VÉSPERA DA FINAL DA TAÇA

O MORAL DOS ESTUDANTES É EXTREMAMENTE ELEVADO

— afirmou-nos o presidente da Associação Académica de Coimbra

COIMBRA, 21 — Horas de grande expectativa e ansiedade estão a ser vividas nesta cidade, em vésperas da grande final da Taça, que, como aconteceu há 30 anos, oporá a Académica ao Benfica. Também nesta os estudantes confiam na vitória: «A Académica—declarou ao «Diário de Lisboa» o presidente da direcção da Associação Académica — **animada pelos ultimos e brilhantes triunfos, apesar das grandes dificuldades, encara com toda a confiança o resultado final».**

Como se sabe, o futebol é uma das dezanove secções desportivas da Associação Académica de Coimbra (duas com autonomia financeira: a do futebol e a de aeronáutica), que integra, ainda, secções e departamentos de muita diversa índole, desde o pedagógico, ao cultural, da Imprensa, social ou informativo. Cada secção e departamento tem os seus próprios directores, e, na cúpula, está a direcção-geral. É o seu presidente que nos fala:

— **Penso que a nossa equipa está em condições físicas que lhe permitem aguentar o ritmo da «final». O moral dos estudantes é extremamente elevado. E, apesar das dificuldades que rodeiam esta partida decisiva, os estudantes de Coimbra encaram-na com a sua já habitual serenidade e com a maturidade que os caracteriza.**

— Confia então na vitória?

— **E' sempre impossivel prever o desfecho de uma contenda deste género, em que o adversário certamente nos saberá opor todas as suas valiosas armas. O espírito de equipa, o colectivismo e o entusiasmo dos estudantes terão mais uma vez de enfrantar um adversário poderoso. Mas endurecidos por todas as pelejas e vitórias anteriores, estamos em condições de discutir o resultado, embora o opositor seja uma equipa da categoria do Benfica. Que o resultado seja o prémio para a melhor equipa em campo. e corresponda á justiça do jogo.**

● **Esperança na vitória**

Entretanto, esta madrugada, na secção de futebol da Associação Académica, o ambiente era de azáfama — e os bilhetes para o jogo estavam pràticamente esgotados, o que impedirá, talvez, alguns de virem até Lisboa, ou, pelo menos, de terem ingresso ao Estádio Nacional. E o ambiente geral é de confiança. Por exemplo, Jorge Formigal, um dos grandes animadores da secção de futebol (da qual era director há dois anos, aquando da «final» com o Vitória de Setubal), declarou-nos:

— Da Académica é de esperar tudo. Está fora de dúvida que a equipa não se inferioriza diante de qualquer ambiente ou adversário. Por isso, apesar do adversário ser um Benfica, e agora com o Eusébio a subir de «forma», confio ainda na vitória.

De Coimbra começaram já a partir para Lisboa muitos estudantes — á boleia, em carros particulares, etc. Amanhã, de manhã, há um comboio especial, no qual, além de estudantes, devem seguir muitos outros adeptos da «Briosa». Quanto aos primeiros, deve-se salientar que nunca houve a possibilidade de tantos estarem presentes.

Em compensação, e por outro lado, e como sempre acontece em circunstâncias semelhantes, sabe-se que muitos milhares de antigos estudantes se deslocarão a Lisboa para acompanhar a que continua a ser a sua equipa nesta Final, onde todos têm esperança se repita a vitória de há trinta anos.

MANUEL CORREIA DO SPORTING NÃO PARTICIPA NAS PRÓXIMAS COMPETIÇÕES

Manuel Correia, o excelente estradista do Sporting, não participa no Grande Prémio Famel que hoje começa a disputar-se, nem deverá estar presente no Grande Prémio Philips na próxima semana.

O motivo desta ausência fundamenta-se na suspensão que lhe foi imposta em face de recentes acontecimentos ocorridos com aquele ciclista.

BADAJOZ ARRISCA...

NUNCA FOI TÃO CARO O «TORNEIO IBÉRICO»

• Cerca de 300 contos para o V. Setúbal e mais de 600 para o Benfica

O Troféu Ibérico — nascido em Badajoz já há três épocas — tem sido até agora, uma prova portuguesa. Isto é: nas suas duas primeiras edições o êxito pertenceu a equipas nacionais. Foi o Sporting que começou arrebatando a taça — bonita e valiosa — em luta com o Flamengo e o Barcelona. Na época passada a proeza coube ao Vitória de Setubal que, «diecutindo» com o Badajoz, Rapid e Las Palmas, levou a melhor sem a mínima discussão. Este ano os sadinos «bisam» e os «encarnados» estreiam-se. E isto acontece no mais caro «torneio» de sempre pois, só para os clubes portugueses, será despendida uma conta calada: 900 contos em moeda portuguesa. Um pouco mais até pois o Vitória de Setubal cobrará 700 mil pesetas e o Benfica 1 milhão e quatrocentas mil.

Quer dizer, portanto, que os organizadores pretendem lançar a prova definitivamente não se poupando a esforços no sentido de a valorizarem com a presença de clubes de nomeada — daqueles que se prevê, de antemão, que o publico vai mesmo ver...

Pois, a juntar á representação portuguesa temos uma «delegação» espanhola de verdadeira categoria: Atlético de Madrid e Real Sociedad. Estes nomes chegam para se avaliar da importancia da competição.

O III Troféu Ibérico quer ser, na verdade, uma prova de verdadeira categoria. E tudo indica que assim acontecerá.

As duas equipas portuguesas seguem na 3.ª-feira

Benfica e Vit. Setubal, naturalmente, já desenharam os seus planos de campanha.

Os campeões nacionais, sairão de autocarro, de Lisboa, na terça-feira, dia 24, depois do treino da manhã. Almoço na Estalagem do Gado Bravo e instalação em Badajoz, no Hotel Rio.

Foi sócio do BELENENSES?
PEÇA A SUA READMISSÃO
—Terá o anterior número e direitos
—Pagamento de quota a partir da readmissão

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

F. C. DO PORTO E SLOVAN

NA FINAL DA «TAÇA CIDADE DO PORTO»

O publico esteve ausente. A receita foi escassa: talvez 130 contos quando muito. A noite de Junho mais parecia de Abril e o interesse depois de uma paragem tão flagrante da equipa da «casa» não era por certo o maior. Quanto ao Slovan, o publico reservar-se-á talvez para a tarde de domingo.

O fracasso do investimento no aspecto financeiro irá fazer desistir o F. C. do Porto de novas edições desta taça que agora se joga pela segunda vez. A menos que a Comissão de Festas da cidade, como seria natural, se integre na organização.

«Os bebés fizeram perrice»

No primeiro jogo defrontaram-se as equipas do F. C. Porto e do Boavista, recém-chegado á 1.ª Divisão. Há poucos dias os portistas haviam perdido no Bessa. Ontem, dominando intensamente, venceram pela tangente: 3-2.

Os visitantes marcaram primeiro e tiveram ao seu alcance o 0-2. Seria um «escandalo». A luta entre as duas turmas serviu para mostrar quanto vale a entreajuda. Os «axadrezados» foram exemplares nesse aspecto, ao contrário dos portistas que jogaram sem garra, quase ao sabor do jogo e sem rapidez.

Na defesa portista só Rui sobressaiu. Com Bernardo da Velha em má forma, todo o sector se perturbou e deu «fífias». Por seu turno, a linha intermediária (Rolando, Pavão e Lisboa) esteve longe do que pode e sabe. Repetiu jogadas, correu com a bola e serviu muitas vezes a destempo. Quanto a atirar ao golo á meia distancia — foi coisa que raro se viu.

Na frente, só Nóbrega (que fez um golo todo seu — o primeiro — e esteve na origem de mais dois, deu nas vistas, no bom sentido da frase. Chico mostrou o que pode vir a ser em meia duzia de incursões, quais «bichas de rabiar», mas exactamente porque joga mais para si do que para a equipa, acabou por ser pernicioso para o jogo.

O Boavista já o dissemos, usou como lhe convinha de todas as cautelas. Tai (um avançado que sabe recuar) e Lemos (um dianteiro que sabe ser perigoso) foram os melhores. Quanto ao primeiro não se estranha o «namoro» de outros clubes...

Mas também Mário João (um «colored» com transferência ainda «quente» do Feirense para o Boavista) foi «espectáculo». Faz lembrar Miguel Arcanjo. Bom toque de bola, excelente desarmie, sentido de passe.

O empate derrotou os vimaranenses

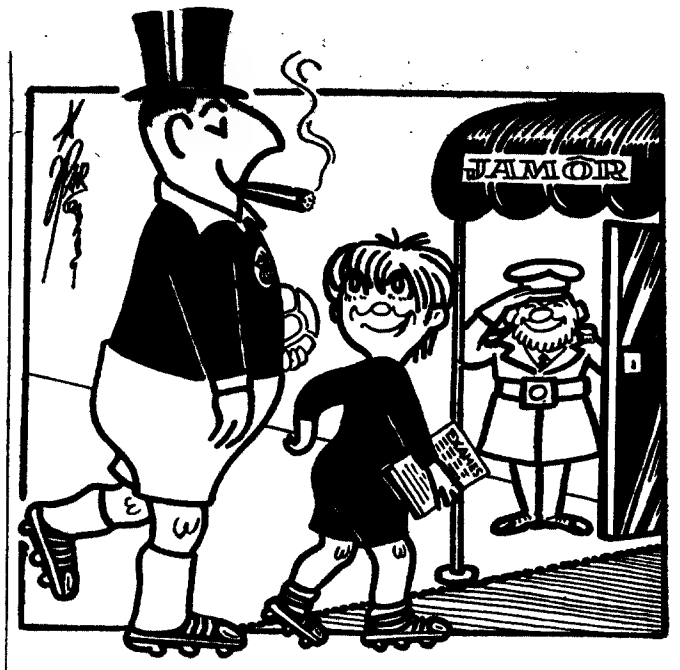
No segundo prélio da noite o interesse chamava-se Slovan. E com ele Jokl e e Hardlicka, dois nomes que se apontam como interessando ao F. C. Porto, e que os portuenses já conheciam. Ambos, a seu modo, confirmaram valor. Sem dúvida que o embate com o Vitória de Guimarães teve outra valia. E os da «cidade berço» não perderam no confronto.

Aos vimaranenses, com estupenda primeira parte, coube até o domínio. O Slovan, recente vencedor da «Taça das Taças», pôde, então, mostrar quanto vale a defender. Vencel, o seu guardião, esteve muitas vezes em apuros, não obstante os de Bratislava serem exímios em fechar a zona de remate. Muito bem constituídos atlèticamente eles podem (sem aparente esforço) jogar todos ao ataque e todos á defesa. E, ontem, repita-se, até meio da partida, foram sempre mais defensores. O seu contra-ataque é, como se conhecia, «másculo», rápido, frontal e de três passes: nada mais. Jokl, antes de ser substituído (por precaução) num curto espaço de tempo em que o jogo aqueceu e ele se mostrou de «temperamento», apregoou o seu valor. Mas não só ele: também os irmãos Captovic. Depois de um primeiro tempo sem golos, os visitantes, num dos tais assaltos a jacto, fizeram o 1-0. Cvetler fez o remate, e Rodrigues nada mais pôde do que defender para perto — a bola levava «lume» — e, na recarga, sem qualquer hesitação, Jan Captovic não perdoou.

Os vimaranenses (sem Manuel, que se lesionara, ainda no primeiro tempo, sendo substituído por Carlos Manuel, e sem Mendes) já não eram a mesma equipa, não obstante a talentosa exibição de Gualter e a canseira de Augusto. Que exemplo o deste n.º 11 de Guimarães! O seu querer foi tão grande que a maior ovação da noite lhe pertenceu, numa das multas tentativas para a igualdade. Igualdade que Silva, o substituto de Zèzinho, acabaria por fazer, a nove escassos minutos do final.

E o adversário do F. C. Porto para a final de amanhã ficou a ser o Slovan. Quatro pontapés de «canto», contra dois consentidos, ditaram a escolha no cumprimento do regulamento.

LOBO DA ROCHA



A «sala de visitas» abre-se para a «Festa»...

PUGILISMO

Entusiasmo e vibração na sessão da Amadora

No Pavilhão de Desportos da Associação Académica da Amadora efectuou-se a 4.ª sessão dos Torneios «Iniciação» e «Preparação». Disputaram-se nove combates que forneceram espectáculo vibrante e entusiástico ao público que acorreu em número suficiente para animar a novas organizações.

Pena foi que uma infeliz decisão dos juízes ocasionasse «bronca», que obscureceu o brilhantismo da reunião.

Marcelino Viegas (Sporting), João Nunes (Estefânia) e Manuel Dores (Amadora) demonstraram qualidades das melhores.

Os resultados dos combates foram os seguintes:

TORNEIO INICIAÇÃO — «Mosca»: Carlos Ferreira (Combatentes) foi declarado vencedor aos pontos de Óscar Paixão (Estefânia) por ter demonstrado melhor técnica. «Ligeiros»: João Nunes (Estefânia) venceu aos pontos Virgílio Cabral (R. Janeiro) patenteando superioridade (o adversário até lhe virava as costas). «M. Médio Ligeiro»: Maunel Nunes (Sporting) venceu Carlos Oliveira (Alvalade) por abandono ao 2.º assalto. «Médio ligeiro»: Marcelino Viegas (Sporting) ganhou por pontos a Belarmino Pereira (Rio de Janeiro); António Romano (Sporting) venceu aos pontos José Luís (Estefânia).

TORNEIO PREPARAÇÃO — «Pluma»: António Gouveia (Sporting) bateu Fernando Bacedra (Estefânia), mau grado os muitos pontos perdidos devido a constantes faltas. Com um árbitro mais atento teria sido declassificado. «Meio médio ligeiro»: Carlos Santos (Sporting), frente a Armando Seco, do mesmo clube, foi declarado vencido por pontos quando, quanto a nós, foi folgado vencedor. Daí a «bronca» a que atrás nos referimos. «Galo»: Manuel Dores (Amadora) e António Rebelo (Rio de Janeiro) fizeram um combate que o segundo ganhou, pois venceu dois «assaltos» e perdeu um. O facto de cair com golpes não conta pontos. Assim ficou estabelecido no Congresso da A.I.B.A. efectuado em Roma em 1965, e as Olimpíadas do México foram já disputadas nestas condições.

Serviram de juízes e árbitro: José Mendes, Bernardo Ladeira, Raul Reis, Vasco Ribeiro. Quintas Ferreira e Carlos Matos. À excepção da decisão já citada, actuaram bem. Presentes á sessão os srs. Peter Hermanns e Siegfried Schriber, dirigentes da Federação Bávara de Boxe, que vieram convidar a selecção lisboeta para efectuar três sessões na Alemanha.

«SOLAR DOS LEÕES» EM ALMADA

Com o fim de promover maior aproximação entre os simpatizantes do Sporting Clube de Portugal, dispersos pelo concelho de Almada, um grupo de adeptos do popular clube, residentes naquela vila, decidiu formar um nucleo de convívio que se destina principalmente a fins de benemerência, culturais e recreativos.

Todas as informações são prestadas na Rua do Ginjal, 51, Cacilhas, telef. 270083, ou através do cobrador do Sporting, nesse concelho.

Sociedade «ESTORIL»
FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL, SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTÁDIO NACIONAL

ATLETISMO

GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DA CIDADE DE LISBOA

Hoje, com um programa deveras aliciante, efectua-se a primeira edição do «Grande Prémio Internacional de Lisboa», em atletismo. O conjunto de provas é o seguinte:

No Estádio da F. N. A. T.: 17 horas — vara (int.); ás 17 e 30 — 110 m bar. (int.); 110 m barreiras (nac.); ás 17 e 40 — 400 m e comprimento (int.); ás 17 e 50 — 800 m (nac.); ás 18 — 100 m (int.); 100 m (nac.); ás 18 e 10 — 100 m fem. (nac.) e disco (nac.); ás 18 e 20 — 1500 m (int.); ás 18 e 35 — 400 m fem. (int.); ás 18 e 45 — 5000 m (int.).

Concorrentes estrangeiros cuja presença parece assegurada: 100 m — Tallon e Calvo; 400 m — Bondia e Reina; 1500 m — Huno; 5000 m — Mariano Haro; 110 m bar. — Ufer e Toro; comprimento — Blanquer e J. Segura; vara — Consegal; martelo — Alcàntara e Sibela; 400 m femininos — Corofuentes e Josefina Salgado.

DOMINGO DESPORTIVO

ATLETISMO — Campeonato Nacional da II Divisão, equipas de selecções, no estádio das Antas (Porto) ás 10 horas.

BASQUETEBOL — Grande Torneio de Juniores da A. B. L. (fase final): C. D. U. L.-Carnide e Benfica-Internacional, nos recintos dos primeiros, ás 9 e 30.

— Grande Torneio de Juvenis da A. B. L. (conclusão da fase inicial): Sporting A.-Queluz (9 horas), Sporting B. Sacavanense, C. D. U. L.-Belenenses, Física A. Moscavide e Campolide-Nacional B (10 horas). Ateneu-Casa Pia e Física B-Nacional A (11 horas.)

CICLISMO — Prova Famel (2.ª e ultima jornada). — Provas de preparação para amadores (seniores e juniores) e populares.

GINÁSTICA — Sarau da 8.ª Semana do Desporto Sintrense, no ginásio da secção do Liceu Passos Manuel, em Queluz, ás 21 e 30.

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato Nacional (4.ª jornada). Futebol-Atlético e Ramaldanse-F. C. Porto, nos campos dos primeiros, ás 10 horas.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional de clubes (conclusão): Baixa da Banheira-E. Física, na sede do primeiro, ás 17 horas.

MOTONÁUTICA — Campeonato Nacional da classe E. U., em Portimão, ás 11 e 30, 16 e 30 e 17 e 30.

NATAÇÃO — Torneio «Dia Olímpico», na piscina de Algés, ás 10 horas.

PESCA DESPORTIVA — Concurso de água doce, intersócios do S. A. D., ás 9 horas.

— Conclusão da 8.ª Semana do Desporto Sintrense.

TÉNIS DE MESA — Taça «Dia Olímpico» (2.ª jornada), nas Caldas da Rainha, ás 21 e 30 horas.

TIRO A CHUMBO — «Dia Olímpico» (Fosso), no *stand* do Monte das Perdizes, ás 10 e 30 horas.

VELA — Regatas do 54.º aniversário do Algés e Dafundo, para barcos de todas as classes, intersócios.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional da Divisão de Honra, 10.ª jornada: C. D. U. P.-Técnico, Nacional de Ginástica-Sp. Espinho (ambos ás 16 h), Benfica-F. C. Porto (17 e 30) e Leixões- Nun'Alvares (21 e 30).

TRÊS EQUIPAS METROPOLITANAS EM ANGOLA

LUANDA, 21 — As equipas de futebol do F. C. Porto e do Vitória de Setubal são esperadas em Angola nos próximos dias 26 e 30 respectivamente, para participarem num torneio triangular cujo programa está assim estabelecido:

Dia 1 — Selecção de Angola-V. Setubal.

Dia 4 — Selecção de Angola-F. C. Porto.

Dia 6 — F. C. Porto-V. Setubal.

Qualquer destas equipas metropolitanas disputará, pelo menos, mais um jogo: o F. C. Porto defrontará, em Nova Lisboa, no dia 29 do corrente, a selecção de Huando e os setubalenses deslocar-se-ão a Lourenço Marques, onde, no dia 9 de Julho, terão por adversário a selecção de Moçambique.

Entretanto, outra equipa da metrópole — a do Belenenses — iniciará no dia 28 de Julho, em Angola, uma digressão que se prolongará a Moçambique.

TAÇA «Ribeiro dos Reis»

Para a Taça «Ribeiro dos Reis» (6.ª jornada da 1.ª fase), disputam-se amanhã os seguintes jogos:

GRUPO A — Espinho-Tirsense, ás 10 e 30; Varzim-Salgueiros, ás 15; Peniche-Leixões, ás 15 e 30; Sporting de Braga-Vitória S. C., ás 11; Boavista-Leça, ás 10 e 30.

GRUPO B — Valecambrense - Peniche, ás 11; Sporting da Covilhã-Académica, ás 15; Gouveia-União de Lamas, ás 17; Sanjoanense-Tramagal, 17; Beira-Mar-Torres Novas, ás 17.

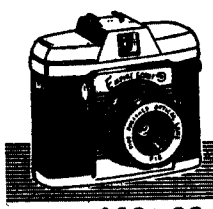
GRUPO C — *Os Leões*-Oriental, ás 10 e 30; Torriense - Sintrense, ás 10 e 30; Sporting-Alhandra, ás 17; Marítimo-Benfica, ás 17; Belenenses-Atlético, ás 10 e 30.

GRUPO D — Vitória F. C.-Barreirense, ás 10 e 30; Sesimbra - Seixal, ás 10 e 30; Portimonense-Almada, ás 17; Lusitano-Montijo, ás 10 e 30; Luso-CUF, ás 10.

AS MAIS SENSACIONAIS MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS QUE SE VENDEM ACTUALMENTE EM PORTUGAL! AGORA A PREÇOS MUITO MAIS BAIXOS

EMPIRE SCOUT

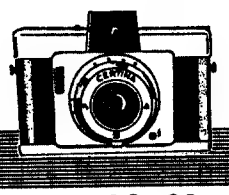
- Faz 12 fotos 6x6 cm
- Focagem desde 1,5 m
- Visor muito nítido
- Sincronizada para relâmpago
- Optima objectiva e soberba apresentação



Esc 143$00

CERTINA

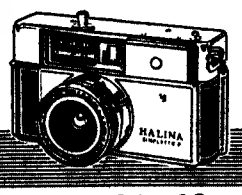
- Formato ideal 6x6 cm
- Focagem a partir de 1,5 m
- Sincronizada para relâmpago
- Evita duplas exposições
- Construção metálica sólida
- Alta qualidade alemã



Esc 236$00

HALINA SIMPLETTE "FC"

- Para flash-cubo
- Carregamento instantâneo
- 12 fotos a preto e branco ou a cores no novo formato 28x28 mm
- Visor muito luminoso
- Fácil focagem por 3 pontos



Esc 422$00

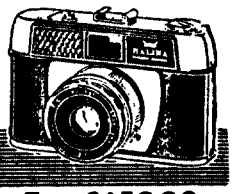
HALINA PAULETTE

- Para filme de 35 mm a cores e preto-branco
- Objectiva anastigmática 2.8 de grande luminosidade
- Obturador de 5 velocidades até 1/250 de seg
- Visor luminoso de quadro fluorescente

Esc 644$00
Com estojo

HALINA PAULETTE ELECTRIC

- Modelo similar à HALINA PAULETTE mas incorporando uma célula foto-eléctrica permitindo assim exposições sempre correctas a cores e a preto-branco



Esc 815$00
Com estojo

À venda em todas as casas de artigos fotográficos do país

Distribuidores para a venda por grosso: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L. SECÇÃO FOTO-CINE Rua dos Douradores, 10, Telef. 361545 - LISBOA

VISITE O NOSSO STAND NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

uma leve pressão...

um funcionamento perfeito

FLUXÓMETRO ÁQUA hipólito

sem êmbolo

O fluxómetro "ÁQUA-HIPÓLITO" possui um conjunto de características únicas:

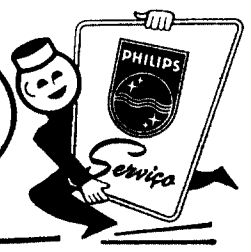
- Regulação do volume e de força de descarga
- Conjunto superior substituível
- Canal de equilíbrio de pressões com limpeza automática
- Construção sem êmbolo e sem peças deslizantes

CASA HIPÓLITO, LDA. — TORRES VEDRAS — TELEF. 3 • 53 • 553 - PBX

SERVIÇOS TÉCNICOS PHILIPS

REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS

LISBOA — 38 28 44 - 6' 56 02 00
PORTO — 6 76 62
FARO — 2 38 99



MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA
ACESSÓRIOS DE ORIGEM

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS

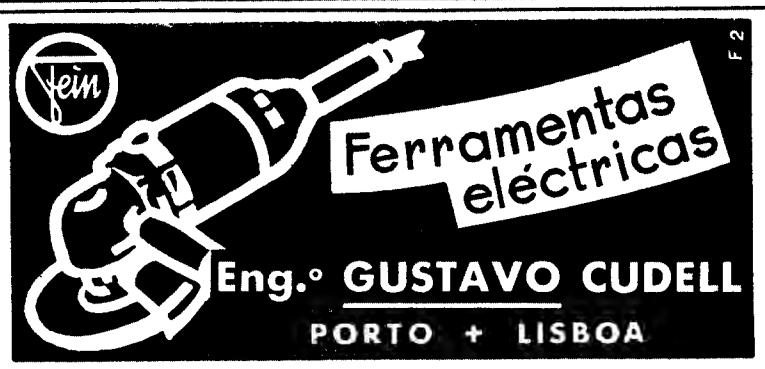
GUARDA MÓVEIS

Guardamos móveis, malas, caixas, pequenos e grandes volumes

Raul Galamos, Lda.
RUA DA MADALENA, 68
TELEF. 86 96 00
ORÇAMENTO GRÁTIS

CAFÉ

Um dos melhores de Coimbra, passa-se por motivo de doença do seu proprietário. Resposta a este jornal ao n.º 290.

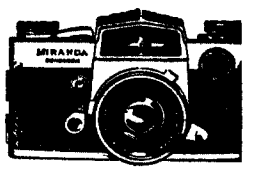


FERROTOUR LISBOA-MADRID

Os Caminhos de Ferro Portugueses e Espanhóis proporcionaram-lhe novamente, a preços acessíveis, este sistema de excursões de 6 dias «à forfait» (todas as despesas incluídas) a partir de 1350$00. Peça informações e folheto descritivo nas Secções de Informações, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro

MIRANDA

MIRANDA CAMERA C.º LTD. PIONEIRA EM 35 m/m SLR DO JAPÃO, DEDICA-SE HÁ LONGO TEMPO, À PROCURA DE UM LUGAR NA INDÚSTRIA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS JAPONESAS COM A **MAIS PERFEITA OBJECTIVA f 1,4.** AMADORES, PROFISSIONAIS, NOVOS FOTÓGRAFOS, ESTÃO ORGULHOSOS DOS BONS RESULTADOS, NÃO SÓ NA FOTOGRAFIA VULGAR, MAS TAMBÉM EM OUTROS RESULTADOS FOTOGRÁFICOS ALTAMENTE ESPECIALIZADOS.



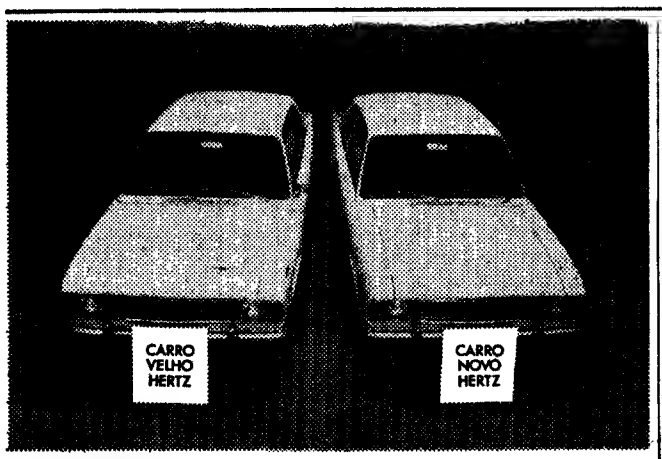
EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

UMA GRANDE COLECÇÃO DE OBJECTIVAS E ACESSÓRIOS ESTÃO À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Em exposição nos stands IBEREX na Feira Industrial de Lisboa

ANDARES

Vendem-se na Reboleira
4 boas ass. tel. 934613



É DIFÍCIL AFEIÇOARMO-NOS A UM CARRO...

...A Hertz vende-os apenas com 1 ano de uso.

EIS UMA BOA COMPRA PARA SI!

FACILIDADES DE PAGAMENTO.

N.S.U. PRINZ 4L/FORD ESCORT
FORD CORTINA/FORD 17M

Tratar na: Rua Almeida Brandão, 26 A - Telefone 67 29 97 - Lisboa

Continental radial segurança total

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

ETE

Escola Técnica de Enfermeiras
DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES DAS NOVAS CANDIDATAS

INFOMAÇÕES NA ESCOLA DAS 9 ÀS 17 H.
PELOS TELS. 77 02 24 e 70 77 02

CARTAZ DOS CINEMAS

CONDES
(17 anos) Tels. 322523-326710
As 15.15 18.15 e 21.30
Elizabeth Taylor e Laurence Harvey numa apaixonante história de amor
EM 2.ª SEMANA
O NÚMERO DO AMOR
Algumas mulheres nunca dão o nome... sómente o número de telefone!

IMPÉRIO
(12 anos) Tel. 555134
Apresentação da obra total russa em cada dia
GUERRA E PAZ
Às 15 horas — 1.º episódio: **AUSTERLITZ** (filme às 15.13
Às 18.30 — 2.º episódio: **NATASHA** (filme às 18.30)
Às 21.30 — 3.º episódio: **O INCÊNDIO DE MOSCOVO**
«A VITÓRIA» (filme às 22.07)

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra fundamental de Alain Resnais
MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
Harry Guardino, Hope Lange e Bradford Dillman no excepcional filme
«LDS» — DROGA ALUCINANTE

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
15.15, 18.15 e 21.30
Eles são malucos, galantes, atrevidos...
Elas são deliciosas e tentadoras...
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS
(ou como vocÊ de Londres a Paris em 25 h. e 11 m.)
com Stuart Whitman - Sara Mile

LIDO
(M. 17 anos) Telef. 937593
As 21,30
O artista da actualidade
Alain Delon
num dos seus maiores êxitos!
DIABÒLICAMENTE TUA

SÃO LUIZ
(M. 17 anos) Tel. 327172
As 21 horas
Ciclo «Mestres do Cinema Americano»
A MULHER DE DUAS CARAS
CASAMENTO ESCANDALOSO

ALVALADE
(M. 17 anos) Tel. 763080
As 21 horas
Ciclo «Mestres do Cinema Americano»
CASAMENTO ESCANDALOSO
A MULHER DE DUAS CARAS

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
15.15, 18.30 e 21.45
Um policial de cortar a respiração
David McCallum e *Stella Stevens* em
ELES SÓ MATAM UMA VEZ

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 388743
As 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
David Niven, Shirley MacLaine e Cantinflas no espectacular filme baseado no famoso livro de Júlio Verne
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
uma fabulosa aventura vivida por 44 grandes artistas
Metro: Estação Picoas

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
15.15, 18.15 e 21.30
O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje
A RAPOSA
com Sandy Dennis e Keir Dullea

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
JOGO PERVERSO
UM PERIGO CHAMADO CAPRICHO

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Uma espectacular super-produção
A CAMINHO DE OREGON
com Kirk Douglas, Robert Mitchum e Richard Widmark

ROMA
(17 anos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Um crime enigmático lança o inspector (Maigret) no mais difícil e perigoso dos seus inquéritos
MAIGRET E O ESPIÃO
c/ Heinz Rubmann e Françoise Prévost

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
10.ª semana de um grande êxito que se despede
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

POLITEAMA
HOJE, ÀS 15.15 Tel. 326305
MATINÉE PARA CRIANÇAS
(MAIORES 6 ANOS)
EM 2.ª SEMANA
AVENTURA NO JAPÃO
com Teresa Wright
Às 18.15 e 21.30 (12 anos) em 2.ª SEMANA, com CANTINFLAS
ENTREGA IMEDIATA
(O espia X-UI-777)

ODEON
(12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª MÊS SENSACIONAL!
8.ª SEMANA DO FABULOSO ÊXITO DE GARGALHADA
BONANÇA & C.ª
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas.

CHIADO TERRASSE
(17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
Omar Sharif e *Catherine Deneuve* em
MAYERLING

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 179095
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra-prima de Vittorio de Sica
MILAGRE DE MILÃO
A maravilhosa fábula dos pobres

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 21.45
EM 4.ª SEMANA
A mais expressiva obra do cinema italiano
FILHOS DE NINGUÉM
com Amadeo Nazzari e Yvonne Sanson

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
EM 6.ª SEMANA
BOA NOITE SENHORA CAMPBELL
com *Gina Lollobrigida*

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
DOIS IRMÃOS SICILIANOS
A MINHA ÚLTIMA CONDESSA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 21.30
MAYERLING
com Omar Shariff - Catherine Deneuve

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

LAURA ALVES — Às 20.45 e 23: «Pepsi» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21.45: «Anatomia de uma história de amor» (12 anos).
CAPITÓLIO — Às 22 h: «O segundo tiro» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 15: «Black-Out» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23 h: «Mãos á obra» (17 anos)

CINEMAS

OLÍMPIA — Às 19 h.: «Tarzan, filho das selvas» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «O leão de Tebas» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Parada internacional» (12 anos).
CINE ORIENTE — Às 21: «A justiça de Gringo» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O vale da Loura» (12 anos).
S. L. BENFICA — Às 21: «A mulher que não quer o amar» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «O desconhecido desejado» (17 anos).
PARIS — Às 21 h: «Como raptei Rasputine» (12 anos).
IDEAL — Às 21 h: «Sete dólares de sangue (17 anos).

ORNELA VANONI NA FIGUEIRA DA FOZ

No próximo dia 13 de Julho, actua no Casino Peninsular da Figueira da Foz a intérprete italiana Ornela Varonil, que substitui na «noite de gala» do Festival da Canção a sua compatriota Iva Zanicchi, primitivamente designada para ali actuar.

Em Outubro, Ornela Vanoni estará novamente em Portugal, para gravar um «TV-Clube» e fazer a sua apresentação em Lisboa.

ARCO ÍRIS — Às 2[illegible] h: «Cantinflas deputado» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 2[illegible] h: «Quem dispara primeiro» (12 anos)
CINEARTE — Às 2[illegible] h: «Fluf perigo supremo» (17 anos).
JARDIM — Às 2[illegible] h: «Uma poltrona para três» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O foragido do Rio Colorado» e «Roubaram o meu coração» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Camelot» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 21: «Mayerling» (17 anos) e (CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Perseguição implacável» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Boa noite senhora Campbell» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O preço de cinco jogadores» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 5: «A força para um inocente» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 5: «Os cavaleiros do terror» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Os irmãos Karamazov» (17 anos)
CACÉM — CINEMA S. JOÃO — Às 21: «Cavalgada sangrenta» e «Gladiadores espartanos» (12 anos).
MEM-MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30. «Em Roma era assim» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — — Às 21 e 30: «As diabólicas» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A viúva solteira» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O misterioso dr. Jão» e «A flecha dourada» (12 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Marisol apaixonado» e «O inspector original» (12 anos) e CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Pistoleiro do Harrigona» e «Jerry e os seus tios» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O escândalo» e «Hercules o conquistador» (17 anos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 17 (633288) * Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja 18-A (712070) * Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) * Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) * Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Agua (710131)
ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841122) * São José, R. dos Anjos, 41 (50730).
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 53 (842152).
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (724941) * Onilde, Av. João XXI, 8-A (726848).
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — Miranda, C. Pequeno, 356-B-C (770776) * Segre, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) * Cordeiro, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495) * Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) * Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (44156).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zire, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B-7, 6 Rua Marquês de Olhão, (383800).
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (32121) * Unita, R. da Vitória, 21 (323793).
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256).
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) * Sousa, Est. Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — Nesterápia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) * Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181).
CONDE DE REDONDO — Salster, R. C. de Redondo, 9-A (533411).
ESTRELA e LAPA — Paiva & Parente, R. de St. António à Estrela, 96-98 (665196) * S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661010).
GRAÇA — Arnaut, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).
LUMIAR — Alemeda, Á dos Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, lote 2-C (790704)
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (981612).
MOURARIA — Tavares, R. da Palma 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade V. a Cabral (ex-Rua B, 4 Lote 43 zona poente (3'0026) São Paulo — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Moscavide) (Tel. 3'0711)
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708)
PICHELEIRA — Marluz, Calç. do Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua do Benefícência 9 (773728).
RESTELO — Tanare — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo—próximo dos Moinhos) Telefone: 61'814.
S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc. Politécnico, 82-A (660280) * São Bento, R. dos Paiais de S. Bento, 73 (679673).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) * Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (25 8520)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nife, Avenida Comb. G. Guerra, 64 (212070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (T. 2432084)
OEIRAS — Gadinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2420090).
PAREDE — Brandão, Av.ª da República, 77-C (2471054)
ESTORIL — S. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (260008).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170-281419); Nova — Estrada de Alvide—Fontainhas (T. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) * Campos, R. Elias Garcia, 185 930072) * Clobel, R. António Sardinha, 23-D (930551).
DAMAIA — Lemos, R. de Goa, (971221)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 151 (950043) * Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (95184).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 Tel. (234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T 224020)
ALMADA — Nuno Alvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 Tel. (224302).
BARREIRO — Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (2273012).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 270121).
MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (22408) * Portugal, R. Camilo Castelo Branco (23211)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 (Tel 2218580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

A CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO automóveis
(M 15 anos)

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B Telef. 5 73 78
COMUNICADO
A TODOS OS EX.mos CLIENTES E AMIGOS TEM O PRAZER DE INFORMAR, QUE A PARTIR DE HOJE TEM MAIS UM NOVO MESTRE COZINHEIRO DAS ESPECIALIDADES ORIENTAIS

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 a 19 (ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
AR CONDICIONADO — ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. Tomás Ribeiro, 63 — Lisboa — Tel. 538780

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 29°; mínima. Penhas da saúDE, 7,5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na amosfera: 18,5°; na água do mar: 16°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco a moderado de Noroeste; no período matinal, céu muito nublado na faixa costeira ocidental e possibilidades de chuviscos.

Amanhã
Nascer ás 06 e 13
Ocaso ás 21 e 05

Dia 23 Dia 29 Dia 6 Dia 14

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 21 — 8 e 17 (3,3 m); 20 e 30 (3,5 m). Dia 22 — 9 e 06 (3,3 m); 21 e 27 (3,4 m). Dia 23 — 10 (3,3 m); 22 e 20 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 21 — 1 e 39 (1,3 m); 13 e 50 (1,5 m). Dia 22 — 2 e 33 (1,4 m); 14 e 50 (1,6 m). Dia 23 — 3 e 31 (1,4 m); 15 e 55 (1,6 m).

O Chefe do Governo foi convidado a visitar os Açores

Os governadores dos distritos autónomos dos Açores convidaram o prof. dr. Marcello Caetano para se deslocar, em visita oficial, logo que se lhe depare uma oportunidade de o fazer, áquele arquipélago. A concretizar-se essa deslocação, será a primeira vez que um Presidente do Conselho visitará as terras açorianas.

GOVERNO FRANCÊS

(Continuação da 1.ª pagina)

se deve a solução das crises financeiras de 1952 e de 1958, e que era apontado como o próximo ministro das Finanças, revelou que Pompidou lhe tinha telefonado ontem, pedindo-lhe que aceitasse um cargo no Governo, mas que tinha recusado.

Pinay declarou que o novo presidente lhe pedira para pensar melhor, devendo voltar hoje a telefonar-lhe.

Se Antoine Pinay voltar a recusar, como se prevê, é possível que a escolha recaia sobre Giscard d'Estaing, chefe dos Republicanos Independentes e antigo ministro das Finanças.

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE», às 17 horas
no Salão Restaurante
THE FOURMOST
● JOHN SEIDEL
And partner
● NATÉRCIA DA CONCEIÇÃO
● BENTYBER DANCERS
com
CLAUDETTE WALKER
e LINDSAY DOLAN
MUSICA PARA DANÇAR
SHEGUNDO GALARZ'A
E SEU CONJUNTO
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
(M 17 anos)
Preços
Chá completo: 40$ (taxas e impostos não incluídos)
No CINEMA
HOJE, às 17 horas
«MATINÉE» INFANTIL
(M 6 anos)
e às 21.30
«MAYERLING»
(M 17 anos)
AMANHÃ, às 17 e 21.30
«BULLITT»
(M 17 anos)
Ambiente climatizado

ARQUITECTOS EM BUSCA DA INTEGRAÇÃO DO SEU CURSO NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE

A necessidade de integração do ensino de Arquitectura no âmbito da Universidade foi hoje largamente debatida no II Encontro de Estudo promovido pela secção portuguesa da União Internacional dos Arquitectos, com a colaboração do sindicato que agrupa os 700 profissionais portugueses da especialidade.

O tema hoje versado subordinou-se á epígrafe «A escola de Arquitectura e arquitectura da Universidade», tendo participado, como especialista convidado, o sr. prof. Miller Guerra, bastonário da Ordem dos Médicos e catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi focada a necessidade de nova estrutura universitária e referiram-se tendências e exemplos colhidos nalguns países europeus.

Assim, procuram-se os caminhos a ensaiar de modo a ecelerar o progresso da profissão em Portugal, onde não chegam a formar-se duas dezenas de arquitectos por ano, nas duas escolas superiores de Belas-Artes de Lisboa e Porto. Como modelo de actuação procuram os promotores da iniciativa inspirar-se no Relatório das Carreiras Médicas, da autoria do prof. Miller Guerra, publicado em 1967.

*

A tarde, os trabalhos prosseguiram com debates sobre a situação de uma futura escola de Arquitectura entre as Belas Artes ou na Universidade, o sobre várias hipóteses de localização de um tal estabelecimento na região de Lisboa.

Orientaram os trabalhos os arquitectos Nuno Portas e Martins Barata.

Um aspecto do encontro

De vez em quando

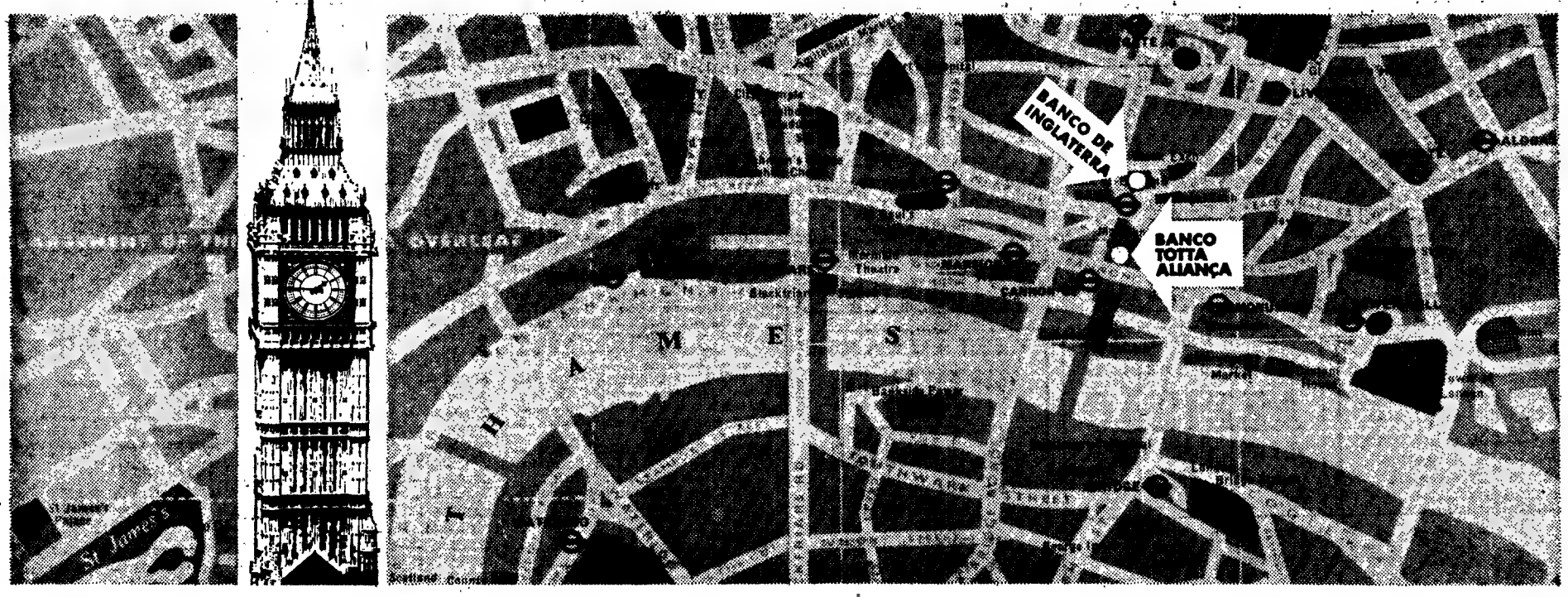
O Estádio Nacional volta a ter vida. A final da Taça de Portugal (deste Portugal que não abdicamos de amar tanto como os outros, como todos) **vai ali pôr amanhã frente a frente o Benfica e Académica — o grito vermelho dos homens da Luz e o negro denso dos estudantes coimbrões. Dois grupos, cada um de sua cor, mas sujeitos a regras iguais para todos e orientados por um árbitro que antecipadamente se considera imparcial, vão mostrar o que sabem, para se avaliar qual deles é o melhor. Muita gente (limitando-se a ser assistência) seguirá o prélio com vontade de nele ter participação mais activa. É pena não caberem todos no rectangulo. Homens de todas as cores a mostrar o seu jogo. E que vencesse o melhor.**

V. D.

Almoço na Casa de Trás-os-Montes

A Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, promoveu hoje mais um almoço de confraternização com ementa regional. Como os anteriores, o repasto decorreu com grande animação e teve a presença de cento e dez convivas.

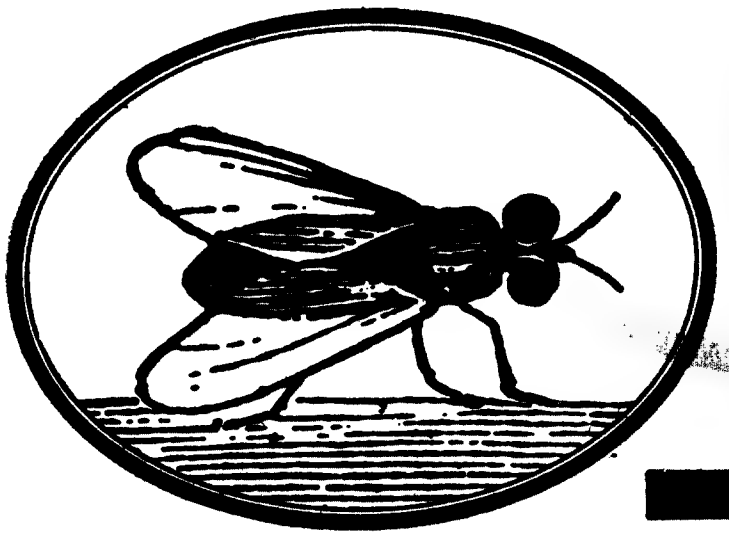
O BANCO TOTTA-ALIANÇA
a partir de Setembro próximo no coração da City



Mas porquê Londres?

Porque Londres é um dos principais centros financeiros do Mundo.
Porque Londres é a sede do principal mercado dos produtos portugueses.
Porque Londres é a capital do mais importante país da EFTA.
Porque em Londres o Banco Totta-Aliança poderá colaborar, com os seus associados o Banco Totta-Standard de Angola e o Banco Standard-Totta de Moçambique, no desenvolvimento das relações económicas dessas duas Províncias Ultramarinas com o Reino Unido.
Porque acima de tudo é norma do Banco Totta-Aliança
SERVIR CADA VEZ MAIS E CADA VEZ MELHOR OS SEUS CLIENTES

S.P.P.



11

MOSCA

AS 24 HORAS DOS RESTAURADORES

BRRRUUUM...

A equipa desportiva «Mosca» lá esteve, consciente dos seus deveres e naturalmente espicaçada pelo interesse provocado pelas (24 de Le Mans».

Instalado na «box» do Simões (*Os Piratas*, na gíria automobilística) o «team» da reportagem seguiu tudo de perto, desde o Festival folclórico que antecedeu a prova.

12 h-14 h 37 m — O arranque é dado pelo sinaleiro. Antes ainda dos carros atingirem a recta do SNI um táxi coloca-se à cabeça. Momento emocionante que levanta alguns protestos dos concorrentes que o acusam de não ser «grande turismo». Na curva do Lourenço e Santos, uma bicicleta canduzida por um cabeludo da Marconi ultrapassa o táxi e é, por sua vez, ultrapassada por um Gogomobil tripulado por um cão, dois casais e três crianças.

No sentido inverso, duas potentes viaturas a gasoil travam bruscamente para evitarem uma colisão com um piloto da escuderia da Sapataria 28 que ia reabastecer-se à «box» da Taverna Imperial.

Ruído infernal. A prova ganha súbito interesse.

16 h 15 m — O prémio referente ao *index* de performance até agora nas mãos do piloto do Gogomobil passa para o condutor de um Austin 850, matrícula clandestina, que transporta três serralheiros mecânicos, um cigano e um aquário com peixinhos tropicais.

Os dois fiscais da prova (PVT) colocados à entrada do circuito mostram sinais de cansaço.

17 h 30 m — Dois carros da escuderia Cooper a pequenas prestações surgem colados um ao outro. Dadas as características dos condutores gera-se a angústia colectiva de que não terão certamente gasolina que lhes permita chegar ao alto da «*Versalhes*».

Atenção! Um concorrente desiste! Está procurando arrumar o carro fora da pista, no parque de estacionamento. Socorre-o um agente da FICC (Fédération International du Cravance Camaraire) que lhe exige a taxa legal (2$50=0 £ 6 d). Recusa do concorrente, fundamentado no facto de já ter pago o imposto complementar, o imposto de consumo, o imposto profissional e, ainda, o imposto indirecto que incide sobre a gasolina.

18 h 30 m — Redobra o interesse da prova. Um participante de línguas mortas detém-se em frente da «box» do SNI e é avisado de que esse local é uma tribuna das autoridades. O participante de línguas mortas diz que vem desde Salamanca com a ideia de encontrar um parque que não seja de autoridades.

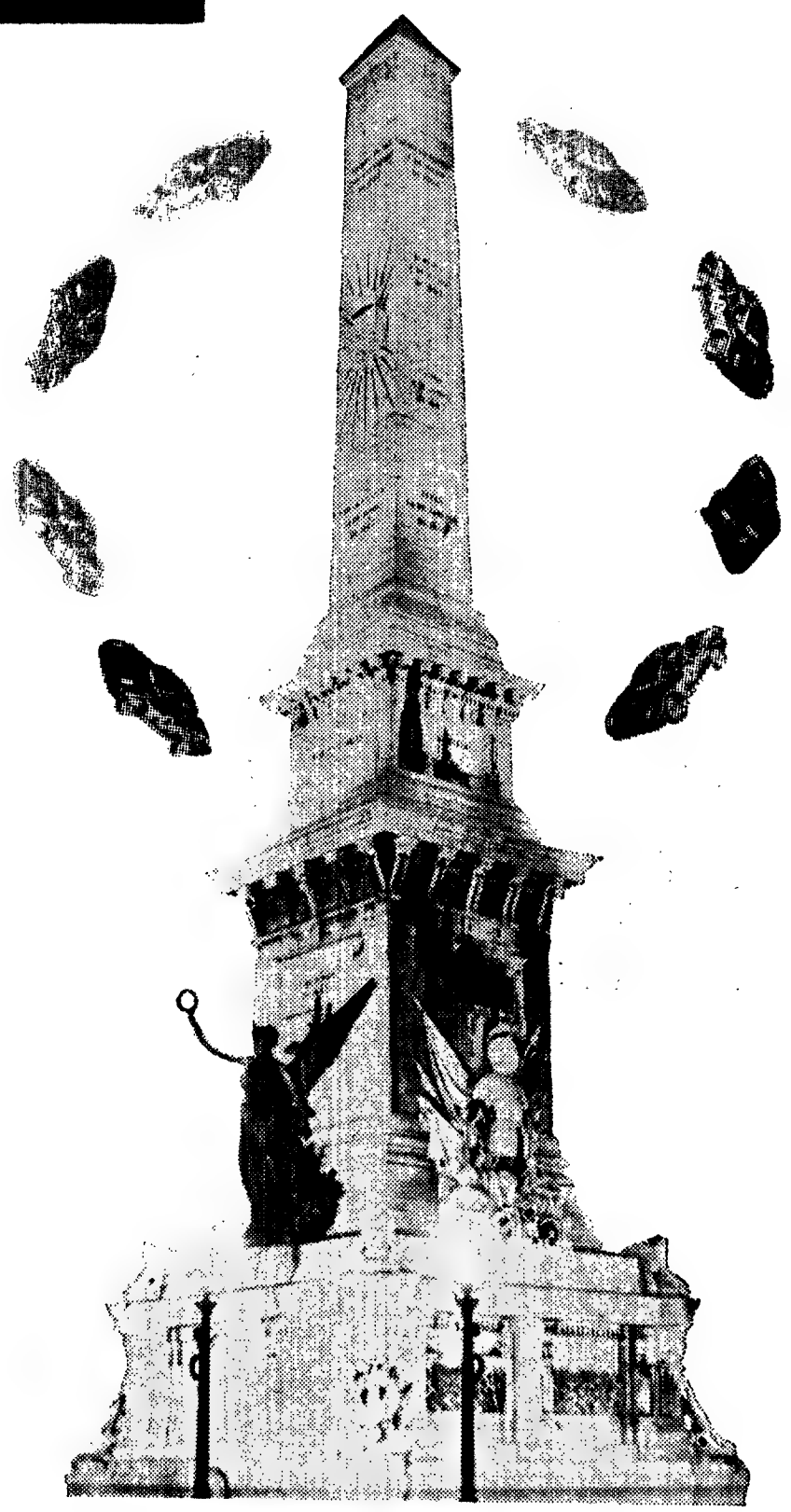
Entra em prova uma senhora de idade, entra em prova e atravessa a pista na direcção da leitaria Casulo. Arrancam 8 potentes carros 8 e a senhora de idade sai da prova. Vários vendedores de lotaria aproveitam o momento para lançar os seus tradicionais gritos de guerra.

19 h — Ponto alto da prova. Sensacional. Inesperado: à frente do índice de performance vai agora um autocarro tripulado por 160 passageiros alguns dos quais funcionam como sobressalentes porque vão de fora.

A senhora de idade encontra-se agora à porta da leitaria Casulo lutando com uma trombose.

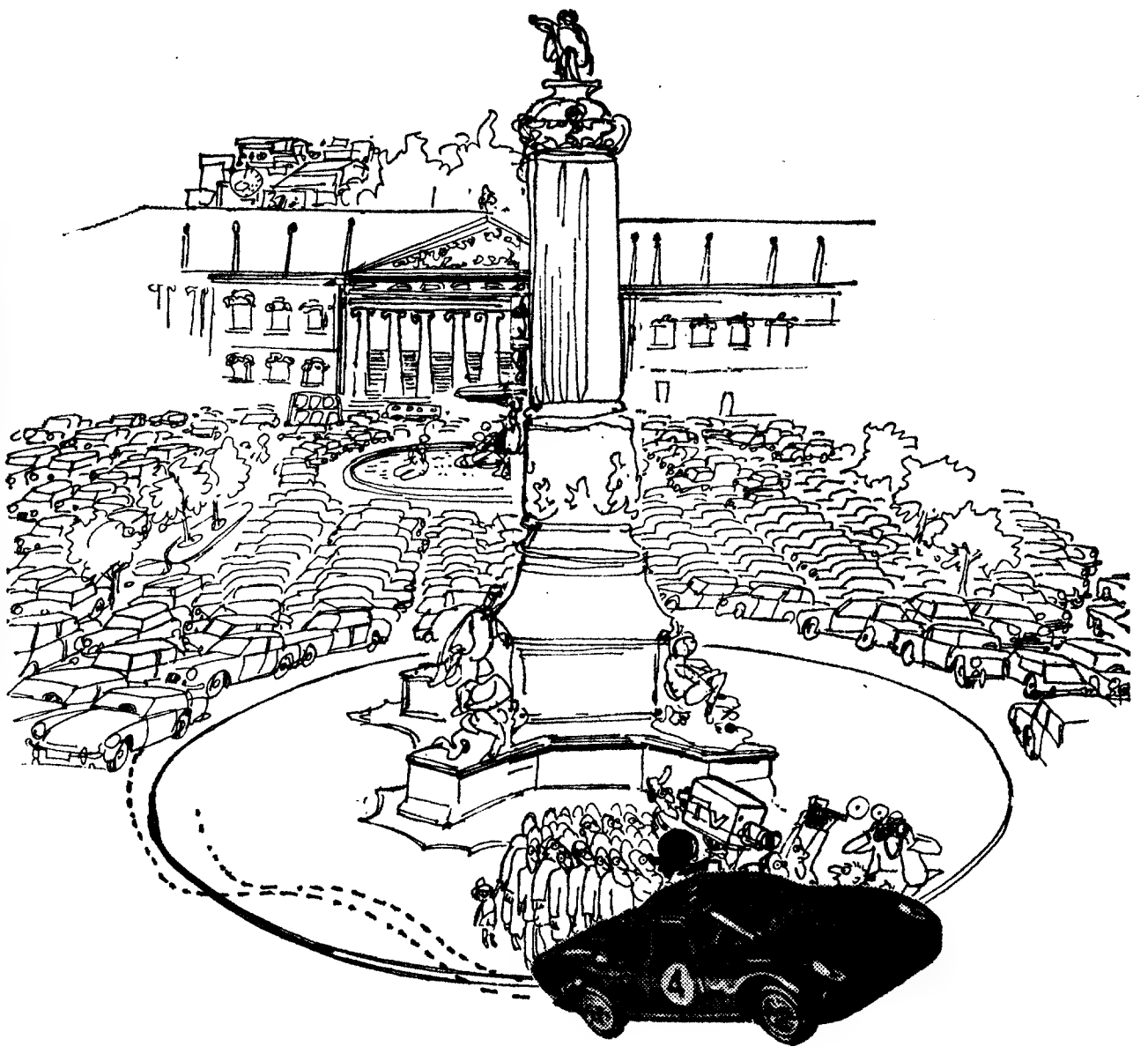
A PISTA ENCARADA PELOS TÉCNICOS

«A melhor do mundo» — Philip on the Road. «Panorama Incomparável» — Raul Penato. «Lamentável que não se veja a Ponte» — Herre Kant Muniz. «Um per-



AS 24 HORAS DOS RESTAURADORES

O sinaleiro de serviço abre a prova...



curso que nada fica a dever aos estrangeiros» — opinião de um frequentador do Café Aviz

Na realidade, o rodado misto de buracos e asfalto dá a necessária imponência ao monumento pontiagudo, ás árvores (equiparáveis ás melhores do estrangeiro), aos estabelecimentos English Spoken e Parle Français da zona. Turistas de todo o mundo ocorrem por isso á Pastelaria Suiça onde pasmam perante os pastéis de Belém (equiparáveis aos melhores do estrangeiro).

20 h. 30 m. Escasseiam os corredores. Os amadores não aguentam a prova. É a hora de jantar e a natureza lusitana é pontual. Passam dois carros: um Opel familiar e um MG que não deve ser, a julgar pelo aspecto comprometido da «pendura». É o primeiro profissional.

21 h. 27 m. Surge na pista um Porsche 911-S pilotado por um concorrente de chinó, ladeado por duas altíssimas louras de plástico. O juri decide passá-lo á frente no índice de performance.

No parque se estacionamento, o concorrente que desistiu alega agora que desconta para o Socorro de Inverno e que paga portagem nas auto-estradas do Norte e do Sul, apesar de elas não passarem do Centro.

Acusando deficiências mecanicas, passa um 100 HP com um tigre de feltro que abana a cabeça no banco traseiro. Por motivos desconhecidos este animal não parece inteiramente feliz.

4 h. 00 m. Os primeiros profissionais fazem a volta de reconhecimento e dirigem-se para as respectivas «boxes». Lelecas Martim Ramos, figura de grande prestigio nos meios do automobilismo, vem com a Pipocas Santa Marinha, que também goza de grande prestigio nos meios. Vão reabastecer ao Pop.

Em Cascais, Pucas arranca do «Fim do Mundo» ao volante do Elan amarelo. *(Ficha de Pucas — 5.º ano do liceu incompleto porque ficou no 2.º, avó rica, papá sempre no escritório, mamã compreensiva, avó que paga prestações).*

No posto *Nina* Dom Caetano, rival de Portago (porque Portago já faleceu), acaba o reabastecimento de Schweps. O piloto Dom Caetano, de cabeça rebaixada, que corre num 850 de risca ao lado benze-se para enfrentar a prova. *(Ficha pessoal: o pai é conde, donde se conclui que a mãe é condessa).*

A falange de apoio do Pucas é constituída pela Licas (que é dactilógrafa de uma agência de publicidade onde aprendeu a falar por slógans) e por quatro liceais que sonham com injecções directas e vão tirar carta para o ano.

Na sua falange de apoio Lelecas conta com um forcado amador do Colégio Nun'Álvares, uma futura hospedeira de bordo e duas meninas que têm por ambição vestir na «Outra Face da Lua».

2 h. 00 m. Pucas arranca do «Porão da Nau» seguido de quatro mirones da porta do «Convés». Estão bronzeados por causa da brisa nocturna.

Pucas entra no Marquês de Pombal.

Pucas torneia a estátua a grande velocidade.

Pucas entra na Avenida. Acelera. Passa rente a uma ceguinha que não sabia da existência da prova. Travagem brusca. Nova aceleração. Expectativa geral. Pucas aproxima-se da tribuna. Venceu-a. Entra em derrapagem na Praça da Alegria.

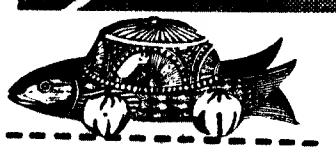
Pucas chega ao «Bico Dourado».

7 h. 00 m. Chegam os concorrentes vindos do Estoril, bem abastecidos de supercarburante. Cruzam-se com os primeiros participantes não profissionais: autocarros, camiões de carga, camionetas para a Venda Nova (e vice-versa), ciclistas com lancheira, etc.

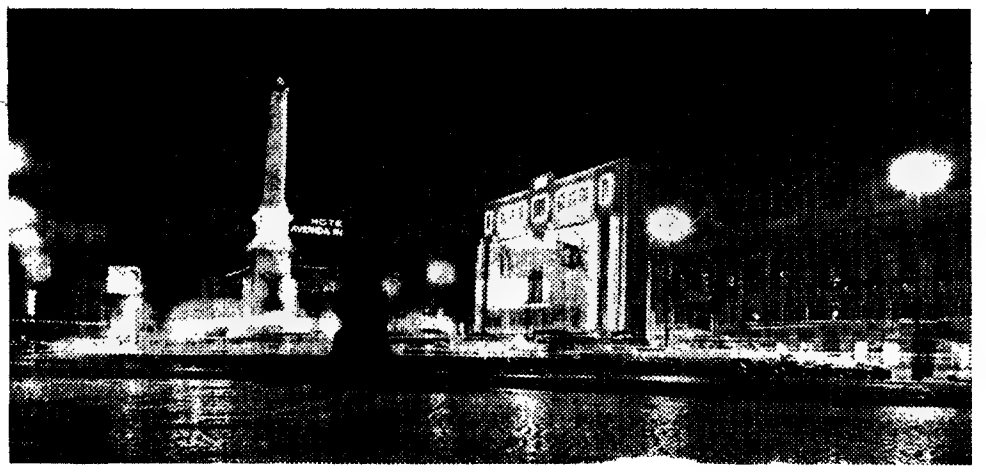
7 h. 15 m. Protesto geral dos profissionais, que abandonam a prova, dirigindo-se para o «Galo» onde vão redigir a sua moção. Em face disto o juri delibera, por unanimidade tradicional, anular a prova.

7 h. 30 m. O sinaleiro de serviço abre o transito para as novas «24 horas dos Restauradores».

A Pista dos Restauradores é dotada com postos de recauchutagém «Pop»



As infra-estruturas das «24 horas dos Restauradores»: renovar é sempre continuar. As equipas reparadoras da pista actuam com a energia necessária



3 horas da manhã: a pista está aberta aos grandes fângios

FÉRIAS NO ALGARVE AO SEU ALCANCE...
excelente serviço de Snack-bar e Restaurante a preços normais
Bungalows para 2 pessoas/160$00
marcações pelos telefs.
156 39 praia da luz
36 91 52 em lisboa
motel da luz • praia da luz • algarve

MASTEN GREGORY VIVE!

A velocidade, na opinião de Aldous Huxley, é o único prazer genuinamente moderno. Há muitos homens actualizados e inteligentes que concordam com esta opinião mas afirmam que a velocidade é a penúltima sensualidade permitida aos homens.

Dois destes eram corredores de automóveis da melhor das águas, figuras legendárias como Rudolfo Caracciola e Stirling Moss. Os automobilistas sentem a velocidade mais do que qualquer outra pessoa

Os pilotos de avião, por exemplo, tirando os momentos de aterragem e descolagem sentem sòmente que estão voando. O esquiador não pode sentir intensamente a velocidade, mas apenas que está contrariando a gravidade; o motonauta poderá sentir a velocidade mas nunca sentirá o perfeito domínio da máquina, que salta e ressalta na água.

Só o corredor de automóveis pode conjugar o prazer de uma velocidade de 300 quilómetros à hora com o domínio milimétrico de um carro que pesa pouco e que nem sempre repete a monotonia monocórdica de um trajecto de pista, variando, muitas vezes, acidentados percursos de estrada que os atira para fechadas curvas a altíssimas velocidades.

«Correr é um vício e, portanto, muito difícil de abandonar» escreveu em 1957 Alfonso de Portago, um mês antes da sua morte.

Para o ferro entrar nele, o homem tem que correr um mínimo de, digamos, cinco anos quase sem parar, até porque não tem outra alternativa. Stirling Moss quase morreu num acidente mas recuperou o suficiente para poder continuar a guiar, embora não o faça melhor do que qualquer outra pessoa no mundo; por esse motivo ele retirou-se em 1962. Mas há por vezes fortes razões para um piloto de corridas se retirar.

Uma delas pode ser o amor, como no caso do condutor italiano Pietro Taruffi, um fenómeno que ainda estava a competir com 50 anos de idade, mas que prometeu a sua mulher, mais nova do que ele, que se retiraria se ganhasse a maior prova europeia de longa distância — as mil milhas Após 12 tentativas, Taruffi correu uma décima terceira vez, sem superstições, e ganhou, retirando-se

Outras vezes, um bom motivo para afastamentos é a tristeza e esse foi o caso de Juan Manuel Fangio da Argentina, cinco vezes campeão do mundo e que deixou os automóveis porque, disse ele, tinha já visto muitos amigos mortos naquela vida

Masten Gregory, de Kansas City correu contra Fangio, Moss, Portago, Taruffi. Ele lembra-se ainda de muitos outros. Peter Collins, Mike Hawthorn, Wolfgang von Trips, Jimmy Clarck, Jean Behre, Lorenzo Bandini. Jimmy Brian, Eddie Sachs, Ludovico Scarfiotti, Eugénio Castelotti, Mike Spence, Ken Warton, Harry Schell.. a própria morte, enfim, numa longa lista.

Gregory está a correr há 16 anos, o que pode ser um pequeno período para qualquer outra profissão mas que nesta significa uma vida prolongada.

Correu primeiro em Caddo Hil, Texas, em Novembro de 1952 e mais recentemente nas 24 Horas de Le Mans (França), Setembro 28-29 Sobreviveu a desastres que reduziram os seus carros a montões de destroços e acabou por sobreviver para viver entre acidentes. Ficou queimado e com diversas fracturas; uma tarde ele saltou do carro e ficou no meio da pista, imóvel, de pé, por entre bólides que corriam a mais de 200 quilómetros horários. Apesar de todas estas vicissitudes, ele podia hoje com 36 anos de idade, passar por um jovem estudante

Usa uma pesada armação negra a encaixilhar numas lentes grossas; anda com movimentos mecânicos e elásticos; e apesar de todos esses anos que viveu na Europa fala ainda com forte sotaque do Missouri: «Jesus Christ, *Ah* hate the sight of blood, specially *mai* own» (Jesus Cristo, odeio ver sangue, especialmente o meu próprio».

Tem voz de requinta bombardeira e gestos cortezes, delicados, de maneiras sofisticadamente «negligées»

Gregory não corre muitas vezes. O ano passado ele apenas entrou em Daytona onde se virou a 250 quilómetros á hora, em Indianápolis, onde uma avaria não o deixou completar a primeira volta.

Masten Gregory é o último da quase extinta estirpe — *dos cordedores desportistas* — talentoso, individualista em extremo, quase egocêntrico — que dominaram ou simplesmente animaram as corridas de antes e depois da guerra de Hitler.

«Quando comecei, os corredores tinham uma mentalidade completamente diferente dos de hoje e corriam como os «gentlemen» jogavam polo. Ninguém pensava muito em dinheiro. Hoje, é uma industria, toda a gente tem os seus contabilistas, «manageres» e os principais volantes têm negócios á margem» — afirma Masten Gregory.

«É fundamental para sobreviver sair de uma carro estampado Sair ou tentar sair imediatamente. Quando Moss teve aquele terrível acidente em Goodwood, ficou totalmente inconsciente nesse momento e no mês seguinte. Mas quando as brigadas lá chegaram, o seu corpo estava a mover-se para tentar sair Em 1954, em Buenos Aires, vi Forrest Green voltar-se e ficar na mesma posição quando o carro começou a arder. Depois ele pegou fogo e então saiu e correu pela pista, a arder, acabando por cair e morrer Porque não saiu mais cedo? Estou convencido que nem pensou nisso» diz Gregory que acrescenta:

«As pessoas estão fascinadas pelos desastres e isso não é importante. Se se vai tão depressa que se perde o domínio do carro ocasionalmente. isso não importa desde que o ir depressa é que importa. Afinal de contas isso é o nome do jogo Pouca gente compreende que a ideia é ir tão depressa quanto o automóvel vai. Uma pessoa sente-se deprimida se o motor do carro pode dar 9000 rotações por minuto e não se consegue mais do que 8600

«O desastre é inerente á corrida, está sempre prestes a acontecer Tive cinco acidentes daqueles que destroem completamente um carro e eu sempre escapei Um escritor inglês disse que eu era um tipo com sorte, e julgo que sim porque estou vivo. Mas entendo que nem tudo foi pura sorte Safei-me sempre porque também estava a pensar. E pensar, para um corredor, é fundamental Tem que ser um acto quase instintivo.

Gregory guiou um Cadillac alugado para ir almoçar com o dono do seu carro da corrida de Indianápolis Conduzia com a mão esquerda na coxa, segurando o volante com o polegar e o indicador, apenas

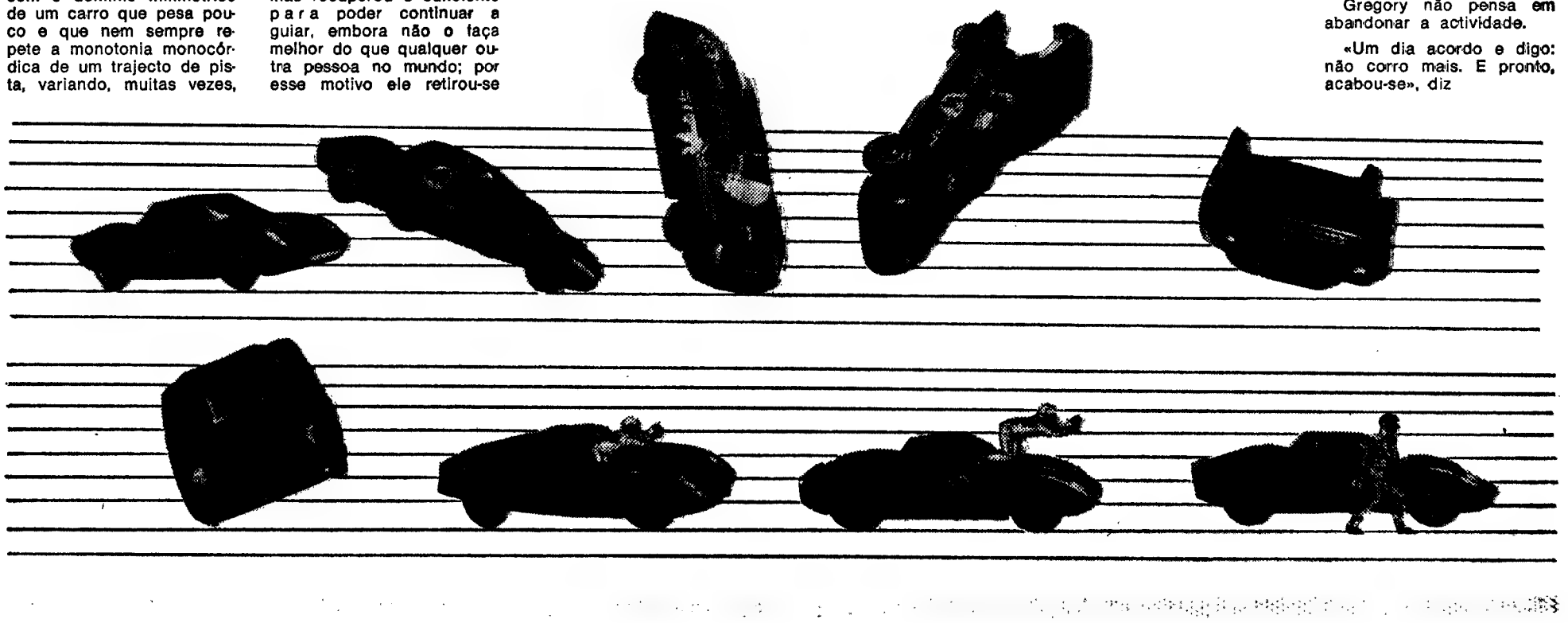
Muitos profissionais guiam os seus carros particulares distraídamente, segurando o volante descuidadamente, porque sabem que a 60 quilómetros horários, numa rua, nada acontece.

Gregory não tem automóvel Quando precisa de um, ele aluga-o

«Já tive muito dinheiro e muito pouco. Nos intervalos sei que o dinheiro não vale grande coisa. Costumo gastá-lo como se fosse eu próprio que o fizesse. Não vejo vantagens em ter um carro, porque não ando muito de carro. Mas gosto, por exemplo, de esquiar durante seis semanas E isso custa-me mais do que um bom Fiat, acreditem Gosto de ficar nos melhores hóteis e comer nos melhores restaurantes. Comer é importante. Uma vez Behra bateu-me por pouco, num Gordini. Fiquei em segundo lugar, com um Ferrari. Toda a gente disse que não era mau um segundo lugar para um jovenzito como eu era naquela altura. Mas só eu sei que não ganhei aquela corrida por estar com fome Estava mesmo sem forças Mas isso foi no princípio da carreira. Desde aí interessei-me verdadeiramente por comida e deixei-me de comer só sandes e leite. Entrei numa dieta de 3500 calorias por dia

Gregory não pensa em abandonar a actividade.

«Um dia acordo e digo: não corro mais. E pronto, acabou-se», diz



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

PROMO

VERDADEIRA

alta fidelidade

para os verdadeiros apreciadores

Celestion Studio Series

Altifalantes de alta fidelidade

Ferrograph

Gravadores de alta fidelidade e profissionais

Garrard

Gira-discos de alta fidelidade

MICRO

Braços de alta fidelidade para gira-discos

PIONEER

Gravadores - Tuners e Amplificadores "Stereo", Altifalantes e Colunas de alta fidelidade

Selmer

Amplificadores e Altifalantes para Guitarras e Violas baixo e para conjuntos musicais

SHURE

Células para braços de gira-discos

RUALDO

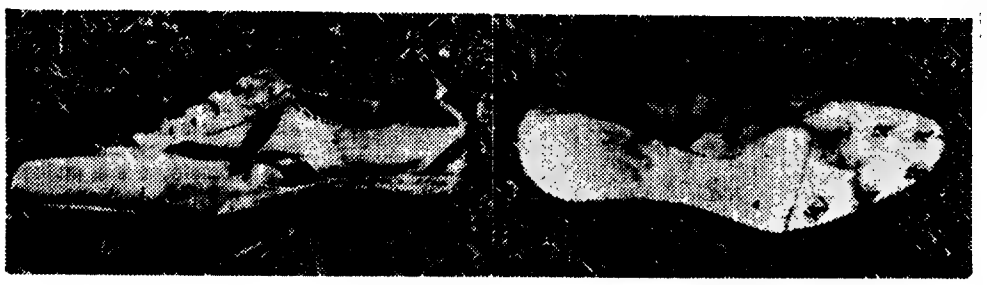
TUDO PARA ELECTRÓNICA, ACESSÓRIOS RÁDIO E TV

R. S. José, 9-11-13-15 LISBOA-2

Telefone PPC 3 37 25

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

BOB beamon um salto para o gume



Cidade do México, 18 de Outubro de 1968: o negro norte-americano Bob Beamon salta 8,90 m em comprimento, pulverizando o *record* mundial de Ralph Boston, seu colega de equipa. Talvez os Jogos Olímpicos cheguem à Lua antes de alguém bater a sua fabulosa marca.

Quando Boston lhe anunciou o resultado do salto, Beamon não queria acreditar. Depois começou a chover torrencialmente e o concurso foi suspenso por meia hora. «Tive sorte», disse Bob Beamon mais tarde. «Com a chuva que caiu não haveria *record* mundial».

Beamon acrescenta que este salto foi o último acontecimento feliz da sua vida. Já depois de regressar do México surgiram problemas com a mulher. Por outro lado, fez péssimos exames na Universidade texana de El Passo e foi excluído. Um músculo traumatizado impediu-o de brilhar em torneios nacionais: o público vaiou Bob Beamon.

Bob não voltou a casa sobre uma passadeira de veludo. Ainda hoje pode sair à rua sem que o reconheçam «Senti-me completamente liquidado», diz, «até falar com Pappy»

HOLLYWOOD

Pappy, aliás, Pappy Gault, é o treinador olímpico de pugilismo que se tornou conselheiro de Bob Beamon. Acaba de fazer um milagre: recuperar o saltador para o atletismo de competição, inscrevendo-o nos Jogos Internacionais da Liberdade Dr. Martin Luther King, de Villanova, onde ele, aliás, brilhou.

Os Jogos Luther King foram apenas a primeira de dezoito competições programadas para Bob Beamon: novamente em boa forma, o atleta quer esquecer as tristezas da época pós-México. Pretende também reingressar na Universidade, talvez em Washington, talvez em Nova York. Faltam-lhe três semestres para a licenciatura em Arte Dramática.

«Em *Olhai os Lírios do Campo* fiz o papel que Sidney Poitier fez no cinema», explica Beamon. «Deram-me um «A», a nota mais alta. Hollywood ainda não disse nada — mas tenho esperança...»

BASQUETEBOL

Uma alternativa para Beamon é o basquetebol profissional, embora não tenha voltado a praticar este desporto desde o liceu. De vez em quando faz umas cestas em treinos, mas não passa disso. A última temporada em grande, data de 1966, quando envergou as cores da sua escola texana.

Problema a resolver: para quase dois metros de altura o atleta pesa menos de oitenta quilos.

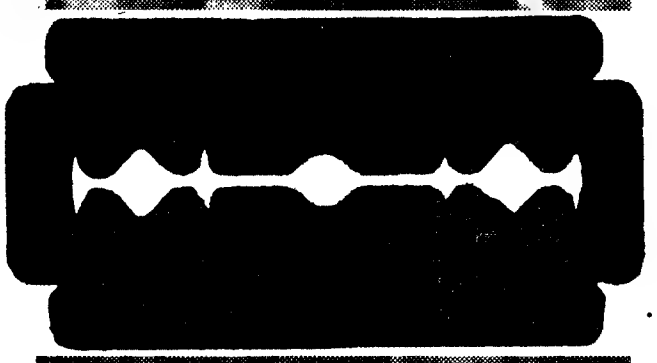
Com tais medidas não pode sequer pensar no *rugby* americano. Ele próprio confessa: «Vejo aqueles monstros de cento e vinte quilos e fico sem pinta de sangue!»

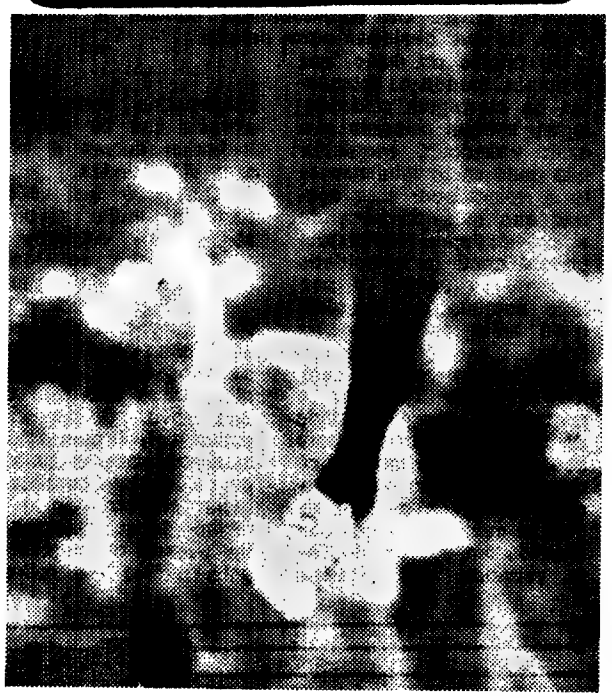
Beamon ainda tentou a sua *chance* nos Miami Dolphins, onde alinha o ex-campeão de velocidade Jim Hines. Este desiludiu-o ràpidamente: «Corres bem, mas não prestas para este jogo. O basquetebol é que é bom».

«ROLLS-ROYCE»

O sonho de Bob Beamon consistiu por momentos em dedicar-se ao atletismo profissional. «Pensei que as pessoas gostavam de rever Bob Hayes num dos seus maravilhosos *sprints*. E o célebre Wilt Chamberlain, do basquetebol, foi em tempos um excelente praticante do salto em altura. Porque não contratá-lo?» Simplesmente, a ideia nunca chegou a interessar ninguém. Adeus torneios pagos a dólares, adeus fortuna. O recordista mundial sonha com um «Rolls-Royce» como o dos Beatles: em vão.

Feitas as contas, o homem que saltou 8,90 m na Cidade do México estuda neste momento a tentadora oferta de uma cadeia de TV do seu país para apresentar, num pequeno *spot*, a derradeira maravilha em lâminas de barbear. Há fábulas cruéis na história fantástica do desporto.





ÚNICO NO NOSSO PAÍS

5000 televisores

GRUNDIG

PARA A GRANDE CAMPANHA DE TROCAS DE TELEVISORES

Comemorativa do 3.º Aniversário da
GRUNDIG ELECTRÓNICA PORTUGAL, LDA

Troque o seu televisor usado
(de qualquer marca e mesmo avariado)
por um modernissimo televisor GRUNDIG
mod. T 5OIE com ecran de 48 cm e UHF
e
pague apenas
3.750$00
ou então
pelo mod. RECORD MONOMAT
com ecran de 59 cm e UHF
e
pague apenas
4.250$00

Não perca esta oportunidade excepcional !

DIRIJA-SE A UM AGENTE GRUNDIG

Se desejar mais informações, cole
este cupão num postal e remeta-o a:

Norte:
Soc. de Rep. Santos, Guimarães & Oliveira, S.A.R.L.
Apartado 154 Telef. PPC 27451 Porto

Sul:
Nacional Rádio, S.A.R.L.
Apartado 1096 Telef. PPC 765111 Lisboa 1

GRUNDIG

Grande Campanha de Trocas de Televisores

Queiram remeter-me informações detalhadas para a troca de televisores e juntamente folhetos dos v/modelos T 501 E, com ecran de 48 cm e UHF, e Record Monomat com ecran de 59 cm e UHF.

A FINAL DA TAÇA

A equipa do ano vem amanhã a Lisboa e é capaz de repetir o seu maior êxito futebolístico de sempre, quando derrotou o mesmo adversário por 4-3 e levou para Coimbra a primeira «Taça de Portugal».

Foi no Campo das Salésias, a 25 de Junho de 1939. No dia seguinte Tavares da Silva comentava no «*Diário de Lisboa*»: «O grupo académico começou a jogar, semana a semana, habituando-se à luta de competição rude. Ao princípio, normalmente, perdia. Era tido num fraco conceito. Depois começou a fazer bons resultados, o conceito subiu, mas havia a ideia geral de que aquilo era só devido a entusiasmo. Vieram as vitórias. E agora é que não há mais nada para dizer. A Académica é um grupo não só entusiástico mas que sabe jogar à bola, igual aos melhores, que até se dá ao luxo de, umas vezes por outras, lhes ser superior».

Trinta anos depois a Académica pratica o mais completo futebol do País, resiste à sangria do começo da época (saíram Ernesto para o Sporting e Toni para o Benfica, Artur Jorge está desde então afastado das competições regulares), recupera um internacional em crise (Fernando Peres), «inventa» o melhor marcador do Nacional (Manuel António), perde um treinador (Mário Wilson) sem que isso moleste o seu fio de jogo, dá-se enfim ao luxo de derrotar duas vezes seguidas o Sporting e classificar-se automàticamente para a segunda mais importante competição europeia interclubes (Taça dos Vencedores das Taças), qualquer que seja o resultado de amanhã.

«Association»

FUTEBOL, dizem os ingleses, é «association», com tudo o que isso significa de espírito de equipa, alegria do jogo pelo jogo, limpeza de intenções, entreajuda, amizade, fraternidade dentro e fora das quatro linhas. E a Académica tem tudo isso. Nunca uma equipa portuguesa do seu estilo se bateu tão calmamente contra a força e a sobranceria dos clubes considerados «grandes».

O Benfica pode ganhar o jogo de amanhã. A maioria dos observadores dá-lhe mesmo antecipadamente a vitória, uma vez que o «team» da Luz, sem ter recuperado ainda o fulgor de outras épocas, parece agora mais coeso do que no fim do campeonato, com um Eusébio a marcar golos e dois irmãos — Zeca e Abel — apostados em refrescar a máquina campeã. Além do mais o Benfica joga em Lisboa, de onde pràticamente não saiu desde os quartos-a sua única deslocação.

Mas a Académica vem a Lisboa sem o medo de perder. Para os estudantes, chegar ao fim do jogo com um «score» negativo representa menos do que poderíamos julgar. Só por si a final já é uma festa, um acontecimento *Sui generis*. Simplesmente, a sua bonomia pode transformar-se em armadilha para os lisboetas e bisar a vitória de 1939. Noventa minutos no luxuoso relvado do «Jamor» dirão de sua justiça.

Tinha razão Tavares da Silva quando escreveu há trinta anos, na véspera do que então se chamava o «*match*» da final: «A Académica, integrada por estudantes seleccionados, não é pròpriamente um clube como os outros. Os fins da Associação Académica não são essencialmente desportivos, mas outros, quer próprios da solidariedade académica, quer culturais. Movendo-se num raio de acção mais restrito do que os clubes, em circunstâncias especiais, chega a ser admirável como a Académica se consegue impor no *foot-ball* português, e ir à final dum torneio tão importante como este por direito de conquista, revelando conhecimentos de técnica e de táctica de jogo».

Há 30 anos

FOI um jogo espectacular. Recordemos as equipas:

ACADÉMICA — Tibério Antunes; José Maria Antunes e César Machado; Portugal, Faustino e Octaviano; Manuel da Costa, Alberto Gomes, Arnaldo Carneiro, Conceição e Pimenta.

BENFICA — Martins; Correia e Gustavo; Gaspar Pinto, Albino e Francisco Ferreira; Barbosa, Rogério, Espírito Santo, Brito e Valadas.

Arbitrou o sr. António Palhinhas, de Setúbal, auxiliado por Carlos Canuto e Vital de Sousa.

«Antes de alinharem», dizia o relato do «*Diário de Lisboa*», «as equipas trocaram objectos de arte, e quatro raparigas desportistas do Belenenses ofereceram ramos de flores aos capitães. A ovação foi retumbante e simpática».

Logo aos 8 minutos o Benfica adiantava-se no marcador com um golo de Rogério, e só depois de muita perípécia, após excelentes defesas de Tibério e Martins e algumas perdidas clamorosas dos avançados, a Académica empatou. Iam decorridos 37 minutos: remate de Pimenta «deixa» de Martins e toque oportuno de Manuel da Costa para as redes.

A segunda parte começou pràticamente com dois golos: 2-1 para o seu ar de escândalo, para 4-2! Dois tentos de Arnaldo Carneiro, o avançado-centro do lenço atado na testa, e estupefacção entre os lisboetas.

Daí até final, com 37 minutos jogáveis, o Benfica tentou tudo por tudo. Ainda reduziu a desvantagem (4-3 aos 27 minutos, por Brito a aproveitar um passe da direita), mas a Académica não se perturbou. Aliás, segundo lemos na prosa dum redactor desportivo da época, esse ataque benfiquista foi «menos cerrado do que se poderia supor na agonia de um desafio de classe.»

Trinta anos depois os mesmos adversários vão discutir a posse do mesmo troféu por doze meses. Muita coisa pode acontecer neste sensacional fecho de época, inclusive a terrível surpresa de não haver surpresa nenhuma.

a Académica aos 40 segundos (Alberto Gomes), 2-2 menos de um minuto depois (Rogério). Não se conformaram os estudantes, que aos oito minutos tinham já passado o marcador, com

RAWES

Férias maravilhosas a baixo preço

Excursões com partidas de Lisboa ou Faro em 1969

1 LONDRES
7 dias
de Lisboa — desde 3 850$00
de Faro — desde 4 100$00

2 INGLATERRA E ESCÓCIA
7 dias
de Lisboa — desde 4 800$00
de Faro — desde 5 100$00

3 APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA
Cursos desde 14 dias
de Lisboa — desde 5 920$00
de Faro — desde 6 160$00

4 ITÁLIA CENTRAL
10 dias
de Lisboa — desde 7 200$00
de Faro — desde 7 320$00

5 ITÁLIA
17 dias
de Lisboa — desde 10 200$00
de Faro — desde 10 320$00

6 SUÍÇA
8 dias
de Lisboa — desde 7 900$00
de Faro — desde 8 050$00

7 TIROL E BAVIERA
8 dias
de Lisboa — desde 7 850$00
de Faro — desde 8 000$00

8 ALEMANHA ROMÂNTICA
8 dias
de Lisboa — desde 6 250$00
de Faro — desde 6 400$00

9 RÚSSIA E PAÍSES DE LESTE
24 dias
de Lisboa — desde 14 500$00
de Faro — desde 14 600$00

10 ESCANDINÁVIA
17 dias
de Lisboa — desde 12 600$00
de Faro — desde 12 700$00

11 OS BALCÃS E ISTAMBUL
21 dias
de Lisboa — desde 12 800$00
de Faro — desde 12 900$00

12 PROGRAMA JUVENTUDE INGLATERRA - 69
(Viagens Colectivas)
7 dias
de Lisboa — desde 4 950$00
de Faro — desde 5 200$00
Incluindo pensão completa, quartos com chuveiros e excursões diversas, etc.

13 CIDADES DA EUROPA
Por exemplo:
7 dias em Roma
de Lisboa — desde 5 120$00
de Faro — desde 5 260$00
ou:
7 dias em Paris
de Lisboa — desde 4 390$00
de Faro — desde 4 510$00

Escreva para:
JAMES RAWES & CO. LTD.
Rua Bernardino Costa, 47
Lisboa • Tel. 37 02 31
ou
Rua Conselheiro Bivar, 72
Faro • Algarve • Tel. 23195/6

É favor enviarem-me o(s) vosso(s) folheto(s) abaixo indicados
1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13
A preencher em maiúsculas
NOME.....
MORADA.....
.....TEL.....

CLOSE UP EM GEORGE PEPPARD

por Oliveira Pinto

No cinema-indústria há muitas maneiras de um actor doirar o caminho do êxito. Uma delas, por exemplo, é ser procurado, pretendido. Outra é ter percentagem no rendimento das películas. Outra ainda é ser apontado como imagem do «tipo» em voga. Neste caso, do «tipo» George Peppard, pois é dele que se fala agora: Peppard é o protagonista de «Pêndulo», película da «Columbia», que corre com êxito prosseguindo a série de filmes norte-americanos, centrados na figura do policia-investigador indígena, que nos chegam a ritmo constante. Hoje (e desde há anos) Peppard, é um dos mais aplaudidos jovens intérpretes do cinema de Hollywood. Não demorou, aliás, muito tempo até atingir a «estratosfera cinemática» que é como quem diz aquilo que vulgarmente é conhecido por *firmamento de Hollywood.*

A sua notável criação em «Home from the hill», George Peppard esteve contratado, em exclusivo, em 1966-67. Preferindo, sem dúvida, uma situação de independência, sem amarras estatuto de exclusivo foi firmando uma posição: co-protagonista em «Tóbruk», com Rock Hudson, «P. J.» com Raymond Burr (Perry Mason e Irosinde na TV); «Rough Nightat Jericho» com Dean Martin e Jeanne Simmons, «What's so bad about feeling good» com Mary Tyler Moore, e «House of Cards», com Inger Stevens e Orson Welles.

E outros filmes, muitos outros se seguiram. Conhecemo-lo, há quatro anos, em San Sebastian, no Festival de Cinema que ali se efectua, onde (com Elizabeth Ash'ley, então já sua companheira inseparável, numa «lua-de-mel» antecipada que os levaria ao casamento um ano depois), ele compareceu a propósito da apresentação ali do filme «Operation Croosbow» («Operação V-2») do qual era uma das principais figuras.

Nessa película, contracenou com Sofia Loren:

— É uma actriz excepcional e excelente companheira. Convenceu-me, não há dúvida.

— Como Carlo Ponti foi o produtor do filme...

Uma gargalhada franca foi a resposta:

— Não. Acredite que se ela não fosse a sr.ª Ponti, a minha opinião se manteria.

ENTRE A ENGENHARIA E O TEATRO O PALCO VENCEU

As biografias espalhadas por todo o lado apontam George Peppard como estranho, misterioso, por vezes, mesmo para aqueles que o conhecem de perto e nunca sabem o que esperar. As «fans» impressionam-se muito e sonham então, sabendo-o inclinado à melancolia agora, irreverente, com inesperado e extravagante sentido do humor mas sempre cordial, embora extremamente impulsivo, logo a seguir...

Peppard não desmente:

— *Gosto de viver mais ou menos assim. À minha maneira. De repente, pego nas armas e nos cartuchos e vou-me embora, à caça, até ao México, Utah ou Imperial Valley, na Califórnia. Passados uns dias, às vezes longos, regresso. Outras vezes, quando me apetece um prato especial (um bife especialíssimo...), meto-me no carro* (era então um deslumbrante Aston-Martin) *e faço uns 1600 quilómetros até Williams, no Arizona: Vou à Rod's Steak House, que tem o tal bife especialíssimo. Além do mais, gosto de viajar sòzinho. Dá-me tempo, oportunidade de pensar.*

(«Boneca de Luxo»).

— Ainda se recorda de «Breakfast at Tiffanys»?)

— *Viu o filme?*

— Sim e diverti-me bastante!

— *Também eu!*

Alto e loiro, antigo jogador de futebol (futebol «Onde Sam Style») mestre de esgrima, condutor de esgrima, condutor de táxis e estudante de engenharia, O «astro» nasceu em 1 de Outubro de 1928. Em Detroit. O pai, George Peppard Junior era construtor civil. A mãe, contralto que, brilhou em companhias de ópera antes do casamento, foi conhecida profissionalmente como Vernelle Rohrer. Depois, deixou o palco e passou a dirigir o Departamento Vocal do Conservatório de Música daquela cidade. Pertenceu, também, à Faculdade de Música da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. O pai morreu em 1951, a mãe em 1964.

Quando rapazinho, George Peppard estudou piano, mas cedo se desinteressou: foi quando descobriu as alegrias do futebol. Mas tarde jogou em representação da sua escola (a «Dearborn High School», no Michigan). Durante 18 meses serviu na Marinha e tornou-se sargento e um bom artilheiro.

Ao voltar à terra, matriculou-se na «Purdue University». A meta era o curso de Engenharia, mas houve um ligeiro desvio: descobriu o teatro, escreveu «Sketches» e pisou «as tábuas» na «Purdne Playshop»

Levantou-se, pois, o problema: engenheiro ou actor?

O Teatro venceu, e Peppard ingressou no Carnegie Institute of Technology, onde se manteve durante quatro anos. No final era bacharel em Belas-Artes. Entretanto, falecido o pai, estivera um ano afastado da escola:

— *Tive de me encarregar dos trabalhos da empresa. Preparei-me, obtive a licença necessária e levei a cabo 15 projectos, todos em construção, à morte de meu pai. Tive que fazer pela vida, enfim.*

A VANTAGEM DE SEGUIR O «Method»

Ainda no Instituto, trabalhou na rádio, como «dis-jockey», e numa estação de serviço. Como necessitava de dinheiro foi, também, mestre de esgrima, florete e sabre.

Estava ainda no Carnegie Institute, quando se lançou no Teatro Clássico rio, onde Lee Strasberg tem produzido muitos e brilhantes jovens actores, alunos do famoso «Method», e que sempre acaba por dar colocação assegurada

A propósito da sua passagem pelo «Actor's Studio» diz George Peppard:

— *Todos os bons actores são actores do «Method». Mas a Inversa já não é verdadeira.*

CINEMA EUROPEU:

UM RISCO ALICIANTE

Foi pagador do First National City Bank, conduziu táxis e trabalhou como mecânico numa oficina de motociclos para garantir a subsistência durante aquele período.

O seu primeiro filme, após longo e desesperado período sem trabalho, em Nova York, («Jocko de Paris») que lhe possibilitou três meses na Flórida. Começou então, a ter pequenos papéis em filmes da TV. A pouco e pouco, tais intervenções foram ganhando outra dimensão: na série «Hallmark Hall of Fame's» interveio em «Little Moon of Alban», com Julie Harris, que arrecadou a maior parte dos prémios de TV; «The Eye of Truth», «Suspicion», «The U. S Steel Hour», «Alfred Hitchcock Presents», três programas de «Matinée Theater», «Alcoa-Goodyear Playhouse» e «Studio One»

Entretanto, foi conhecendo, na Broadway, produtores que formavam novas caras, novos talentos. Apareceu assim em «Girls or Summer», deu um salto a Hollywood para aparecer em «Pork Chop Hill» com Gregory Peck e voltou à Broadway para interpretar «The pleasure of his company».

Prosseguiu, então, em «crescendo», no cinema: «Home from the hill», com Robert Mitchum; «The subterraneans», com Leslie Caron; «Breakfast at Tiffany's», com Audrey Hepburn; «How the West was won», «The Victors» («Os Vitoriosos»), «The Carpetbaggers» («Os Crossbow», The Third day» («O terceiro dia»), The blue Max» («Ambição de glória»), «Tobruk», «Pough night at Jericho», «Crisscross», «What's so bad about feeling good», «House of cards» e, agora, «Pêndulo».

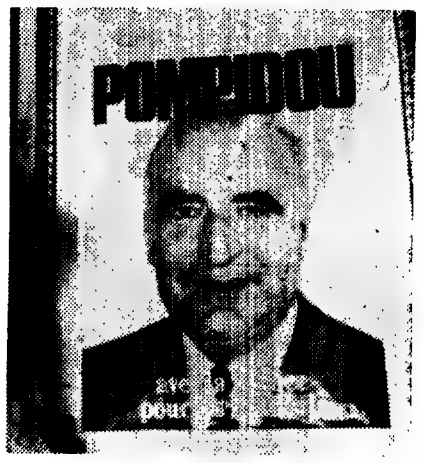
— Pôs, então, de parte, o teatro?

— Não. Ou melhor, espero que não, pois quero intercalar aparições no palco entre a actividade nos estúdios. Gosto imenso do teatro (foi por aí que comecei) e de forma alguma penso abandoná-lo em definitivo. É claro que o cinema quase me absorve, mas espero conseguir algumas pausas para voltar «às tábuas». Por outro lado, não posso esquecer que foi o cinema, com o seu enorme poder de penetração que me projectou para milhões de pessoas com as vantagens consequentes. Do outro lado, o teatro oferece outro tipo de satisfações. Compensa-nos doutra maneira...

— As suas actuações no cinema inserem-se, predominantemente, em filmes de certa espectaculosidade. E interpreta-os bem. Mas não gostaria de fazer outro género de cinema (inclusive na Europa). Menos espectacular?

— Sem dúvida. Mas sabe como é... A máquina não pára, a engrenagem é um sorvedouro. É difícil fugir-lhe. No entanto, sempre tenho alguns filmes que se afastam desse primado espectacular, como deve ter notado. E espero fazer mais.

George Peppard com a mulher (antes do divórcio) e Oliveira Pinto (de «A Mosca»)



em 5 PONTOS

Trinta vírgula noventa e quatro por cento de abstenções: quatro vírgula cinco por cento de votos nulos ou em branco: alguns franceses elegeram um novo presidente para a República fundada em 1793. Georges Pompidou, colocado na reserva da República em Junho de 68 é o novo chefe da França. Em Janeiro deste ano declarara que, se de Gaulle se retirasse, estava disposto a assumir as responsabilidades desse facto decorrentes. A partir de então entre general e o caos havia Pompidou.

Pompidou, Georges, ex-banqueiro, director-geral dos Bancos Rotschild após 1954, professor universitário em Marselha e Paris, licenciado pela Escola Normal Superior, a forja dos quadros intelectuais políticos da França do século XX.

Em plena guerra, o território francês era a Grande Alemanha de Adolf Hitler e o general de Gaulle organizava em França a sua resistência — aristocrática, populista, intelectualista. Pompidou respondeu ao «apelo» do chefe e aderiu a um «réseau» degaullista do interior. Em boa hora.

Pompidou, Georges, um letrado, organizador de uma das mais conhecidas antologias da poesia francesa, latinista e humanista de repercussão internacional.

Nos princípios deste ano, reuniu-se em Aix-en-Provence um congresso de cultores e divulgadores do latim. O futuro chefe do Estado apresentou um comunicado sobre a oportunidade da difusão da língua latina na França, na Europa e no Ocidente. «Magister dixit».

Pompidou, Georges, o delfim. Um «homme de raison» e um «homme de plaisir» como todos os sucessores que atingem a maturidade á espera da sucessão.

Pompidou, Georges, o ex-primeiro-ministro. «Chargé de mission» no gabinete do primeiro consulado de general de Gaulle (1944-1946), «maitre des requêtes» do Conselho de Estado em 1946, de novo director de gabinete do general após o regresso ao Poder em 1958-59, membro do Conselho de Estado desde Fevereiro de 1959, foi chamado a substituir Michel Debré na chefia do Governo em 1962.

Um «fait-divers»: Sirius, no «Monde» e Daniel Guérin numa carta enviada ao «Nouvel Observateur», recordaram o papel desempenhado por Georges Pompidou, então primeiro-ministro no «affaire Ben-Barka». Em 18 de Janeiro de 66 o general-presidente retirou ao chefe do Governo, o «contrôle» da contra-espionagem; o papel S. D. E. C. E. no caso fora prenhe de equívocos...

Pompidou, Georges, o chefe. «Eu não serei evidentemente o general de Gaulle...» declarou o novo presidente. O seu «slogan» — «Continuidade na Abertura» — é um apelo á defesa do essencial recusando o acessório e acima de tudo o incómodo.

Mas a capa do «Nouvel Observateur» interroga: «Os franceses, que recusaram três anos a de Gaulle, vão conceder sete anos a Pompidou?»

AMADEU LOPES SABINO

«À la recherche du temps perdu»

O ÚLTIMO documento que apresentámos do processo recentemente descoberto de Vasco da Gama, foi o que julgamos ser um despacho do Ministro das Descobertas da época ou, pelo menos, do chefe da 27.ª Secção da 9.ª Repartição do 5.º Departamento da 7.ª Direcção-Geral desse Ministério. (Estes documentos foram encontrados no sótão duma senhora viúva muito respeitada em Santarém, cidade de que é natural e onde reside desde que nasceu — vide «A MOSCA» n.º 10, de 14 de Junho de 1969). Infelizmente temos, hoje, de abrir como que um parêntese na nossa exposição: os documentos que hoje damos a conhecer ao público não se referem à descoberta, propriamente dita, do caminho marítimo para a India, embora com ela estejam relacionados senão directamente, pelo menos indirectamente, já que contribuiram para que Vasco da Gama tivesse, à viva força, procurado fugir do seu torrão natal por todo os meios ao seu alcance. O facto destes documentos se encontrarem integrados no processo da descoberta pròpriamente dita, revela até que ponto os eventos a que se referem influenciaram Vasco da Gama e lançam uma luz cuja importância não podemos minimizar sobre a vida da época, sobre as dificuldades com que lutavam os portugueses quinhentistas na sua luta pelo dia-a-dia e sobre o grau de perfeição já então atingido pelos serviços públicos.

O primeiro documento é uma exposição assinada pelo próprio punho de Vasco da Gama: *Ex.mo Snr. Chefe da 27.ª Secção da 9.ª Repartição do 5.º Departamento da 7.ª Direcção-Geral do Ministério das Descobertas — Excelência: O facto do requerente figurar nos despachos desse Ministério primeiro como Carlos da Gama, e, depois, como Pedro Alvares da Gama, deu origem a que o mesmo requerente começasse a duvidar da sua própria identidade até por V. Ex.ª afirmar que «não estava habituado a cometer erros» e levou-o a pedir uma certidão de nascimento a D. Libório Fulnhas, notário com cartório na Travessa dos Lavagantes da real vila de Sines. Por essa certidão verifica o requerente que o erro de se julgar Vasco da Gama deve ser imputado a seus pais que, certamente por engano, o baptisaram com esse nome e que ele, requerente, não deve ser culpado de o ter cometido. Foram, na realidade, os pais e não ele que lhe puseram o nome de Vasco da Gama e não seu legítimo nome que é, como V. Ex.ª muito bem diz, o de Carlos Pedro Alvares da Gama Pede, todavia, o requerente, que este erro seja perdoado a seus pais, pessoas muito estimadas na vila, muito bem vistas pelo prior e, sobretudo, muito devotas de N.ª Sr.ª da Conceição e muito respeitadoras de todas as autoridades, sejam elas dos organismos nacionais, das autarquias locais ou das outras instituições que mereçam respeito, como as militares, as eclesiásticas e as de caridade. No referido despacho diz ainda V Ex.ª que o requerente é cozinheiro de bordo, o que muito o alegra por não ter tido, até agora, conhecimento desse facto. Para melhor cumprir a vontade de V. Ex.ª porém, o requerente inscreveu-se num curso intensivo de cozinha de bordo, à Travessa das Marafonas, onde já aprendeu a salgar carne em barris de vários tamanhos e a confeccionar «Barrigas de Freira», doce muito estimado que dizem ser bom para as dores interiores do baixo ventre. A fim de legalizar a sua situação como cozinheiro de bordo, requereu, ainda, o requerente, inscrição no respectivo organismo sindical e tem certa esperança de vir a ser aceite, assim que entregar os documentos que lhe foram exigidos para esse efeito e que são: a) Dois exemplares do modelo B, n.º 742, que se vende ali ao Rato, na loja do Fernandes-Lourenço, b) Uma certidão comprovativa de que não é portador de sezões, doenças pecaminosas ou outras igualmente infecciosas c) Sete certidões comprovativas de fidelidade ao Reyno e a Suas Magestades d) Quamodelos n.º 9, da alínea 6 do § 3 do Real Decreto de 1 de Abril de 1149 e) Uma certidão comprovativa de que a sua viúva não voltou a casar depois da sua morte e uma certidão comprovativa de que não deve nada à Fazenda Nacional. O último documento é fácil de obter porque o requerente não tem bens — gastou os que tinha em selos da dita Fazenda Nacional para matricular um sobrinho no Real Lyceu de Santarém onde mora uma sua cunhada viúva — mas o penúltimo é difícil — mas não impossível — de obter, por o requerente se encontrar presentemente vivo e de saúde e de não ser casado. A fim de satisfazer a vontade das Autoridades, porém, o requerente iá pediu em casamento uma moça virtuosa com experiência de partos e espera obter através dela o número suficiente de filhos para justificar o pedido de subsídio que V. Ex.ª diz que ele tez e ainda o benefício de inspirar nessa moça um amor grande e sólido para ela não voltar a casar depois da sua morte e assim poder passar o documento que ora lhe pedem Julgando com este seu procedimento ter provado a sua boa vontade e o seu grande amor às instituições passadas, vigentes e futuras, o requerente volta a pedir a V. Ex.ª que lhe seia concedida autorização para descobrir o caminho marítimo para a India Lisboa, 2 de Maio de 1482. Carlos Pedro Alvares da Gama».*

O DOCUMENTO que se segue cronològicamente, a este, revela que as autoridades viram com bons olhos a atitude de Vasco da Gama (não se lhe dá seu nome novo para que os editores de «A MOSCA» não percam o fio à meada) Trata-se dum despacho assinado por D. Timóteo Potes de Barro, autoridade da época em matéria de caminhos marítimos e chefe da Secção Reguladora do Tráfego Marítimo para a Outra Banda (S R T M. O. B.): *Notifique-se o snr Diogo Cão da Gama de que S. Magestade viu a sua pretensão com agrado e que entregou a mesma à 2.ª Secção da Comissão Reguladora do Tráfego de Descobridores na Foz do Tejo (C R.T.D.F.T. — Secção de saida de Caravelas e outras Naves movidas pela graça do Senhor e pelo Vento da Costa) A fim de apressar a solução do assunto deverá o requerente apresentar-se nessa secção no dia 14 de Setembro do próximo ano, pelo bater das Trindades, fazendo-se acompanhar de documento comprovativo de que depositou nos cofres da Fazenda Nacional ou de que dispõe de quem o faça por si, quantia suficiente para garantir que poderá regressar da viagem que se propõe efectuar pelos seus próprios meios, sem onerar a Fazenda Nacional. Deverá ainda trazer consigo documento passado pelo Governador Militar da sua região, comprovando que foi recruta. D. Timóteo Potes de Barro. Lisboa, 22 de Junho de 1483».*

As coisas, como se vê, estavam bem encaminhadas nos meados de 1483.

...o h... das...

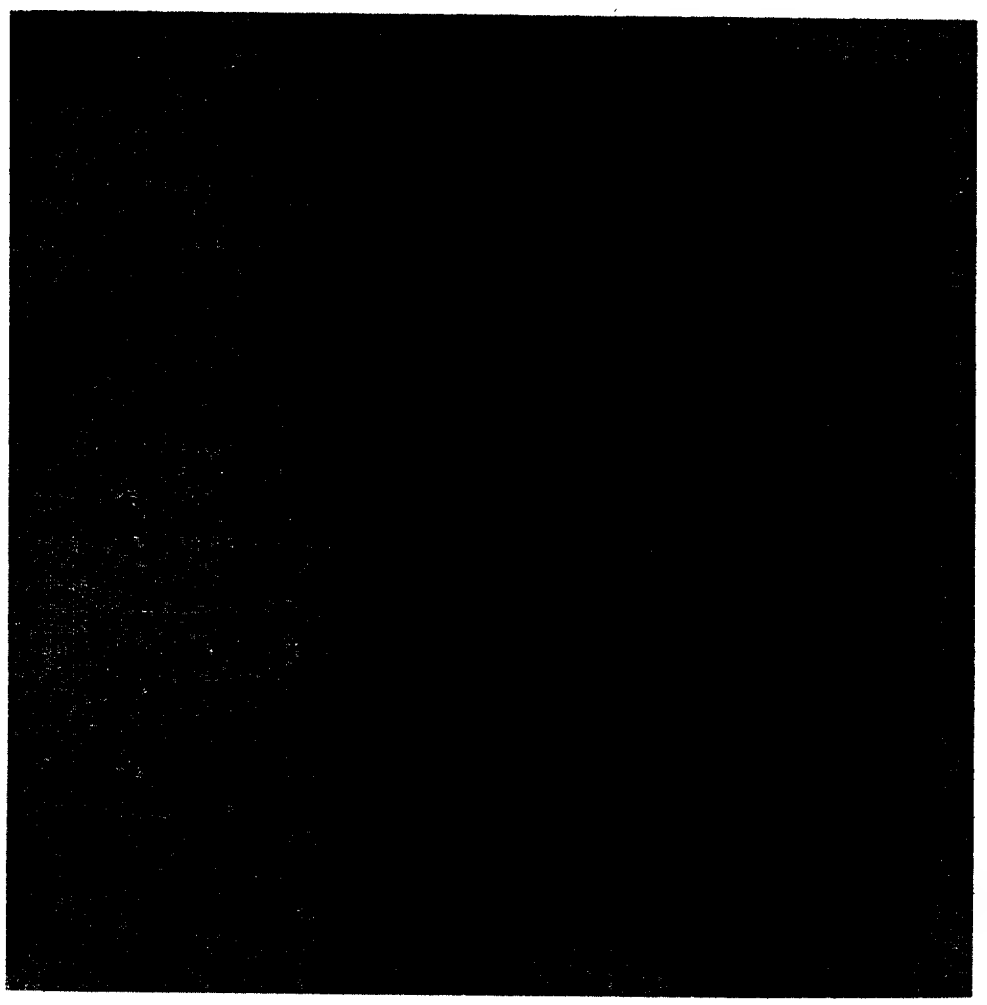
AQUELA casa foi sempre deste homem. Aquela casa, ali na Rua da Verónica, 54. Um rés-do-chão: uma porta, duas janelas. Ali nasceu, ali vive, ali talvez venha a morrer. Arnaldo Ferreira, 45 anos, pintor da noite de Lisboa. Cavalete armado na sala de jantar, a escasso metro da mesa, os cotovelos a tocar nos vidros do aparador. E a lâmpada, silenciosa no tecto, a espiar a luta de um homem contra a solidão. Porque Arnaldo Ferreira é um homem só, de rosto tenso, de mãos vivas: não se dá com as pessoas e sim com os volumes de uma cidade antiga que vai desaparecendo. Tão abandonado que a visita do jornalista o perturba: ùnicamente no fim da entrevista é que foi capaz de se sentar. Sempre de um lado para o outro, como que acossado por aquela pequena casa. Onde, afinal, nasceu. Onde, afinal, vive. Onde, afinal, talvez venha a morrer.

— Eu pinto a noite porque a noite é mais fácil de observar do que o dia. Aliás, eu não gosto de captar a luz solar. Tenho certa predilecção pelas calçadas húmidas, pelas pedras sombrias, pelo esbatido das vielas. A noite não me incomoda: saio, passeio, observo. Não sou observado — e domino as cores das horas do sono. Um nevoeiro que vem do rio, um anúncio que acende e apaga. Também uma janela que morre, sùbitamente, que esteve e não está. São mudanças que não observo durante o dia. Pintor da noite — assim me designaram. Certamente: sou o pintor da *minha* noite, da minha noite de Lisboa. Pinto o que devo pintar. O que sinto. O que me atrai nos bairros antigos, escondidos. O segredo dos volumes adormecidos. Já me atiraram com o dia à cara, já. «Por que não pintas a cidade banhada de sol?» — perguntam-me este e mais aquele. Eu não dou resposta: só a noite tem cor para mim. Tem as minhas cores. Ela e eu — unidos para sempre.

● As pessoas não são o que são

— Por que não pinta pessoas?

— Não pinto pessoas porque as pessoas não são o que são. São figuras... Figuras que passam: delas só fica o que tenham feito de bom ou de mau. Pelo contrário, uma casa, um muro, uma varanda permanecem sem nada terem feito. Estão ali, à esquina, durante anos e anos. Isso é que me cativa. O resto é confusão, pernas que se cruzam, braços que se tocam. Não odeio as pessoas, não. A ausência de pessoas nos meus quadros deve-se pura e simplesmente a uma atitude estética. Estão a mais nos espaços que eu amo: elimino-as sem rancor. Quero a cidade nua, nos céus da noite, sem insectos, sem palavras. Como se eu a descobrisse de todas as vezes que saio. Que ninguém me perturbe, ninguém. Eu é que sou o homem que vê pela primeira vez. O homem que se extasia antes dos outros.



— Impossível o êxtase em comunhão com outra pessoa?

— No meu caso, sim. Tenho um temperamento muito especial. Vivo comigo. Disperso-me comigo. Talvez não tenha só um rosto: talvez tenha duas maneiras de ser. Esta, que o recebe; outra, que o escorraçaria. Ora, um homem assim não pode comungar com outra pessoa. Fica só: o artista é sempre um homem só. Só em tudo. Absolutamente só diante do espelho para fazer a barba...

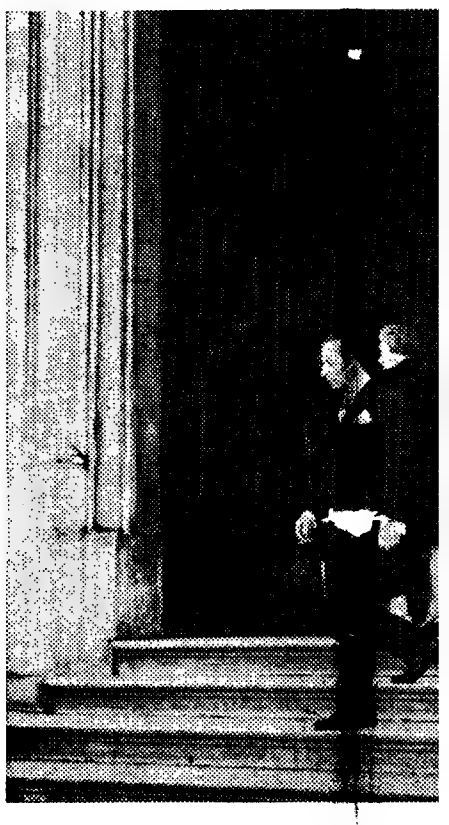
— Diante do espelho, disse. Nunca fez o seu auto-retrato?

— Ah, nunca! Sou incapaz de me retratar. Se a minha cara, diante do espelho, se transformasse numa janela típica, num beco, numas escadinhas, então, sim, então talvez fizesse o meu retrato. Mas o meu rosto é o meu rosto, rosto de pessoa, e as pessoas, já lhe disse, não me interessam. Impossível, portanto, auto-retratar-me.

● Um homem só

— Que penso do abstracionismo? Toneladas de tinta gastas sem qualquer proveito. Aí, porém, não meto a colher. Querem ser abstractos? Pois que o sejam. Mas, por favor, permitam que eu o não seja! Gosto de pintar aquilo que vejo. Deturpar, confundir, não. Ultrapassado? Mas se eu pinto principalmente para mim! É como quem faz palavras cruzadas: há outros passatempos mais modernos...

— Tem clientes, não tem?



«Aprecio o silêncio dos te

O silêncio em que, muitas vezes,

o h
das

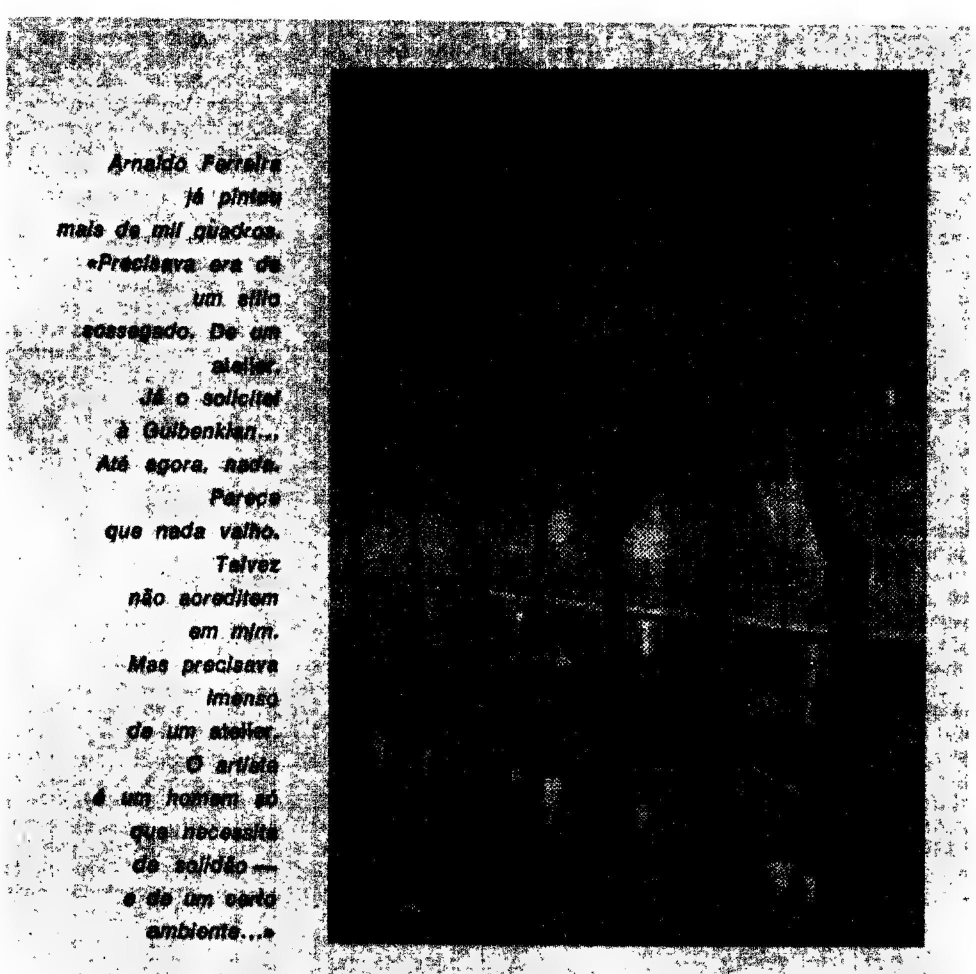
AQUELA casa foi sempre deste homem. Aquela casa, ali na Rua da Verónica, 54. Um rés-do-chão: uma porta, duas janelas. Ali nasceu, ali vive, ali talvez venha a morrer. Arnaldo Ferreira, 45 anos, pintor da noite de Lisboa. Cavalete armado na sala de jantar, a escasso metro da mesa, os cotovelos a tocar nos vidros do aparador. E a lâmpada, silenciosa no tecto, a espiar a luta de um homem contra a solidão. Porque Arnaldo Ferreira é um homem só, de rosto tenso de mãos vivas: não se dá com as pessoas e sim com os volumes de uma cidade antiga que vai desaparecendo. Tão abandonado que a visita do jornalista o perturba: ùnicamente no fim da entrevista é que foi capaz de se sentar. Sempre de um lado para o outro, como que acossado por aquela pequena casa. Onde, afinal, nasceu. Onde, afinal, vive. Onde, afinal, talvez venha a morrer.

— Eu pinto a noite porque a noite é mais fácil de observar do que o dia. Aliás, eu não gosto de captar a luz solar. Tenho certa predilecção pelas calçadas húmidas, pelas pedras sombrias, pelo esbatido das vielas. A noite não me incomoda: saio, passeio, observo. Não sou observado — e domino as cores das horas do sono. Um nevoeiro que vem do rio, um anúncio que acende e apaga. Também uma janela que m o r r e, sùbitamente, que esteve e não está. São mudanças que não observo durante o dia. Pintor da noite — assim me designaram. Certamente sou o pintor da *minha* noite da minha noite de Lisboa. Pinto o que devo pintar. O que sinto. O que me atrai nos bairros antigos escondidos. O segredo dos volumes adormecidos. Já me atiraram com o dia à cara: «Por que não pintas a cidade banhada de sol?» — perguntam-me este e mais aquele. Eu não dou resposta. Só a noite tem cor para mim. Tem as minhas cores. Ela e eu — unidos para sempre.

● As pessoas não são o que são

— Por que não p i n t a pessoas?

— Não p i n t o pessoas porque as pessoas não são o que são. São figuras... Figuras que passam delas só fica o que tenham feito de bom ou de mau. Pelo contrário, uma casa, um muro, uma varanda permanecem sem nada terem feito. Estão ali, à esquina durante anos e anos. Isso é que me cativa. O resto é confusão, pernas que se cruzam, braços que se tocam. Não odeio as pessoas não. A ausência de pessoas nos meus quadros deve-se pura e simplesmente a uma atitude estética. Estão a mais nos espaços que eu amo, elimino-as sem rancor. Quero a cidade nua nos céus da noite, sem insectos, sem palavras. Como se eu a descobrisse de todas as vezes que saio. Que ninguém me perturbe, ninguém. Eu é que sou o homem que vê pela primeira vez. O homem que se extasia antes dos outros.



Arnaldo Ferreira já pintou mais de mil quadros. «Precisava era de um sítio sossegado. De um atelier. Já o solicitei à Gulbenkian... Até agora, nada. Parece que nada valho. Talvez não acreditem em mim. Mas precisava imenso de um atelier. O artista é um homem só que necessita de solidão — e de um certo ambiente...»

— Impossível o êxtase em comunhão com outra pessoa?

— No meu caso, sim. Tenho um temperamento muito especial. Vivo comigo. Disperso-me comigo. Talvez não tenha só um rosto: talvez tenha duas maneiras de ser. Esta, que o recebe; outra, que o escorraçaria. Ora, um homem assim não pode comungar com outra pessoa. Fica só: o artista é sempre um homem só. Só em tudo. Absolutamente só diante do espelho para fazer a barba...

— D i a n t e do espelho, disse. Nunca fez o seu auto-retrato?

— Ah, nunca! Sou incapaz de me retratar. Se a minha cara, diante do espelho, se transformasse numa janela típica, num beco, numas escadinhas, então, sim. Então talvez fizesse o meu retrato. Mas o meu rosto é o meu rosto, rosto de pessoa. E as pessoas, já lhe disse, não me interessam. Impossível, portanto, o auto-retrato, que...

● Um homem só

— Que penso do abstraccionismo? Toneladas de tinta gastas sem qualquer proveito. Aí, porém, não meto a colher. Querem ser abstractos? Pois que o sejam. Mas por favor permitam que eu o não seja! Gosto de pintar aquilo que vejo. Deturpar, confundir, não. Ultrapassado? Mas se eu pinto principalmente para mim! É como quem faz palavras cruzadas: há outros passatempos mais modernos...

— T e m clientes, não tem?

— Te...
Baptist...
p r a d...
Paulo ...
tras pe...

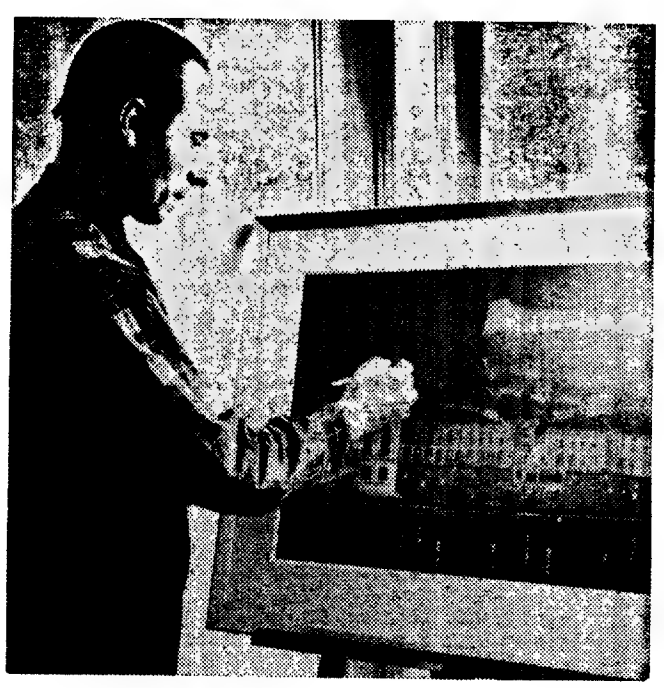
Evident...
eressa...
viver. ...
disse, ...
só para...
e trago...
da cid...
anos c...
o que ...
nos pi...
pintar. ...
isso só...

«Aprecio o silêncio dos t...
O silêncio em que, muitas vezes,

homem
s sombras

texto de pedro alvim

«A noite, as luzes no rio, as escadinhas que vão dar ao rio...»



«Pinto sobretudo para mim... Elimino as pessoas dos espaços que amo. Gosto dos volumes que permanecem. Da cidade que continua. Que está. Isso é que me cativa e me leva às tintas...»

— Tenho. O Fulgêncio Baptista já me tem comprado quadros. O prof. Paulo Cunha também. E outras pessoas importantes...

Evidentemente que me interessa vender. Tenho de viver. Porém, e como já disse, pinto muitas vezes só para mim. Saio, vagueio, e trago para casa recantos da cidade que há tantos anos conheço. Sonho com o que vi, pego nas tintas, nos pincéis — eis-me a pintar. Saia o que saia, isso só a mim diz respeito. Acompanhar as correntes estéticas de uma época é a negação do artista. O artista é um homem só.

● Um dia, no rio...

— E o rio: o rio chama-o?

— O rio é um maravilhoso pano de fundo para a minha pintura. O rio atrai-me. Porque, embora corra, é sempre o mesmo rio. É como as casas, como as ruas, as vielas. Está ali, está sempre ali, permanece. Não é como as pessoas que estão e não estão...

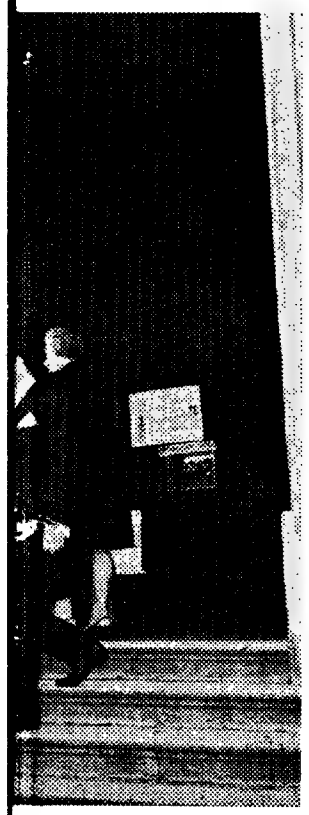
— E se as pessoas fossem estátuas...?

— Se as pessoas fossem estátuas eu pintava-as.

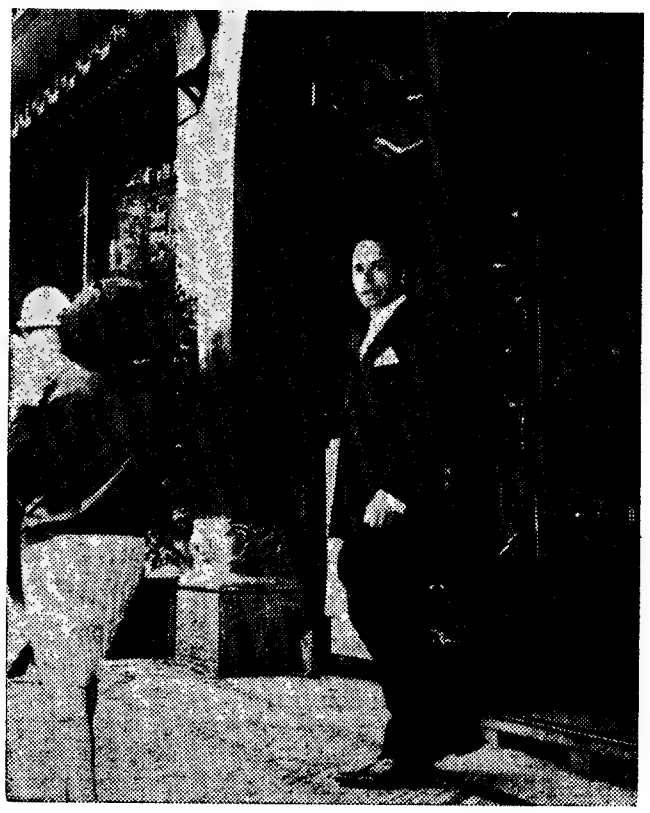
— As estátuas são frias. Nunca se apaixonou?

— Só lhe posso dizer que me sinto feliz entre certas pessoas. Quantas vezes não se ama uma pessoa a quem nunca se dirigiu uma palavra? Num café, no átrio de um cinema, de um teatro. Assim como as tintas, o amor pode ser distribuído por muitas coisas e muitas pessoas. É um outro género de pintura, hábil e difícil, de cores mais quentes. Um nome feminino? Isso não interessa... Não me casei, não porque um artista leva sempre uma vida incerta. E basta de romance. Está bem?

Arnaldo Ferreira levantou-se Levantou-se com um jogo vivíssimo de mãos. Havia muitos dias que não saía de casa. Dentro de uma, duas horas, abandonaria a Rua da Verónica vestido como um «gentleman». Como a cidade o conhece: elegante, saído do presente para o passado, de rosto tenso, direito, alheio às pessoas, atraído pelo rio. Um dia...



o dos templos.
s vezes, me disperso...»



«Gosto de vestir bem. De me apresentar a rigor. O Verão não conta para mim...»

A VAREJEIRA

OS povos crescem, desenvolvem-se, evoluem e à medida que as grandes massas vão tendo acesso a níveis económicos e culturais cada vez mais elevados, os povos vão atingindo uma maturidade de espírito que os leva a reverem-se em matéria de hábitos, de concepções de vida e de linguagem: o que era privilégio de uns poucos passa a património da colectividade e esta não se limita a ver o seu património aumentado quantitativamente — transforma-se qualitativamente. Uma colectividade que se tornou segura, rica, activa e progressiva, por outras palavras, não é uma colectividade pobre que adquiriu bens — é uma colectividade diferente do que era ou teria sido sem esses bens. Diferente, repetimos, diferente em tudo e os indivíduos que dela fazem parte têm comportamentos, hábitos e objectivos diferentes dos que teriam tido sem a segurança social que lhes provém da riqueza adquirida pela colectividade

A língua, como não podia deixar de ser, é profundamente afectada pelo enriquecimento do colectivo e pelo dinamismo que esse enriquecimento imprime à colectividade: um povo que vive das hortas tem de recriar a sua língua ao trocar as hortas pela fábrica e tem de ir recriando à medida que vai tendo necessidade de enfrentar conceitos abstractos e de lidar com técnicas cada vez mais complexas. O cocheiro do sr. visconde tem de começar por aumentar o seu vocabulário para ser motorista do sr. engenheiro e tem de aumentá-lo ainda mais para ter carro próprio — o trato do cavalo, da mula e do gerico, mesmo quando emparelhados, requer um vocabulário muito reduzido, tão reduzido como o somatório dos conhecimentos necessários para que o homem subsista a nível de estrebaria. É para além deste nível, porém, que a vida começa e embora estejamos mais do que atrasados em matéria de educação, de conhecimentos técnicos e de consciencialização para enfrentarmos o presente — do futuro nem falamos — a verdade é que nós portugueses já nos distinguimos dos pais e dos avós que tivemos Lisboa não é o que era há dez, há vinte, há trinta ou há cinquenta anos e tudo leva a crer que o resto do País venha a acompanhar, mais tarde ou mais cedo, esta evolução. Foi-se, como tipo, o rufia do Cais do Sodré, que tinha uma língua própria e uma pronúncia também própria repleta de casticismos de taberna e de estrebaria — foi-se com a mula e a carroça. A navalha deixou de ser um instrumento destinado a salvar honras em questiúnculas de carvoaria — quase desapareceu da vida da cidade, como desapareceram os fidalgos tauromáquicos, as leiteiras que vendiam o leite melhorado em bilhas de folha-de-flandres e os vendedores de figos — Quem quer figos, quem quer merendar... É que na sua grande maioria, os fidalgotes têm de trabalhar, a população aprendeu a beber leite à hora da «merenda» as fábricas e os escritórios estão abertos. Com os fidalgotes, as leiteiras de pé descalço e os vendedores de figos desapareceram outros tipos humanos, outras profissões e outros hábitos ainda vinculados a um panorama sócio-económico que já não nos interessa. O próprio fado, o fadinho choroso e mal cheiroso dos moços de estrebaria, dos arruaceiros e dos fidalgotes que frequentavam o Bairro Alto e a Mouraria, que representa na vida do português de hoje? Sejamos sinceros: não representa nada, absolutamente nada — quase já não faz parte dos resíduos que nos ficaram do nosso passado agro-pecuário

A própria língua mudou — foi-se o calão afadistado do tempo em que ao domingo se fazia não sabemos ao certo o quê em casa da Mariquinhas e a pronúncia ou o sotaque acastiçado e populista do Xico do cachené já só não dá vontade de rir aos muito muito velhinhos e aos que a vida deixou para trás.

Perdeu-se alguma coisa? Nada, ao pé do muito que temos a ganhar. O que é lamentável, porém, é que ainda haja quem não entenda a natureza da luta em que andamos empenhados.

O que é lamentável é que ainda haja quem julgue que o povo continua a falar à maneira dos antigos carroceiros que frequentavam as tabernas do Cais do Sodré, do Bairro Alto e da Rua dos Correeiros.

O que é lamentável é que ainda haja quem fomente o culto imbecil dos símbolos do subdesenvolvimento nacional.

A VAREJEIRA ouviu no domingo um programa radiofónico pretensamente popular, mas na verdade, pipular em que os locutores falavam com o sotaque que os nossos avós atribuíam às camadas não privilegiadas de Lisboa.

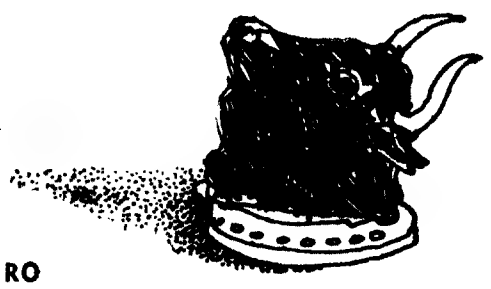
Não saberão esses locutores por que é que os nossos avós se riam?

Não saberão esses locutores tão pipulares que ao tentarem conservar os mitos do nosso passado agro-pecuário estão a atentar contra o próprio povo que pretendem captar?

Não saberão esses locutores que a sua linguagem até já foi posta de parte pelas revistas do Parque Mayer, muito mais conscientes e realistas do que eles?

Não compreenderão esses locutores, que já começam a dar vontade de rir?

A VAREJEIRA não pretende atacar ninguém mas não pode ficar indiferente perante factos como este e por isso apela para todos os portugueses de boa vontade que tenham frequentado pelo menos a Instrução Primária e pede-lhes que desliguem os seus receptores sempre que oiçam alguém atribuir ao povo sentimentos, expressões, ou formas de linguagem, que o reduzam à espécie equídea ou que o transformem em algo de ridículo e de já há muito ultrapassado.



desenho de FERREIRO

CAMILO JOSÉ CELA
baile na praça

A corrida de touros acabou. Ainda não saíram as autoridades da varanda da Câmara e os rapazes mais novos, os que andam desemparelhados, ainda não acabaram de empapar em sangue a sola de corda das alpergatas. As alpergatas molhadas em sangue de touro duram uma eternidade; segundo se diz, quando ao sangue de touro se misturam umas gotas de sangue de toureiro as alpergatas ficam duras como o ferro e nunca mais se rompem.

Homens já maduros, casados e carregados de filhos, continuam a usar o par de alpergatas que encharcaram no sangue de «*Chepa del Escorial*», aquele novilheiro que um touro encarniçado matou, no Verão do ano da República, com quarenta e tantas cornadas sem voltar a cabeça.

Rapazes e raparigas, em dois grandes grupos separados que se confundem ligeiramente na periferia, olham-se com um olhar bovino, caloroso e estranho. A charanga rompe a tocar o «pasodoble» *Suspiros de España*», e as raparigas, como a um sinal combinado, põem-se a dançar umas com as outras. Dançam movendo o ombro a compasso e arrastando os pés. Sobre a praça começa a erguer-se uma densa nuvem de pó que rescende a *churros*, suor e *pachulí*. Alguns dos rapazes, mais atrevidos, desfazem os pares de raparigas; há um momento de incerteza, que dura pouco, enquanto não se sabe ao certo quem vai dançar e com quem. Os rapazes dançam de cigarro na boca e não falam; trazem um olhar perdido e o boné de pala na mão direita, apoiada nas costas da rapariga. Os forasteiros, que são sempre mais decididos, dizem qualquer coisa.

— A menina dança muito bem! A rapariga sorri.

— Não, deixo-me mas é levar...

O rapaz faz um esforço e volta ao ataque. Antes disso olhou a rapariga nos olhos, olhos que lhe fogem como duas lebres espantadas.

— Como é que a menina se chama?

— Não seja curioso...

O rapaz, embora receba sempre

(Continua na 13.ª página)

POPularucho

A TOQUE DE CAIXA

Muito se marcha em Lisboa no mês de Junho!

Marcha-se principalmente a 45 rotações por minuto. Alice Amaro, Lenita Gentil, Ada de Castro, Maria da Fé, Verónica e outras conceituadas artistas da nossa praça, deram já a voz ao acetato com as inspiradas verdades de não menos conceituados poetas.

Lisboa, dos manjericos para o poeta sr. A. Vilar da Costa, vive este mês a toque de caixa. Cada bairro tem seu uso e sua marcha, e inspiração, vozes, talento, compasso e paciência são coisas que não faltam por aí.

E enquanto Santa Catarina passa, a Mouraria dá nas vistas ou Alcantara beija os navios, Lisboa marca passo.

«A Mosca» pousou em alguns dos poemas que a marchar se cantam este ano, para demonstrar a tese de que nas marchas populares de Lisboa há de tudo: história, literatura, arte, culinária, fair-play, anatomia, amor, devoção e o mais que adiante se verá. Com a devida vénia se transcrevem passagens de poemas de João Nobre, Vilar da Costa, Silva Nunes e Domingos Silva.

O FAIR-PLAY EM MARCHA

... Não há bairro como o de Carnide...
... na marcha mais linda que Lisboa tem (Mouraria)...
... na melhor marcha da nossa gente (Graça)...
... não há melhor marcha que a do Alto Pina...

A LITERATURA EM MARCHA

... ramalhetes de cantigas são os versos de Camões...

A HISTÓRIA EM MARCHA

... vem lembrar as naus de Goa...
... a fogueira que acenderam teus avós...
... a Julia Florista...
... Severas, fadistas...
... bairro da Rosa Maria...

A GEOGRAFIA EM MARCHA

... de S. Bento até ás Trinas...

A ANATOMIA EM MARCHA

... perna roliça...
... boca escaldante...
... corpo de enguia...
... arraiais no coração...
... mil corações...
... um coração vazio...

A ESTÉTICA EM MARCHA

... não há tão gira e tão bela...
... toda a beleza duma donzela...

O DESTINO EM MARCHA

... é S. Pedro quem destina o destino á Madragoa...
... é do mar que vem a sina que o destino da varina...
... nasceu para amar...

A ORDEM EM MARCHA

... o Bairro Alto sem reboliço...
... pensar idóneo...

A LIBERDADE POÉTICA EM MARCHA

... todo o mundo se levanta quando baila a Madragoa...
... Lisboa dá saltinhos...

O AMOR EM MARCHA

... acerta o passo pelo bater do coração...
... mal de amor não há quem sofra se namora o pescador...
... o sim dum coração...
... a marcha do amor...

A CULINÁRIA EM MARCHA

... há sardinha assada...
... pão feito de trigo...

A ARTE EM MARCHA

... tela dos grandes pintores...

A ARQUITECTURA EM MARCHA

... vielas estreitinhas...
... janelas com tabuinhas...
... craveiros nas janelas...

A DISCRIMINAÇÃO EM MARCHA

... se é de Santa Catarina venha cá menina...

A DEVOÇÃO EM MARCHA

... o santinho que é o meu patrono ..

A RIMA EM MARCHA

idóneo / António
fé / até / pé
disse / tolice
molhos / olhos
questão / gingão / mão / devoção / oração
reboliço / castiço
saltinhos / cavalinhos.

quod erat demonstradum.

patxi andion

«EU sou dos que nunca esquecem que uma canção se constrói com palavras e música. Mas o que verdadeiramente tem uma função, são as palavras.»

Quem isto afirma tem vinte e um anos, chama-se Patxi Andion e acrescenta:

«No porquê duma canção, a música e as palavras equivalem-se; no para quê, o importante é o que se diz».

Revelado em Portugal pelo Zip-Zip, Patxi chocou o público pela força e realismo das suas canções e pela dureza da sua voz.

«Há muita gente que estranha a minha voz. Reconheço que tenho uma voz dura e confesso que gostaria de ter uma linda voz de cantor de ópera. O que acontece é que não faço nada para a disfarçar. O que verdadeiramente me interessa é fazer ouvir as coisas que tenho para dizer».

A ausência de qualidades vocais é uma característica da moderna música popular. Nisso Patxi Andion não foge a uma regra quase generalizada. Nisso e no trazer para a sua música a realidade popular do país em que nasceu.

«A música é uma importante forma de expressão e de comunicação. Em Espanha têm-se divulgado através da canção grandes poetas, as suas ideias e as realidades sociais do país». E diz mais: *«Hoje em dia o disco está-se transformando numa forma de comunicação social extremamente importante. Segue de perto a imprensa, a rádio e a televisão. Ora essa força deve ser aproveitada, e isso está a acontecer em Espanha como noutros países, para que a canção diga o que é importante que se diga e se saiba».*

Patxi define cantando, a sua música:

«Canto a la tierra, canto al [dolor
canto a los hombres que [curte el sol
canto a los sueños, canto al [amor
canto a la madre que me [parió.
Canto a los hombres
que se definem
y hablan sin temor
y van trocando
unos susurros
en clamor.
Canto a los otros
que no les dejan
que sean quienes son...»

E especifica:

«Quase todas as minhas canções falam de gente, da gente obscura que vive na sombra por não ser brilhante ou por não lhe ser dada a possibilidade de ser outra coisa. Esteban, La Jacinta, La vieja viuda del mar, não são personagens das minhas canções mas da vida. É preciso que a canção seja

(Continua na 15.ª página)

BOLSA DO DISCO

— Cá, como em Inglaterra, Tommy Roe destronou os Beatles. Só que em Londres, «The ballad of John and Yoko», a obra post-Get Gack, ocupa já o segundo lugar.

— Os Moodies foram por fim descobertos pelos compradores de discos. Ameaçam Roe com uma canção excepcional saída do album «On the threshold of a dream».

— Os 5th Dimension subiram sete pontos na cotação da bolsa com a canção dupla «Aquarius/Let the sunshine in», da peça Hair.

— Duas entradas directas: as «ultimas» de Tom Jones e Fernando Tordo, que entretanto gravou um poema de Manuel da Fonseca. «Estradas» será mais alguma coisa do que uma tentativa honesta.

— Cotação efémera tiveram os Ohio Express: uma semana entre os «10 mais».

— Donovan continua a classificar-se, o que acontece desde a 1.ª Mosca. Na classificação do Billboard. «Atlantis» figura ainda em 15.º lugar.

— No que respeita ás 33 r. p. m., pouco a assinalar. Apenas a permanência no 1.º posto de «Cantares do Andarilho» e a entrada da família Gibb com o album Odessa.

— A Mosca informou-se nos sitios do costume: Discoteca Universal, Estabelecimentos Melodia e Valentim de Carvalho.

45 rpm

1.º (2.º) — *Dizzy* — Tommy Roe
2.º (6.º) — *Never comes the day* — Moody Blues
3.º (1.º) — *Get Back* — Beatles
4.º (11.º) — *Aquarius* — Fifth Dimension
5.º (3.º) — *Goodbye* — Mary Hopkin
6.º (4.º) — *Atlantis* — Donovan
7.º (8.º) — *My Sentimental friend* — Herman's Hermitts
8.º (9.º) — *Formiga Bossa Nova* — Amália
9.º (—) — *The windmills of your mind* — Fernando Tordo
10.º (—) — *Love me tonight* — Tom Jones

33 rpm

1.º (1.º) — *Cantares do Andarilho*
2.º (2.º) — *Funny Girl*
3.º (—) — *Odessa*
4.º (3.º) — *World Star Festival*
5.º (4.º) — *Goodbye*

3.ª Redacção da Guidinha

O meu Pai

A D. Eugénia hoje mandou todas as meninas fazerem uma redacção chamada «O Meu Pai» e isso é bom para mim porque lá na aula só eu é que conheço o meu pai elas não porque mesmo a Maricocas quando foi lá a casa foi a uma hora em que não estava lá o meu pai ele chama-se Jose e e escravo mas o tio Carlos não é porque o tio Carlos tem semana inglesa e o meu pai não e e por isso que ele é escravo mas mesmo que o meu pai tivesse semana inglesa não a podia meter lá em casa porque não cabia nem mesmo debaixo da televisão onde antigamente havia lugar mas agora não há porque a minha mãe guarda lá o Pirocas que é um coelho que veio da terra e a Lelecas que é uma coelha que nos saiu numa rifa e que estão lá à espera que a gente os coma no Natal se não derem outra vez a gratificação ao meu pai lá no escritório a gratificação é uma perua que há lá e que o meu pai julgava que lhe iam dar no Natal e não deram e ele disse que por isso é que íamos comer peixe congelado em lugar dela gratificação que era a perua com que ele contava e isto é uma injustiça porque o meu pai está sempre a dizer que tem direito à gratificação mas que o milho é todo para os patrões que devem ser muito maus e nós temos de comer daquele peixe que vem aos quadrados e que deve ser muito difícil de pescar porque não tem boca para morder o anzol e por isso tem de ser pescado à rede que é mais cara mas o meu pai não é só escravo é também bruxo porque adivinha mesmo as coisas que não se vêem como quando morreu o primo Aurélio que era muito velho e não tinha dentes mas tinha bicos de papagaio que ele não mostrava a ninguém o que é pena porque se eu tivesse bicos de papagaio trocava-os na escola por retratos da Simone e do Ary e do que fez a música da Desfolhada e depois trocava os retratos por bolos de coco com a criada do quinto esquerdo que colecciona retratos de artistas e de toureiros e tem um do Manuel dos Santos que tem o cabelo encaracolado e um do Almada Negreiros que se não toma cuidado fica sem cabelo que já tem pouco e vai o primo Aurélio veio a Lisboa tirar uma radiografia que é um retrato às tripas e às outras coisas que a gente tem lá dentro e veio cá para casa porque foi a primeira vez que veio a Lisboa e um dia ficou sòzinho em casa comigo porque a minha mãe e o meu pai foram pagar não sei o quê não sei aonde e ele foi à casa de banho e eu puz um dos meus patins à porta e ele quando saiu pôs um pé em cima do patim e o patim foi a correr com ele em cima aos gritos e só parou no meio do corredor quando o primo Aurélio bateu com a cabeça na esquina e caiu no chão e ficou a falar baixo sòzinho mas depois começou a babar-se todo que era muito porco o primo Aurélio e depois calou-se e não disse mais nada e eu fui a correr esconder o patim no fundo da arca onde a vovó guarda os chouriços que vêm da terra e que ela come à noite quando chega o fim do mês e a gente só come arroz disto e daquilo principalmente arroz de nada que é um que se faz num instante e é barato porque se o meu pai via o patim era capaz de mo tirar e eu quando os ouvi no patamar da escada comecei a gritar depressa acudam que deu uma coisa ao primo Aurélio e o meu pai entrou e ficou muito aflito e pôs o ouvido no peito do primo Aurélio que estava ali muito caladinho estendido no chão e o meu pai disse para a minha mãe este já patinou o que mostra como ele é bruxo porque não podia adivinhar porque eu tinha escondido o patim na arca onde a vovó guarda os chouriços e o meu pai trabalha todos os dias mas só ganha uma vez por mês e isso faz a vida muito difícil porque o dinheiro que o meu pai ganha de cada vez não chega até à outra vez e eu sei quando lá no escritório lhe pagam porque ele assobia na escada e no banho durante uma semana e depois não assobia mais e começa a queixar-se de tudo que é uma desgraça mas ele quando ganha quere comprar tudo a minha mãe é que não o deixa porque diz que ele é que compra mas ela é que paga como quando foi da televisão que todos viam e agora só a vovó é que vê e julga que os anúncios são dos filmes e diz que aquilo é sempre igual e que há lá uma menina que faz todos os dias a mesma pergunta duma pasta de dentes que limpa e de outra que faz bem aos dentes e que todos os dias lhe respondem e que ela não há meio de aprender a resposta e como quando foi da máquina de tirar retratos que a minha mãe diz que saiu do dinheiro da praça e do tapete novo que saiu das economias da minha educação e por isso devia ser meu porque eu é que fiquei sem educação mas não é porque quando eu lhe entornei a tinta encarnada em cima deviam ter pena de mim que sou a dona do tapete mas desataram aos gritos e o meu pai bateu-me como se o tapete fosse dele e está tudo dito sobre o meu pai que também é pai do Zeca e que é filho da vovó não sei porquê porque nunca lhe bata.

A MOSCA AVÓ

Um programa radiofónico de Lisboa lançou a magnífica ideia de se acrescentar ao calendário das manifestações folclórico-sentimentais o «*Dia da Avó*». Parece que a iniciativa vai de vento em popa e de comovida lágrima ao canto do olho. Avó Mosca sobressalta-se com tão original cometimento, que vem reforçar indiscutivelmente o nosso alto conceito de Sangue e Família. Há muito que, no mais segregado dos esquecimentos, ela comemorava o dia da família, sem que aos extremosos avós fosse dedicada uma hora por ano de comemoração com o respectivo impacto no comércio, na publicidade e na frequência modulada.

Mas felizmente fez-se justiça. Vamos ver as montras da Baixa decoradas com corpetes, botinas, «lorgnons», bandós, retratos de Rodolfos Valentinos, idaguerreotipos, mesinhas para o jogo do foto e mil e uma lembranças que os meninos de 1969 podem ternamente adquirir com vistas ao século passado.

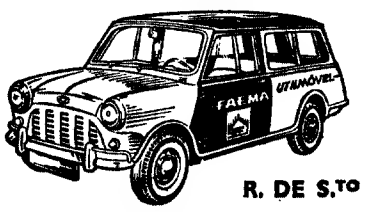
Comemorações como estas são sempre de saudar. Conhecido internacionalmente o nosso afecto à família e em particular às avós, é de esperar que elas tenham grande brilho e que instaurem uma nova tradição.

Em breve teremos a Obra das Avós — tudo o leva a crer. Será uma excelente oportunidade de convívio publico com os adultos.

A Tábua Rasa poderá organizar um almoço literário com Cármen de Figueiredo à cabeça. Vasco Morgado oferecerá récitas de espectáculos e brindes às espectadoras com mais de três netos de boa saúde mental comprovada.

E assim por diante.

Pelo exposto, «A Mosca» enfileira no glorioso enxame dos netos enternecidos e previne que de modo algum admite imitações grosseiras. Os primos, os órfãos e os parentes em terceiro grau podem desde já desiludir-se, que jamais terão o seu dia.

SUPREMA
A BALANÇA DE EIXOS ASSENTES EM PEDRAS DE AGATA
VISITE O NOSSO STAND NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA PAVILHÃO E

UTILMÓVEL
10 FILIAIS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA HOTELARIA E COMÉRCIO ALIMENTAR
R. DE S.TO AMARO (À ESTRELA), 17 A - LISBOA 2

Um conto de CAMILO JOSÉ CELA

(Continuação da 10.ª página)

a mesma resposta, fica uns instantes sem saber o que dizer.

— Ora a menina! Eu não sou curioso...

— Então?

— Era para a chamar pelo seu nome. Não quer dizer como é que se chama?

A banda arrancou com uma valsa e o par, que não se desprende, continua a conversa:

— Digo, pois. Chamo-me Paquita, para o servir.

Feita esta confissão, a rapariga fica um bocado atrapalhada e olha em seu redor.

— Olhe que isto é uma valsa, não me agarre com tanta força...

À valsa sucede um «pasodoble» e ao «pasodoble» outra valsa. De vez em quando, e como que para agradar a toda a gente, a charanga toca um fox de ritmo antigo, veloz e sincopado, como o voo dos gaviões.

Os pares têm um gesto entre cansado e ausente, e se prestassem um mínimo de atenção notariam que lhes doem os pés. A praça está apinhada com a gente das bancadas, das varandas, dos carros e dos balcões das tendas voltados, como um chocolate à espanhola, sobre a arena. Não se pode dar um passo, nem quase respirar. Ouve-se a campainha das rifas: «Há horas felizes! É a dez o número!» Berra o cornetim das variedades: «Os bailarinos de Paris, só por um dia». Grasna o velho torto dos *churros* chamando a atenção para a mercadoria: «Ai que eu deixo aqui a vida, estão a escaldar, estão a escaldar!» E um mendigo adolescente mostra as pernitas a um bando de criançada, pasmado e negra de pó.

Enquanto de muito longe vem caindo a noite, começam a acender-se as tímidas luzes da praça. Por sobre o rugido ensurdecedor do povo em festa distinguem-se uma vez por outra alguns compassos de «*Españ Cañí*». Se de repente, como por milagre, morressem todos os foliões, poderia ouvir-se nesse estranho silêncio o lamento sem esperança do pobre «*Horchatero Chico*», que com uma cornada na barriga ainda não acabou de morrer. «*Horchatero Chico*», vestido com o *traje de luces* e moribundo, está deitado sobre uma enxerga no salão nobre da Câmara. Rodeiam-no os peões de brega e um velho padre; o médico disse que passava por lá.

As luminárias vermelhas e verdes e amarelas e azuis das bancas de negócio também começam a acender-se. Um cachorro esquálido foge com um chouriço na boca por entre a gente e dois carteiristas vindos da capital actuam nas pessoas dos mirones duma partida de sueca no Café Madrileño.

Os rapazes mais afortunados falam, já sem dançar, com a rapariga propícia.

— Pois é como lhe digo, sou de ao pé daqui, sou de Collado.

A rapariga meneia-se como uma princesa.

— Ui, a malta da sua terra é toda uns bêbedos!

— Há pior, há pior.

— Isso é verdade...

Um grupo de raparigas, dando-se os braços, canta quadras com a música de «*Ay qué tío!*», e um grupo de magalas entoa canções patrióticas; ainda bem que são todos de Infantaria: se fossem de armas diferentes já tinham partido a cara uns aos outros.

Cai a noite; as perguntas dos rapazes adquirem um tom quase picante.

— Uma coisa, menina: tem namorado?

A rapariga fica sempre calada; por vezes ofendida; em certas ocasiões melindrada.

Um bêbedo perora sem ninguém a olhá-lo. Fóra da praça a brisa da noite sobe pelas vielas.

Sobrepondo-se ao surdo rumor do baile, quase ao compasso do «pasodoble» «*Pán y toros*», os sinos da matriz dobram a finados sem que ninguém os ouça.

«*Horchatero Chico*», natural de Colmenar, solteiro, de 24 anos de idade e matador de reses bravas (novilhos e touros) por profissão, acaba de entregar a alma a Deus.

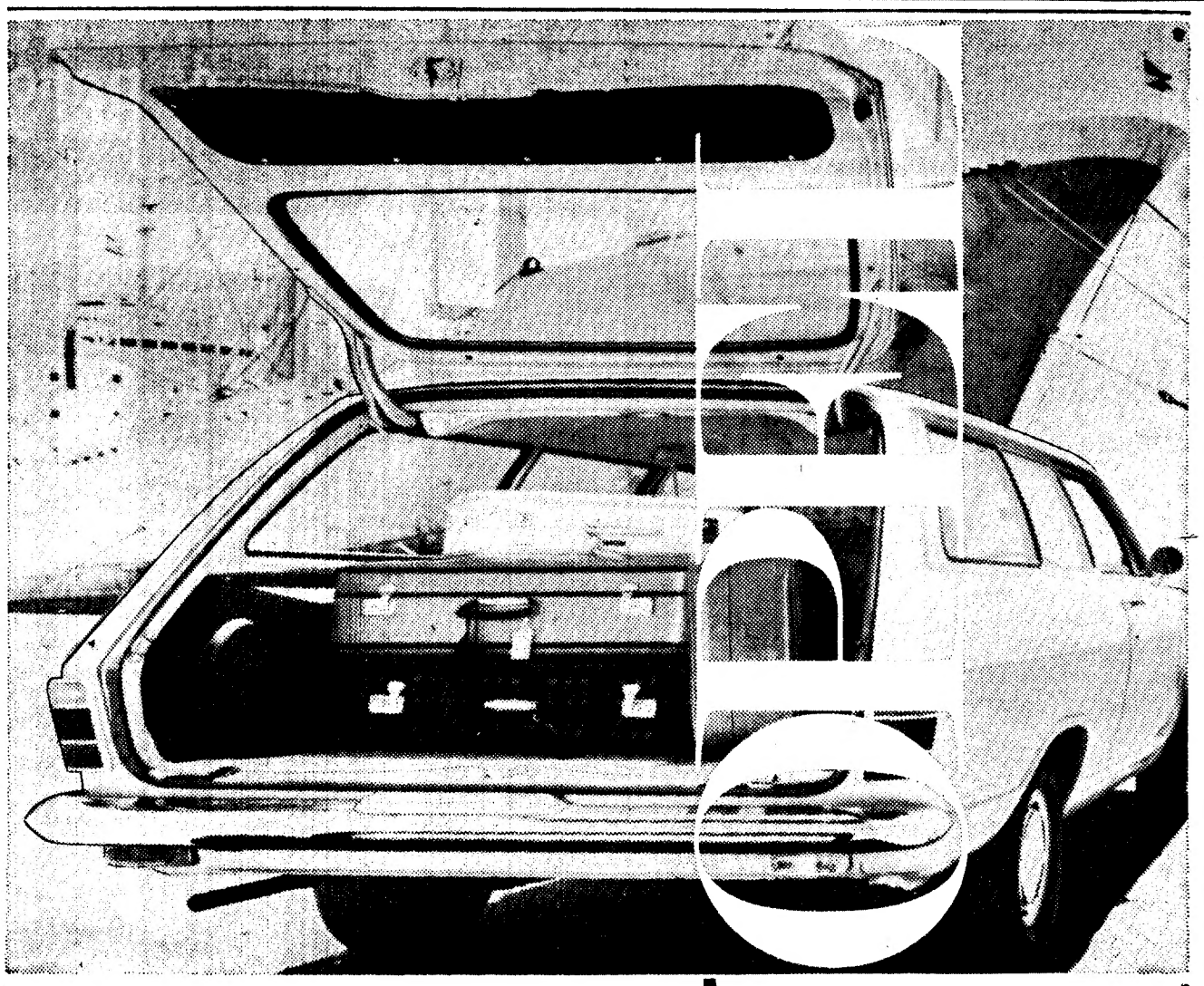
— Uma coisa, menina: já está comprometida?

A rapariga diz que não com um fio de voz emocionada.

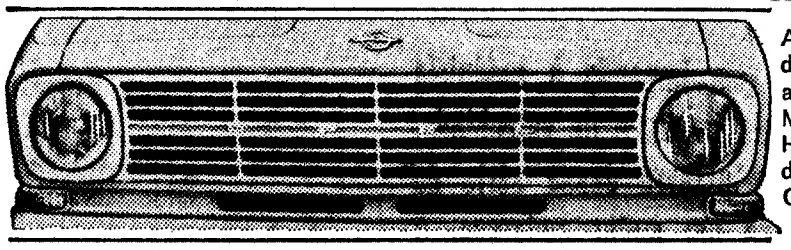
— Nesse caso dá licença que a prate por tu?

Ele e ela, no recanto mal iluminado, têm as mãos enlaçadas com ternura, como os bucólicos pares dos tapetes.

Um morcego voa, entontecido, a rasar os toldos de lona das tendas e das barracas.



A
EUROPA ELEGE
A SUA CARAVAN



Antes era difícil distinguir — entre tantas marcas diferentes — uma só que reunisse todas as características que exigimos numa CARAVAN. Mas isso era dantes!
Hoje a técnica alemã oferece-lhe a possibilidade de possuir a CARAVAN que faltava:
CARAVAN OPEL KADETT!

OPEL Kadett CarAVan

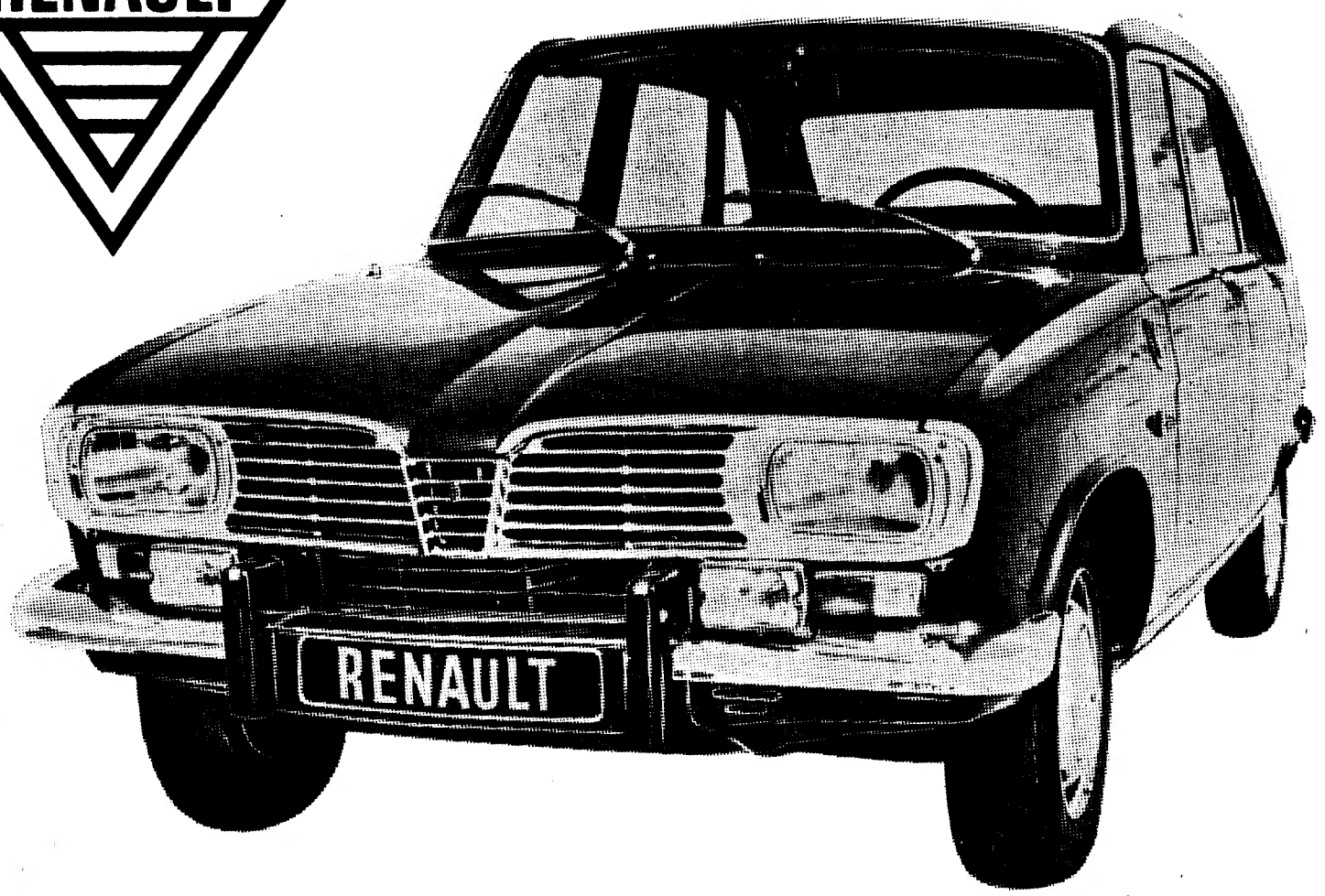
A TÉCNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU

GM OPEL
mark of excellence é de confiança

Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país.

70 anos de prestígio e personalidade

RENAULT



Há 70 anos que a Renault vem impondo à indústria automóvel novas concepções de linhas e de velocidade. O Renault 16 TS é a última palavra dessa série de triunfos. Tem a autoridade de um motor poderoso, a garantia de uma segurança irrepreensível e o super-conforto de uma exigência requintada. É evidentemente um carro de prestígio Renault.

RENAULT 16 TS

MONTADOS PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

RENAULT chegou... e ultrapassou!

importadores exclusivos:

U T I C Av. da Liberdade, 136-1.º — Lisboa Av. dos Aliados, 195 — Porto

EM EXPOSIÇÃO NOS AGENTES RENAULT

PUBLIARTE

25.º rosto

Um pouco de escândalo esvazia os armazéns

Este homem escreveu «A 25.ª Hora» que será a hora insólita, a hora honesta do quotidiano europeu. O livro foi «best seller» universal. Georghiu surgiu como voz independente que se ergue contra os totalitarismos e que põe a nu a verdadeira face da Roménia.

Eis, pois, Georghiu tal como aparece nas badanas dos seus livros. Ei-lo agora em Portugal, em corpo inteiro, a revelar-nos uma outra hora, a vigésima sexta. No Porto, a convite da Associação dos Homens de Letras, ele vai efectuar uma conferência sobre o fenómeno da contestação. Em Lisboa, o escritor que escolheu as vestes de monge, revela-se frontalmente com a sua face mais íntima escondida.

«Como é a Roménia?»

«A Roménia», disse-nos o romancista C. Virgil Gheorghiu, «é um estado-prisão com duas espécies de gente: os guardas e os prisioneiros.»

Alto, seco de carnes, sorriso fugidio encimado por um par de óculos perfeitamente anónimo, o autor de **A 25.ª Hora** não se escusou a falar. Fê-lo até com muita veemência, arredondando certas frases por meio de gestos onde ressumava um inegável talento histriónico.

«Vocês, portugueses, cristianizaram metade da humanidade. Agora é preciso cristianizar os bolchevistas!»

«Como é a Roménia?»

«A Roménia», disse-nos o ex-protegido de Gabriel Marcel, «é um país onde se tortura gente. Já pedi por várias vezes um salvo-conduto para lá voltar. Mas as autoridades francesas negam-me esse salvo-conduto. Acham que eu podia ser drogado e utilizado com fins de propaganda.»

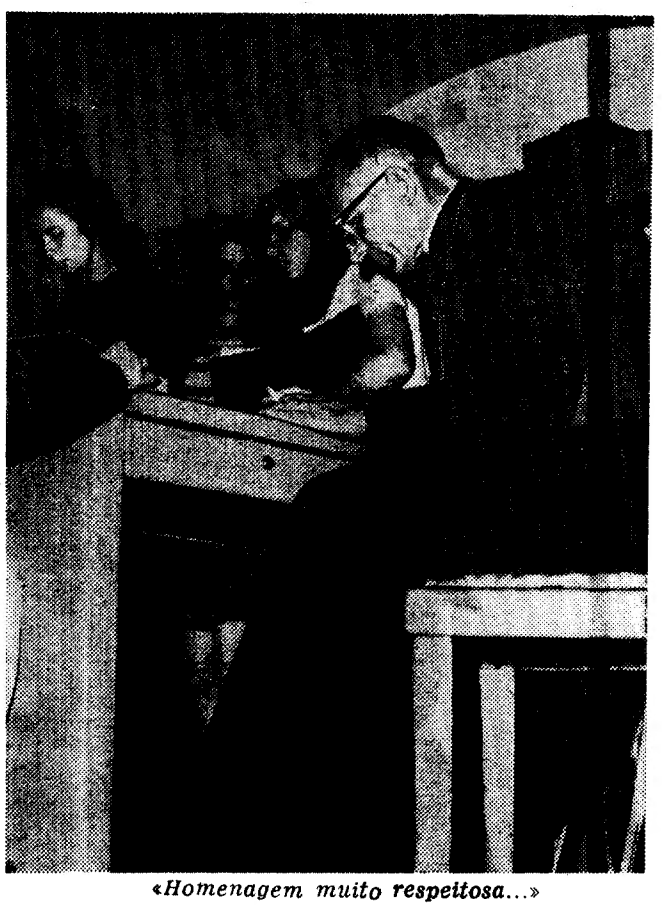
Radicado em Paris desde 1947, Virgil Gheorghiu publicava ali, pouco depois, a versão francesa do seu original (manuscrito) **A 25.ª Hora**. Foi um êxito. Estávamos em plena guerra-fria, e fábulas desse género serviam os desígnios do **State Department** e da **Central Intelligence Agency**. Tanto bastou para Gheorghiu conseguir um lugar ao sol na produção livreira.

«A Roménia», disse-nos há dias o intransigente anti-semita de Bucareste, «nada tem que ver com a tranquila imagem proposta pelo sr. Nicolae Ceausescu. É um país onde se passa muita, muita fome. O povo alimenta-se de milho e água. No Verão faz sopa de ervas para enganar o estômago.»

Os primeiros tempos de Gheorghiu em França foram um verdadeiro prelúdio da glória. Mas não tardou a sugerir-se que o exilado teria feito jogo pouco limpo durante a ocupação do seu país pelo exército alemão, e os mesmos intelectuais da direita que o incensavam — Gabriel Marcel á cabeça — voltaram rápidamente atrás.

Entretanto o escritor de grande venda nada sofreu com isso: um pouco de escândalo ajuda a esvaziar os armazéns. A sua terceira visita a Portugal, com sessões de autógrafos em Lisboa e no Porto, terminou agora e foi mais um consolador sucesso. Filas compactas de leitores (grande percentagem de leitoras, como pudemos averiguar) massacraram-no durante horas. Para todos havia uma frase bonita. Uma de duas frases: «Ao sr. fulano, homenagem muito respeitosa do autor» ou «Ao sr. fulano, recordação do nosso encontro em Lisboa».

(Ah, escrever sempre também cansa!)



«Homenagem muito respeitosa...»

MÁRTIR

«Há um ano fui a Nanterre falar aos **enragés**. Partiram-me os óculos e arrancaram-me a cruz».

«Teve medo?»

«Não. Zanguei-me, claro! Mas no fundo estava contente. A minha vocação é para mártir.»

Virgil Gheorghiu, oriundo duma família onde todos os filhos varões se ordenam desde há cinco séculos, é sacerdote ortodoxo.

«Pertenço á Santa Igreja Ortodoxa Romena em França», explicou-nos. «O meu arcebispo vive em Bucareste e é deputado comunista. Foi isso que eu comecei por dizer aos **enragés**.»

A cena veio em todos os jornais. Despedido com apupos, Virgil Gheorghiu não se deu por achado.

«Sou um homem só. Mas o Espírito Santo faz-me mais forte que todas as armadas do mundo.»

Continua a escrever torrencialmente. Os seus romances têm agora, porém, a estrutura frágil de tudo o que é feito á sobreposse: para pôr em dia o contrato.

ESPIÕES

Virgil Gheorghiu disse a um jornal da manhã que gostaria de escrever um sermão ao estilo das aventuras de James Bond.

«Seria um sucesso», argumentou, «ao mesmo tempo que se atingiriam os fins em vista.»

Aliás o homem só está cercado por espiões. O arcebispo comunista, as homilias sobre a paz no Vietnam, os padres funcionários do partido.

«Na Roménia a polícia secreta tem escolas de onde saem metropolitas e sacerdotes. Conheci alguns!», disse-nos Gheorghiu com voz exaltada.

Logo a seguir proporia outra imagem do sacerdote ortodoxo romeno, paupérrimo e classificado como parasita:

«Na Roménia os padres comem tão pouco... Não sei como resistem. Há camponeses, por exemplo, que deixam parte de um batatal por colher. O padre vai lá de noite e enche o seu saco...»

Terminou, arrebatado:

«A vida tem um gosto de cinza. O dia mais feliz da minha vida será quando morrer.»

Patxi Andion

(Continuação da 11.ª página)

algo mais do que uma coisa que se ouve còmodamente: que denuncie, desperte, mesmo que isso seja incómodo para quem ouve», e exemplifica, cantando de novo:

«La Jacinta dará olvido
la Jacinta vende amor,
cuántas horas de sudores
con su cuerpo requemó.

Cuánto frio, cuánta hambre
cuántos dias de luchar
se quedaron en el cuarto
que tiene encima del bar.»

Não apenas pela idade, mas sobretudo pela forma e conteúdo das suas canções, Patxi faz parte da mais recente e lucida geração da música popular de Espanha. Geração a que pertencem nomeadamente Luís Eduardo Aute, Manolo e Joaquin Diaz, Joan Manoel Serrat, Mari Trini, Ramon, Paco Ibañez, alguns dos que fizeram a música popular espanhola entrar na idade da razão.

«Ideològicamente formamos todos um movimento. Estamos unidos porque temos objectivos comuns» e a acrescenta *« creio que Serrat é a melhor voz da nova canção espanhola. Joaquim Diaz tem uma voz impessoal e pouco comunicativa, não interpreta quando canta. Ramon tem uma voz de fogo e apoia numa música deficiente palavras de grande actualidade, panfletárias. Paco Ibañez é o mais francês dos novos cantores espanhóis, muito Brassens»*.

É talvez com a canção francesa que a nova música de Espanha mais está aparentada. Leo Ferré terá influênciado mais os novos autores e intérpretes espanhóis do que Dylan.

«Reconheço a influência de Brel na maneira de construir uma canção. Mas o que verdadeiramente influenciou a minha música, e acho que mesmo a nossa música, foi o folclore do meu país».

A melodia moderna com raiz numa melodia tradicional, evolução natural, processo lógico na construção duma música verdadeiramente de expressão nacional.

«Quase todas as regiões de Espanha têm a sua música de caracteristicas definidas. No que respeita ao meu país, há uma enorme tradição musical. Cantam-se ainda hoje canções populares com mil e oitocentos anos. Existe portanto uma autêntica canção basca que no entanto, e apesar do Euskal Erriak ser um país muito fechado, sofreu inúmeras influências e que hoje está muito próxima, principalmente pela semelhança dos temas sociais que aborda, duma canção catalã, galega ou valenciana».

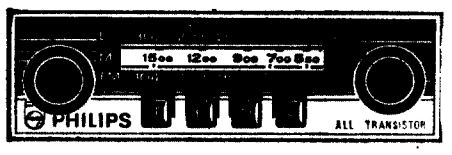
Mais autor que intérprete, Patxi Andion é, além de poeta-cantor e músico, escultor, pintor, jornalista e estudante de engenharia.

«São apenas aspectos diferentes da minha personalidade. Procuro ser eu próprio em cada uma dessas actividades, e ser eu próprio sem que tenha que fazer concessões, isto é, sem que para gravar as minhas canções tenha também que gravar a Juanita Banana. Pretendo acima de tudo dizer o que tenho para dizer»

À Mosca, disse.

O SEU CARRO TEM QUASE TUDO...

...Complete-o com um AUTO-RADIO PHILIPS



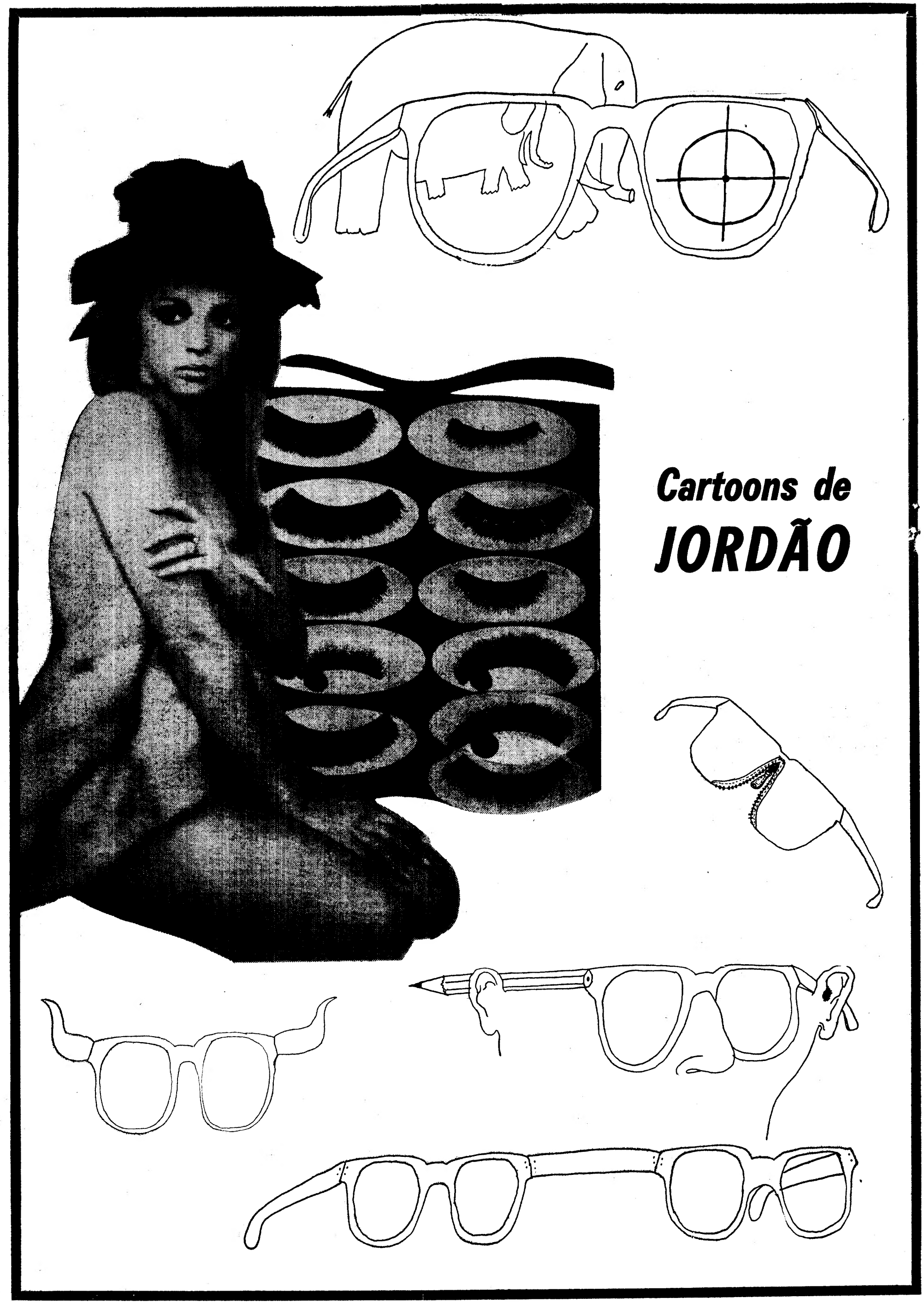
9 MODELOS À SUA ESCOLHA COM A QUALIDADE, O SERVIÇO E A GARANTIA DE UMA MARCA FAMOSA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PHILIPS EM TODO O MUNDO

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS

PHILIPS Serviço

MONTAGENS NO CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA: AV. LUÍS BIVAR, 85-A R. PINHEIRO CHAGAS, 66 LISBOA – TELEF. 56 02 00 MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA • ACESSÓRIOS DE ORIGEM.



Cartoons de JORDÃO